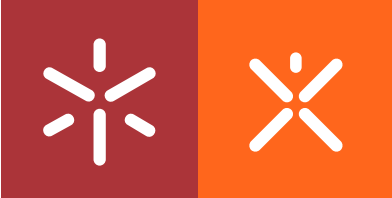


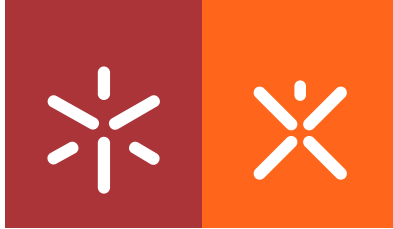


Cristiana Isabel Martins da Silva

Do Meio Local ao Global: experiências didáticas em Educação Pré-Escolar e no 1.º ciclo do Ensino Básico

Universidade do Minho
Instituto de Educação





Universidade do Minho
Instituto de Educação

Cristiana Isabel Martins da Silva

**Do Meio Local ao Global: experiências
didáticas em Educação Pré-Escolar e no
1.º ciclo do Ensino Básico**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Cristiana Martinha Maia Oliveira
Fonseca Costa**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

“A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo.”

(Paulo Freire)

Deixo, nestas páginas iniciais, palavras de profundo agradecimento às pessoas que estiveram ao meu lado ao longo do meu percurso académico e pessoal. A conclusão deste relatório de estágio representa não apenas o culminar de uma etapa formativa, mas também o reflexo do apoio, da compreensão e do amor de quem me acompanhou de perto, tornando este caminho possível e significativo.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu marido, companheiro de todas as horas, pelo apoio incondicional, pela paciência nos momentos mais exigentes e pela força constante que me transmitiu. Obrigada por acreditar em mim, por caminhar ao meu lado mesmo nos dias mais difíceis e por nunca me deixar desistir. O teu incentivo foi essencial para que eu chegasse até aqui.

À minha filha, com apenas 8 anos, deixo um agradecimento muito especial. Obrigada pela tua compreensão, pelos abraços apertados, pelos sorrisos que iluminaram os dias mais cansativos e por seres a minha maior fonte de motivação. Tudo o que faço é, também, por ti e para ti.

Aos meus pais, agradeço de coração por todo o amor, apoio e valores que me transmitiram ao longo da vida. Obrigada por acreditarem em mim, por estarem sempre presentes e por me ensinarem a importância do esforço, da perseverança e da humildade. Sem vocês, nada disto faria sentido.

À professora Doutora Cristiana, supervisora do presente relatório de estágio, agradeço profundamente pela orientação, disponibilidade, dedicação e confiança. Obrigada por todas as reflexões, pelo acompanhamento atento e por acreditar no meu trabalho e no meu potencial enquanto futura docente.

Às professoras orientadoras, Anabela e Sónia, deixo um agradecimento especial pela partilha de saberes, pelo apoio constante e pelos conselhos tão valiosos ao longo deste percurso. A vossa orientação contribuiu de forma significativa para o meu crescimento profissional e pessoal.

A todos vós, que fizeram parte desta caminhada e contribuíram para a concretização deste sonho, o meu mais sincero obrigada. Cada gesto, cada palavra e cada apoio tiveram um papel essencial nesta conquista, que guardarei para sempre no meu coração.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Do Meio Local ao Global: experiências didáticas em Educação Pré-Escolar e no 1.º ciclo do Ensino Básico

Resumo

O presente relatório de estágio resulta da realização da Prática de Ensino Supervisionada do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, no ano letivo de 2025/2026. A escolha do tema *“Do Meio Local ao Global: experiências didáticas em Educação Pré-Escolar e no 1.º ciclo do Ensino Básico”* surge da intenção de promover, desde a infância, uma compreensão progressiva do mundo que rodeia as crianças, partindo do seu meio local para a descoberta do planeta Terra, dos continentes e da diversidade existente à escala global.

Este projeto procurou desenvolver nos alunos uma consciência espacial e geográfica, bem como atitudes de curiosidade, respeito e valorização da diversidade natural e cultural do mundo. As atividades propostas assumiram um papel central no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que permitiram enriquecer as experiências educativas, motivar os alunos, ampliar as suas oportunidades de aprendizagem e favorecer o seu desenvolvimento integral. A abordagem do Meio Local articulada com a dimensão global revelou-se fundamental para ajudar as crianças a compreenderem o seu lugar no mundo e a relação entre os diferentes espaços e povos.

O projeto realizou-se em contextos educativos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa instituição pertencente a um Agrupamento de escolas, localizado no concelho de Barcelos. Na Educação Pré-Escolar, as intervenções centraram-se na exploração do meio envolvente e na descoberta inicial do planeta Terra, através de atividades lúdicas e exploratórias. No 1.º Ciclo, o projeto foi implementado numa turma do 2.º ano de escolaridade, envolvendo 20 alunos, onde se aprofundaram conceitos relacionados com o globo terrestre, os continentes e a diversidade do mundo, recorrendo a estratégias diversificadas.

As intervenções realizadas permitiram constatar o elevado interesse e envolvimento das crianças nas atividades propostas, bem como a sua evolução na compreensão do espaço geográfico, desde o meio local até à dimensão global. Os alunos revelaram entusiasmo nas descobertas realizadas e demonstraram maior consciência acerca da diversidade do planeta, evidenciando aprendizagens significativas e duradouras.

Palavras-chave: Educação Geográfica, Educação Pré-Escolar, Ensino do 1ºciclo do Ensino Básico, Estudo do Global, Estudo do Meio Local.

From the local to the global environment: didactical experiences in kindergarten educational and 1st cycle of Basic Education

Abstract

This internship report results from the Supervised Teaching Practice carried out in the second year of the Master's Degree in Early Childhood Education and Primary Education, during the 2025/2026 academic year. The choice of the theme *"From the Local Environment to the Global: Discovering Planet Earth and the Continents"* arises from the intention to promote, from early childhood onwards, a progressive understanding of the world that surrounds children, starting from their local environment and moving towards the discovery of Planet Earth, the continents, and the diversity that exists on a global scale.

This project aimed to develop pupils' spatial and geographical awareness, as well as attitudes of curiosity, respect, and appreciation for the natural and cultural diversity of the world. The proposed activities played a central role in the teaching-learning process, as they enriched educational experiences, motivated pupils, broadened their learning opportunities, and fostered their holistic development. The articulation between the local environment and the global dimension proved fundamental in helping children understand their place in the world and the relationships between different spaces and peoples.

The project was implemented in Early Childhood Education and Primary Education contexts, in an institution belonging to a school cluster located in the municipality of Barcelos. In Early Childhood Education, the interventions focused on exploring the surrounding environment and on an initial discovery of Planet Earth through playful and exploratory activities. In Primary Education, the project was carried out in a second-grade class with 20 pupils, where concepts related to the globe, the continents, and world diversity were further developed, using diversified strategies.

The interventions made it possible to observe a high level of interest and engagement among the children, as well as their progress in understanding geographical space, from the local environment to the global dimension. The pupils showed enthusiasm for the discoveries made and demonstrated greater awareness of the planet's diversity, revealing meaningful and lasting learning.

Keywords: Geographical Education, Global Studies, Kindergarten Education, Local Environment Studies, Primary Education (1st Cycle of Basic Education).

Índice

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS.....	ii
Agradecimentos.....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA).....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice de Figuras.....	ix
Índice de Gráficos.....	xiii
Índice de tabelas.....	xiv
Lista de abreviaturas.....	xv
Introdução.....	1
Capítulo I – Contextos de Intervenção e de Investigação.....	5
1.1. Agrupamento e Projeto Educativo dos Contextos de Intervenção e de Investigação.....	6
1.2. Caracterização da Instituição.....	8
1.2.1. Caracterização dos Alunos – Educação Pré-Escolar.....	9
1.2.2 Caracterização dos Alunos – 1.º Ciclo do EB.....	10
Capítulo II – Enquadramento Teórico.....	13
Capítulo III – Metodologia de Investigação e Intervenção.....	25
Capítulo IV – Implementação de atividades relativas ao Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada.....	28
4.1. Descrição das atividades implementadas na Educação Pré-Escolar.....	28
4.2. Planos de aulas desenvolvidas na Educação Pré-Escolar.....	31
4.3. Reflexões das intervenções efetuadas na Educação Pré-Escolar.....	35
4.4. Descrição das atividades implementadas no 1.º CEB.....	46
4.5. Planos de aulas desenvolvidas no 1.ºCEB.....	53
4.6. Reflexões das intervenções efetuadas no 1.ºCEB.....	58
Capítulo V – Análise dos dados recolhidos.....	73
5.1. Análise dos dados da Educação Pré-Escolar.....	73
5.1.1. Análise das respostas apresentadas pelos alunos no inquérito por questionário de avaliação das aulas lecionadas e da docente no Pré-Escolar.....	74

5.1.2. Breve conclusão sobre o Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada no Pré-Escolar	76
5.2. Análise dos dados do 1.º CEB	77
5.2.1. Análise das respostas apresentadas pelos alunos no inquérito por questionário sobre as atividades implementadas 1.º Ciclo do EB	79
5.2.2. Breve conclusão sobre o Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionadas no 1.º CEB	81
Considerações finais, limitações e recomendações	84
Referências bibliográficas	92
Anexos	95

Índice de Figuras

Figura 1- Esquema concetual de competência do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, 2017, p. 19.....	7
Figura 2 – Sala da Educação Pré-Escolar	10
Figura 3 - Planta da sala do 2.ºano do 1.ºciclo do EB	12
Figura 4 - Sala do 1.º ciclo do EB	12
Figura 5 - Representação gráfica da aprendizagem socioconstrutivista.	24
Figura 6 - Mapa da minha escola	29
Figura 7 - Construção do "mapa da minha escola"	29
Figura 8 - Pintura dos Galos	29
Figura 9 - Pintura em grande grupo.....	29
Figura 10 - Observação da bandeira de Portugal	30
Figura 11 - Jogo da memória	30
Figura 12 - Construção do mural.....	30
Figura 13 - Afixação do mural.....	30
Figura 14 – Plano de aula 1 – 14 de novembro de 2025	31
Figura 15 - Plano de aula 2 – 21 de novembro de 2025	32
Figura 16 - Plano de aula 3 – 2 de dezembro de 2025	33
Figura 17 - Plano de aula 4 – 5 de dezembro de 2025	34
Figura 18 - Percurso pela escol	37
Figura 19 - Construção do "mapa da minha escola"	37
Figura 20 - Colagem em grande grupo	37
Figura 21 - Mapa finalizado	37
Figura 22 - Instrumento de avaliação	37
Figura 23 - Pintura dos Galos em grande grupo.....	39
Figura 24 - Pintura dos Galos	39
Figura 25 - Lenda do Galo.....	39
Figura 26 - Lenda do Galo adaptada por mim.....	39
Figura 27- Instrumento de avaliação.....	40
Figura 28 - Observação da bandeira de Portugal	42
Figura 29 - Observação da bandeira em grande grupo.....	42

Figura 30 - Pintura da bandeira de Portugal	42
Figura 31 - Pintura da bandeira de Portugal	42
Figura 32 - Identificação de Portugal	42
Figura 33 - Jogo da memória com materiais recicláveis	42
Figura 34 - Jogo da memória	43
Figura 35 - Instrumento de avaliação	43
Figura 36 – Leitura do livro “Respeitem-se e tratem-se bem”	45
Figura 37 - Construção mapa do Meio Global	45
Figura 38 - Colagem das mãos	45
Figura 39 - Colagem das mãos dos alunos no mural	45
Figura 40- Mural do Meio Global	45
Figura 41 - Afixação do Mural na Escola	45
Figura 42 - Instrumento de avaliação	46
Figura 43 - Apresentação do tapete do super doc	47
Figura 44 - Percurso com o super doc.....	47
Figura 45 - Mó.....	49
Figura 46 - Estação de sequência de acontecimento	49
Figura 47- Visita à casa da Azenha	49
Figura 48 - Puzzle Mapa de Portugal.....	50
Figura 49 - Escrita das perguntas no quadro	50
Figura 50 - Colocação dos continentes no quadro.....	51
Figura 51 - Afixação do mural.....	52
Figura 52 - Supervisão entre estações.....	52
Figura 53 - Estações dos continentes	52
Figura 54 - Plano de aula 1 - 24 de março de 2026.....	53
Figura 55 - Plano de aula 2 - 28 de abril de 2026 a 30 de abril de 2026	54
Figura 56 - Plano de aula 3 - 5 maio de 2026	55
Figura 57 - Plano de aula 4 - 12 de maio de 2026 a 13 de maio de 2026.....	56
Figura 58 – Apresentação do tapete.....	60
Figura 59 - Jogo de consolidação sobre os serviços.....	60
Figura 60 - Tapete super doc.....	60
Figura 61 - Percurso com o super doc.....	60

Figura 62 - Percurso em grupos	60
Figura 63 - Explicação do funcionamento do super doc	60
Figura 64 - Mó casa da Azenha	62
Figura 65 - Visita casa da Azenha	62
Figura 66 - Estação sobre o antigo e o atual	63
Figura 67 - Estação sobre o antigo e o atual	63
Figura 68 - Estação de sequência sobre as atividades beira rio	63
Figura 69 - Estação sequencial	63
Figura 70 - Visita exterior casa da Azenha	63
Figura 71 - Chuva de ideias sobre a visita	63
Figura 72 - Visita casa da Azenha	63
Figura 73 - Estação sequencial das etapas de cada atividade à beira rio	63
Figura 74 – Ficha sobre a casa da Azenha	64
Figura 75 – Ficha sobre a casa da Azenha	64
Figura 76 – Estação.....	64
Figura 77 – Visita à casa da Azenha	64
Figura 78 – Estação 4	64
Figura 79 – Ficha de produção escrita	65
Figura 80 – Ficha de produção escrita	65
Figuras 81, 82, 83 e 84 – Guião da visita de estudo.....	65
Figura 85 - Escrita de perguntas no quadro	67
Figura 86 - Puzzle de Portugal	67
Figura 87 - Construção do puzzle de Portugal.....	67
Figura 88 - Recorte do puzzle de Portugal	67
Figura 89 - Explicação do puzzle	67
Figura 90 - Colocação dos continentes	67
Figura 91 - Colocação dos continentes	68
Figura 92 - Colocação dos continentes em grupos.....	68
Figura 93 - Identificação dos continentes.....	68
Figura 94 - Visualização do Globo.....	68
Figura 95 - Respostas às perguntas feitas	68
Figura 96 - Mural exposto no corredor da Escola	70

Figura 97 - Mural " o Mundo cabe na nossa sala"	70
Figura 98 - Construção do mural.....	71
Figura 99 - Diálogo sobre os trabalhos	71
Figura 100 - Escolha dos trabalhos para o mural	71
Figura 101 - Continente da Antártica	71
Figura 102 - Supervisão estações.....	71
Figura 103 - Estação do continente Americano	71
Figura 104 - Estação do continente Europeu.....	71
Figura 105 - Estação do continente Asiático	71
Figura 106 - Estação do continente da Oceânia	72
Figura 107 - Afixação do mural " O Mundo cabe na nossa sala"	72
Figura 108 - Estação do continente Africano	72
Figuras 109, 110, 111 e 112 – Inquérito por questionário de avaliação	79

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Gostaram das atividades?	75
Gráfico 2- Atividade preferida	80
Gráfico 3- Evolução entre atividades	81

Índice de tabelas

Tabela 1 - Idade e sexo das crianças do Pré-Escolar do Ensino Básico	9
Tabela 2 - Idade e sexo dos alunos do 2.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico	10

Lista de abreviaturas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CATL – Centro de Atividades de tempos livres

EB – Ensino Básico

“A criança não é um vaso que se enche, mas uma fonte que se deixa jorrar.”

(Maria Montessori)

Ao meu companheiro, pela paciência infinita, pelo apoio constante e pelo incentivo silencioso em cada passo desta jornada.

Pelo acreditar em mim, mesmo quando duvidei de mim própria, pelo partilhar do cansaço e das alegrias, e por ser a minha força nos momentos em que mais precisei.

À minha filha que com os seus 8 anos me ensina diariamente o valor da curiosidade, da perseverança e da alegria no aprender.

Por cada sorriso, cada pergunta e cada descoberta que partilhamos, mostrando-me, de forma simples e genuína, como olhar para o mundo com olhos atentos, coração aberto e amor pela aprendizagem.

Introdução

Neste relatório de estágio pretendo apresentar e refletir sobre as atividades de investigação e intervenção pedagógica desenvolvidas no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, realizadas ao longo do ano letivo de 2025/2026, nos contextos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O presente trabalho resulta de um percurso de observação, planificação, intervenção e reflexão crítica, desenvolvido em contexto real de sala de aula, permitindo uma aproximação progressiva à prática profissional docente e ao desenvolvimento de competências fundamentais para o exercício da docência.

O Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, intitulado “Do Meio Local ao Global: experiências didáticas em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, teve como principal finalidade promover aprendizagens significativas através da exploração progressiva do meio envolvente, partindo do contexto mais próximo das crianças, o Meio Local, até à compreensão de realidades mais amplas, como o Meio Nacional e o Meio Global. Esta abordagem permitiu estruturar um percurso pedagógico coerente, sequencial e articulado, favorecendo o desenvolvimento de competências essenciais ao nível da perceção espacial, identidade, cidadania, diversidade cultural e conhecimento do mundo.

A escolha desta temática surgiu da relevância atribuída ao ensino das Ciências Sociais e do Estudo do Meio enquanto áreas fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças. Desde cedo, as crianças demonstram curiosidade natural em relação ao espaço que as rodeia, às diferentes culturas, aos países e às formas de vida existentes no mundo. Assim, considerou-se pertinente a construção de um projeto que valorizasse essa curiosidade, transformando-a em aprendizagens estruturadas, significativas e contextualizadas. Para além disso, a necessidade de promover valores de cidadania, inclusão e respeito pela diversidade cultural, cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, constituiu igualmente um fator determinante para a escolha deste tema.

Vivemos atualmente numa sociedade caracterizada pela globalização e pela diversidade cultural, onde a escola assume um papel central na formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos. Neste sentido, torna-se fundamental proporcionar às crianças experiências educativas que lhes permitam compreender o mundo em que vivem, respeitar diferentes culturas e desenvolver atitudes de cooperação, tolerância e respeito pelo outro. A escola, enquanto espaço multicultural, deve promover

práticas pedagógicas que favoreçam a inclusão e a valorização da diferença, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Neste enquadramento, o presente projeto procurou orientar a prática pedagógica no sentido da exploração progressiva do meio, promovendo aprendizagens ativas e significativas, centradas na participação das crianças. Através de metodologias diversificadas, como atividades manipulativas, jogos, exploração de recursos visuais e tecnológicos, trabalho colaborativo e aprendizagem experiencial, pretendeu-se potenciar o envolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A implementação do presente Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada implicou a definição de objetivos gerais e específicos que orientaram toda a prática educativa desenvolvida ao longo das diferentes intervenções.

Objetivos gerais

1. Promover a exploração progressiva do meio local, nacional e global através de experiências didáticas significativas em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico;
2. Desenvolver nas crianças competências ao nível da perceção espacial, identidade cultural, cidadania e respeito pela diversidade;
3. Fomentar aprendizagens significativas através de metodologias ativas, lúdicas e participativas;
4. Estimular a curiosidade, o pensamento crítico e o interesse pelo conhecimento do mundo envolvente;
5. Promover atitudes de cooperação, respeito e valorização da diferença cultural.

Objetivos específicos

1. Identificar e compreender características do meio local através da exploração do espaço envolvente;
2. Desenvolver noções de orientação espacial e localização geográfica através de mapas, globos e recursos didáticos diversificados;
3. Reconhecer Portugal no contexto europeu e mundial, identificando símbolos nacionais e características geográficas relevantes;
4. Explorar os continentes e os oceanos de forma progressiva e adequada ao nível de desenvolvimento das crianças;

5. Promover o contacto com diferentes culturas e modos de vida, sensibilizando para a diversidade cultural;
6. Desenvolver competências de comunicação, cooperação e trabalho em grupo;
7. Utilizar recursos tecnológicos, visuais e manipulativos como suporte à aprendizagem;
8. Estimular a criatividade, a expressão oral e escrita e a participação ativa nas atividades propostas.

A implementação deste projeto foi sustentada por uma perspetiva pedagógica centrada na criança, valorizando a aprendizagem ativa e significativa. Considera-se que o ensino deve partir das experiências e conhecimentos prévios dos alunos, promovendo a construção progressiva do conhecimento através da exploração, da descoberta e da interação com o meio.

No contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o conhecimento do meio assume um papel fundamental na construção da identidade da criança, permitindo-lhe compreender o espaço em que vive, reconhecer a sua pertença a uma comunidade e desenvolver gradualmente uma visão mais alargada do mundo. A abordagem do local ao global surge, assim, como uma estratégia pedagógica coerente e adequada ao desenvolvimento cognitivo e social das crianças destas faixas etárias.

Para além disso, este projeto assume uma forte dimensão educativa no domínio da cidadania, promovendo valores como o respeito, a inclusão, a cooperação e a valorização da diversidade cultural. Estes aspetos são fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, capazes de interagir de forma positiva numa sociedade multicultural e em constante transformação.

O presente relatório encontra-se estruturado em vários capítulos, organizados de forma a apresentar de forma clara e sistemática todo o percurso desenvolvido ao longo do estágio.

No **Capítulo I- Contextos de Intervenção e de Investigação**, são apresentados e caracterizados os contextos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como as instituições e os grupos de crianças envolvidos, permitindo compreender o enquadramento onde o projeto foi implementado.

No **Capítulo II – Enquadramento Teórico**, é apresentada a revisão da literatura relacionada com as temáticas centrais do projeto, nomeadamente a exploração do meio, a aprendizagem significativa, a

educação para a cidadania, a diversidade cultural e a importância das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem.

O **Capítulo III – Metodologia de Investigação e Intervenção**, descreve a metodologia adotada, os instrumentos de recolha de dados utilizados e as estratégias de observação e análise aplicadas ao longo das intervenções.

No **Capítulo IV – Implementação das Atividades do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada**, são descritas detalhadamente as atividades desenvolvidas nos dois contextos educativos, bem como as estratégias, recursos e materiais utilizados, acompanhadas de uma reflexão crítica sobre as práticas implementadas.

O **Capítulo V – Análise dos dados recolhidos**, contempla a análise dos resultados obtidos ao longo das intervenções, bem como a reflexão sobre o impacto das atividades no desenvolvimento das crianças.

Por fim, o capítulo das **Considerações finais limitações e recomendações**, onde se apresenta uma reflexão global sobre todo o percurso de estágio, evidenciando as principais aprendizagens, dificuldades, limitações e contributos do projeto para o desenvolvimento da identidade profissional docente.

Capítulo I – Contextos de Intervenção e de Investigação

O presente capítulo apresenta o contexto educativo de intervenção e investigação que sustentou a presente investigação-ação. Neste sentido, considera-se pertinente proceder à caracterização das instituições de ensino onde decorreu o estágio pedagógico, bem como das crianças e grupos envolvidos.

Numa fase inicial, são analisados os documentos normativos e orientadores disponibilizados pelas instituições e pelas educadoras/professoras cooperantes. Posteriormente, é realizada a descrição dos contextos educativos, efetuada antes do início da prática de ensino supervisionada, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas existentes.

No primeiro tópico, são apresentadas informações relevantes sobre o agrupamento de escolas e o respetivo Projeto Educativo, no qual se inserem os contextos de intervenção. Nos tópicos seguintes, com o objetivo de evidenciar as especificidades de cada contexto, são caracterizados o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, respetivamente.

Importa ainda referir que, ao longo de todo o estágio pedagógico, tanto no contexto de Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo, a intervenção foi realizada de forma individual, dado o núcleo de estágio ser constituído apenas por um elemento.

1.1. Agrupamento e Projeto Educativo dos Contextos de Intervenção e de Investigação

A sede do Agrupamento onde decorreu o estágio localiza-se, no concelho de Barcelos, distando 5 km da cidade de Barcelos e 25 km da cidade de Braga. Este território caracteriza-se por uma conjugação de elementos rurais e urbanos, proporcionando um contexto educativo diversificado. A região apresenta um património cultural significativo e espaços naturais que favorecem atividades ao ar livre, contribuindo para o bem-estar e desenvolvimento das crianças.

O agrupamento tem alunos provenientes maioritariamente de freguesias com características mistas, onde coexistem atividades agrícolas e industriais. O setor industrial, com destaque para a indústria têxtil, continua a assumir um papel relevante na economia local, sendo uma das principais fontes de emprego. Paralelamente, tem-se verificado um crescimento do setor terciário, refletindo uma evolução gradual das condições socioeconómicas. No entanto, persistem alguns desafios ao nível da escolaridade e qualificação da população, o que influencia os contextos familiares de muitos alunos.

No que respeita aos recursos humanos, o agrupamento integra um conjunto diversificado de profissionais, incluindo docentes, técnicos especializados e assistentes operacionais, que asseguram o funcionamento das diferentes valências educativas. Para além disso, conta com serviços de apoio, como o Serviço de Psicologia e Orientação, que contribuem para o acompanhamento e desenvolvimento integral dos alunos.

Relativamente à oferta educativa, o Agrupamento integra diferentes níveis de ensino, desde a Educação Pré-Escolar até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico e secundário, proporcionando uma continuidade educativa ao longo do percurso escolar dos alunos. As escolas que constituem o agrupamento dispõem de recursos tecnológicos e pedagógicos que facilitam a organização e gestão das atividades educativas, bem como o acesso à informação por parte da comunidade escolar.

O agrupamento participa ainda em diversas iniciativas e projetos educativos, quer a nível local quer nacional, que enriquecem o currículo e promovem o desenvolvimento de competências essenciais nos alunos. Estas parcerias e projetos contribuem para a construção de aprendizagens mais significativas e para o desenvolvimento pessoal e social das crianças.

A análise do Projeto Educativo do Agrupamento evidencia uma forte valorização da inclusão, do bem-estar e do sucesso educativo de todos os alunos. Num contexto marcado pela diversidade, torna-se

fundamental promover valores como o respeito, a empatia, a igualdade de oportunidades e a valorização da diferença. Estes princípios assumem um papel central na construção de um ambiente educativo positivo e acolhedor, onde cada criança se sente integrada e valorizada.

A missão do agrupamento assenta no desenvolvimento integral dos alunos, promovendo não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e cívicas. Pretende-se formar cidadãos autónomos, críticos, participativos e responsáveis, capazes de intervir de forma consciente na sociedade.

Neste sentido, o Projeto Educativo orienta-se por princípios como a equidade, a inclusão, a participação e a cooperação, assegurando uma abordagem educativa centrada no aluno enquanto sujeito ativo do seu processo de aprendizagem. A valorização das características individuais, interesses e necessidades de cada criança permite a construção de percursos educativos mais ajustados e significativos. Visa formar pessoas autónomas, responsáveis e cidadãos ativos (Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória) (figura 1). Parte do princípio de que “No Presente Se Constrói o Futuro”, dado que se deve ter sempre em mente os valores que sustentam o comprometimento de vários princípios e pretende dar relevância a novas vivências no espaço educativo, a relações entre educadores e crianças, a influências do meio e da comunidade local, a responsabilidades individuais e coletivas e o conhecimento em si é algo crucial. Deste modo, o referido projeto contempla um conjunto de princípios, metas e objetivos a própria instituição tem em simultâneo com os seus colaboradores e as famílias. Foi elaborado com o intuito de responder aos interesses e necessidades das crianças que frequentam o agrupamento.



Figura 1- Esquema conceitual de competência do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, 2017, p. 19.

Por fim, destaca-se a forte aposta do agrupamento em questões relacionadas com a cidadania, evidenciada nos seus objetivos estratégicos e nos valores que promove. Entre estes, salientam-se a

qualidade do conhecimento, o incentivo à participação ativa e à reflexão, o respeito pelo outro, a inclusão, a igualdade de oportunidades, a solidariedade, a sustentabilidade e a formação para a cidadania. Estes princípios orientam a ação educativa e contribuem para a formação de indivíduos conscientes, responsáveis e comprometidos com a sociedade.

1.2. Caracterização da Instituição

Em primeira instância, importa descrever a instituição na qual foi desenvolvido o plano de intervenção pedagógica em contexto de Educação Pré-Escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico. A escola onde decorreu o estágio localiza-se no concelho de Barcelos, pertencente ao distrito de Braga. Localiza-se a cerca de 5 km do centro da cidade, beneficiando de boas acessibilidades.

É uma instituição pública. O meio socioeconómico onde se insere é caracterizado por famílias de nível socioeconómico médio/médio baixo, com alguns casos de maior vulnerabilidade económica.

Relativamente às valências que integram a instituição, subdividem-se em: pré-escolar, 1º ciclo do EB, 2º ciclo do EB, 3º ciclo do EB e ensino secundário. Acolhe crianças e jovens com idades entre os 3 anos e os 18 anos. O corpo docente e não docente é composto por profissionais qualificados, empenhados em proporcionar um ambiente educativo seguro, inclusivo e promotor de aprendizagens significativas. Quanto às instalações, no que se refere à Educação Pré-Escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico, pode dizer-se que se encontram em bom estado de conservação, sendo o edifício composto por 3 salas de pré-escolar, 9 salas de 1º ciclo (sendo que no 1.º ciclo o edifício tem dois pisos), 1 sala de CATL, 1 bloco sanitário no pré-escolar, 4 blocos sanitários no 1º ciclo, 1 sala de expressões/informática, 1 gabinete de coordenação, 1 gabinete de apoio, 1 sala de apoio pedagógico, 1 gabinete de material didático de matemática, 1 polivalente e 2 recreios no exterior pavimentados. De referir que o 1º ciclo e pré-escolar não têm refeitório, sendo as refeições feitas por uma empresa exterior à escola. Os alunos almoçam numa parte do polivalente, onde existe mesas e cadeiras e uma instalação para a comida permanecer quente. É ainda de referir que o local se caracteriza pelo sossego, não existindo fontes de grande ruído externo. Após uma breve caracterização da instituição, surge a necessidade de proceder a uma análise mais pormenorizada dos grupos onde decorreu o estágio.

1.2.1. Caracterização dos Alunos – Educação Pré-Escolar

O destaque vai para o facto de o grupo ser heterogéneo, com um total de 20 crianças, treze do género masculino e sete do género feminino e com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos (tabela 1 e figura 2).

Tabela 1 - Idade e sexo das crianças do Pré-Escolar

	5 anos	6 anos
Masculino	9	4
Feminino	5	2

(Fonte: elaborada pelo autor)

Era um grupo dinâmico, curioso e participativo, com níveis de desenvolvimento e maturidade muito equivalentes. Duas das crianças tinham necessidades específicas, e três crianças beneficiam de terapia da fala em contexto escolar e outros dois em contexto ambulatorio e, por fim, duas das crianças usufruíam do apoio da equipa de intervenção precoce (ELI6). Estas particularidades tornaram o grupo diversificado e um pouco desafiante, promovendo a reflexão constante sobre as práticas pedagógicas e a importância de um ambiente educativo inclusivo.

De forma geral, o grupo demonstrava interesse pelas atividades práticas, lúdicas e de exploração do meio envolvente, participando com entusiasmo em momentos de diálogo, expressão plástica, jogos e atividades manipulativas. As crianças revelavam curiosidade em descobrir novos espaços, objetos e realidades, colocando frequentemente questões e partilhando experiências do seu quotidiano. Observava-se também uma boa relação entre pares, verificando-se momentos de cooperação, partilha e ajuda mútua durante as atividades desenvolvidas.

No que diz respeito às áreas de desenvolvimento, a maioria das crianças apresentava competências adequadas à faixa etária ao nível da comunicação oral, motricidade global e interação social. Contudo, algumas revelavam ainda dificuldades ao nível da concentração, gestão de emoções e motricidade fina, necessitando de maior apoio e acompanhamento em determinadas tarefas.

A nível comportamental, o grupo demonstrava, na generalidade, interesse e motivação pelas propostas apresentadas, respondendo positivamente a atividades dinâmicas e participativas. A rotina da sala

encontrava-se bem estruturada, permitindo às crianças adquirir progressivamente maior autonomia na realização das tarefas diárias e na gestão dos diferentes momentos educativos.

O interesse demonstrado pelas crianças em explorar o meio próximo e descobrir novos conhecimentos justificou a escolha do tema “Do Meio Local ao Global: experiências didáticas em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico”. Este projeto procurou partir das vivências e conhecimentos do quotidiano das crianças para promover a descoberta do mundo que as rodeia, estimulando atitudes de curiosidade, respeito, valorização do meio envolvente e consciência ecológica.



Figura 2 – Sala da Educação Pré-Escolar

1.2.2 Caracterização dos Alunos – 1.º Ciclo do EB

A turma do 2.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, era constituída por 20 alunos, sendo onze do sexo masculino e nove do sexo feminino (tabela 2 e figuras 3 e 4).

Tabela 2 - Idade e sexo dos alunos do 2.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico

	7 anos	8 anos
Masculino	7	4
Feminino	6	3

(Fonte: elaborada pelo autor)

Importa ainda referir que um dos alunos integra o grupo de crianças com necessidades educativas específicas, beneficiando de acompanhamento e de medidas de apoio ajustadas às suas características e necessidades, de forma a promover o seu desenvolvimento e inclusão no contexto de sala de aula.

No que diz respeito à deslocação para a escola, a quase totalidade dos alunos utilizava transporte particular, sendo que a maioria frequentava o ATL antes do início das atividades letivas, a partir das 8h. Este aspeto influenciava a rotina diária das crianças, contribuindo para uma maior permanência no contexto escolar.

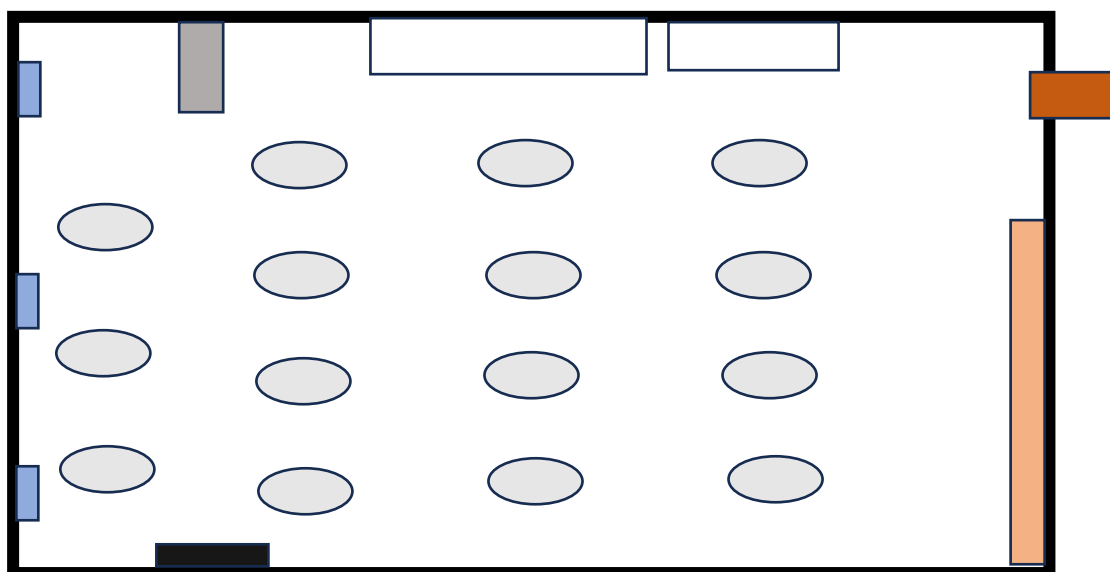
Relativamente ao desenvolvimento das crianças, de um modo geral, este encontrava-se adequado à faixa etária. Ainda assim, verificavam-se algumas diferenças individuais, nomeadamente ao nível da maturidade, da capacidade de atenção e concentração e do cumprimento de regras. Um dos alunos demonstravam dificuldades em manter comportamentos adequados em sala de aula e nos diferentes espaços da escola, sendo necessário um acompanhamento mais próximo e a implementação de estratégias de autorregulação.

Ao nível das aprendizagens, a turma apresentava, globalmente, um bom desempenho. A maioria dos alunos evidenciava um ritmo de trabalho adequado e uma boa capacidade de aquisição de conhecimentos, participando nas atividades propostas de forma positiva.

No que se refere ao comportamento, existiam um aluno mais falador e com alguma dificuldade em respeitar as regras previamente estabelecidas em grande grupo.

De uma forma geral, tratava-se de um grupo com um bom potencial de aprendizagem, evidenciando um desempenho global acima da média para o nível de escolaridade em que se encontram. A maioria dos alunos acompanhava adequadamente o ritmo de trabalho proposto, demonstrando autonomia e capacidade de compreensão dos conteúdos. No entanto, cerca de quatro alunos necessitavam de um acompanhamento mais individualizado, devido a algumas dificuldades ao nível das aprendizagens, tornando-se essencial a implementação de estratégias diferenciadas para apoiar o seu progresso e garantir uma evolução mais consistente.

Figura 3 - Planta da sala do 2.º ano do 1.º ciclo do EB



Legenda:

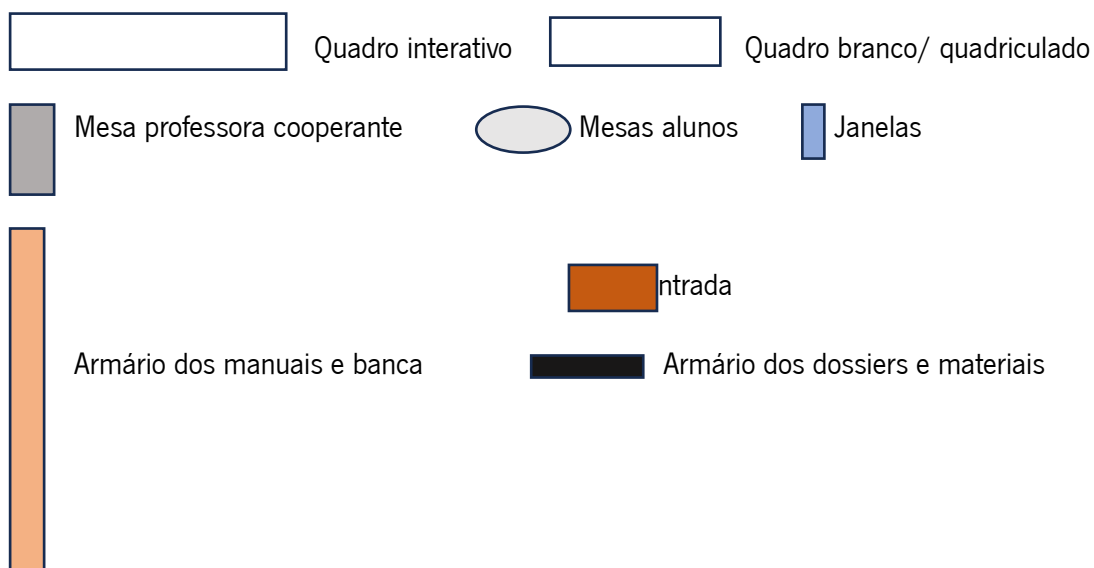


Figura 4 - Sala do 1.º ciclo do EB

Capítulo II – Enquadramento Teórico

“O conhecimento do espaço e do ambiente em que vivemos é essencial para compreendermos o mundo e o nosso lugar nele” (Cachinho 2019).

A Educação Geográfica e científica, desde os primeiros anos de escolaridade, desempenha um papel fundamental na formação de crianças curiosas, observadoras e críticas, capazes de compreender as relações entre o ser humano e o meio envolvente. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016), a descoberta do Meio deve partir da exploração do ambiente próximo, permitindo que a criança observe, formule hipóteses e construa conhecimento a partir da sua experiência.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, o domínio do Estudo do Meio consolida e amplia estas aprendizagens, articulando saberes de Geografia, da História e das Ciências Naturais. Este domínio visa o desenvolvimento de competências de observação, investigação e interpretação da realidade, ajudando as crianças a compreender as interações entre o meio físico, biológico e social (Ministério da Educação, 2018). A Geografia, neste contexto, não se reduz à memorização de nomes e locais; trata-se de compreender o espaço vivido e reconhecer que este insere-se em diferentes escalas, do local ao global.

A aprendizagem geográfica desenvolve-se de forma gradual, acompanhando o crescimento cognitivo e emocional da criança. De acordo com Piaget (1973), a compreensão espacial constrói-se a partir da ação e da experiência concreta, evoluindo do egocentrismo para uma visão mais ampla do espaço. Assim, o Meio Local constitui o ponto de partida natural do processo educativo, pois é nele que a criança observa, manipula e estabelece relações diretas com o ambiente. Ao conhecer o seu bairro, a sua escola ou o seu jardim, a criança começa a desenvolver noções de orientação, distância e direção, fundamentais para a compreensão do espaço geográfico.

A partir desta base, o educador ou professor deve orientar a criança na transição do local para o nacional, ajudando-a a conhecer o seu país, as paisagens que o caracterizam, as suas tradições e a sua diversidade natural e cultural. Esta progressão gradual permite compreender que o espaço vivido faz parte de um todo mais vasto e interligado. Segundo Castellar (2017), o ensino da Geografia deve favorecer a leitura do mundo, levando as crianças a perceber que os fenómenos naturais e sociais estão interligados e que o ser humano tem um papel ativo nas transformações do território.

Num segundo momento, e com o avanço das aprendizagens, torna-se possível abordar a escala mundial, levando as crianças a reconhecer os continentes, oceanos, climas e paisagens globais. Através da observação de imagens, vídeos, mapas e globos, compreendem que o planeta é diverso e interdependente, e que todos partilhamos responsabilidades na sua preservação. Tal como defende Morin (2002), a educação contemporânea deve ajudar as crianças a “situar-se no mundo”, desenvolvendo consciência planetária e ecológica.

A articulação entre Geografia e as Ciências Naturais é, neste contexto, indispensável. O conhecimento científico, através da observação e da experimentação, permite compreender os fenómenos naturais que influenciam as paisagens e os ecossistemas, promovendo uma visão integrada do ambiente. As estratégias de intervenção pedagógica devem, por isso, ser práticas e exploratórias: observação direta do meio, registo e análise de dados, experiências, saídas de campo e projetos interdisciplinares.

Segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem ocorre através da interação social e da mediação do adulto. Assim, cabe à educadora/professora criar contextos ricos em experiências significativas, que incentivem a criança a observar, questionar, discutir e interpretar o que a rodeia. A professora assume o papel de mediador entre o conhecimento científico e a experiência infantil, ajudando as crianças a construir uma compreensão cada vez mais estruturada e crítica do espaço e do mundo.

Neste sentido, a descoberta do meio é muito mais do que um conjunto de atividades: é um processo de construção de identidade, pertença e cidadania. Ao compreenderem o seu meio local e a sua ligação ao planeta, as crianças desenvolvem valores de respeito pela natureza, pela diversidade e pela sustentabilidade. A escola, enquanto espaço privilegiado de formação, tem o dever de fomentar esta consciência ambiental e global desde os primeiros anos, preparando cidadãos capazes de pensar globalmente e agir localmente. O ensino da Geografia e das Ciências Naturais no Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do EB, deve basear-se na observação, na exploração e na relação entre diferentes escalas geográficas, partindo do concreto e próximo para o abstrato e distante. Através de estratégias ativas e de um olhar interdisciplinar, a educadora e a professora contribui para o desenvolvimento do pensamento geográfico, científico e ecológico, formando crianças que compreendem o mundo, e o seu papel nele, de forma crítica, informada e responsável. A literatura tem vindo a reforçar que a relação da criança com o espaço não se constrói apenas através da transmissão teórica, mas sobretudo por meio de experiências vividas, que permitem atribuir significado aos lugares. Castro (2022) destaca que a formação de educadores e professores do 1.º Ciclo do EB deve mobilizar os recursos locais,

articulando o currículo com o território e valorizando as experiências pedagógicas em contexto real. Segundo o autor, as aprendizagens tornam-se mais efetivas quando os alunos têm oportunidade de vivenciar os espaços, observar fenómenos naturais e interagir diretamente com o ambiente, reforçando a ligação afetiva e cognitiva ao território.

Esta perspetiva dialoga com autores como Dewey (1938), que defendia que a aprendizagem ocorre através da experiência e com Kolb (1984), para quem o conhecimento se constrói num ciclo contínuo entre ação, reflexão e conceptualização. Assim, a exploração do meio natural, como parques, jardins, montes, rios ou zonas históricas, constitui um recurso pedagógico valioso para consolidar aprendizagens geográficas e científicas.

O artigo de Castro (2022) também evidencia a relevância de uma formação inicial e contínua que integre práticas pedagógicas em espaços exteriores, permitindo aos futuros professores compreender como planear atividades significativas no meio local. Os fins-de-semana pedagógicos dinamizados no Parque Natural da Serra de São Mamede demonstraram que, quando o professor vive experiências educativas em contexto real, desenvolve maior sensibilidade para a importância do território no processo de ensino-aprendizagem.

A reflexão realizada pelos formandos e a posterior aplicação das atividades em contexto de Prática Pedagógica confirmaram dois aspetos essenciais:

- As crianças reforçam a ligação ao espaço, sentindo-o como parte da sua identidade.
- As aprendizagens tornam-se mais eficazes, porque partem da experiência concreta e envolvem emoções, descobertas e interações sociais ricas.

Este contributo é coerente com o que Vygotsky (1998) defende relativamente ao papel do ambiente social e cultural na construção do conhecimento, e dialoga com a ideia de Morin (2002) sobre a necessidade de educar para a complexidade e para uma consciência ecológica e planetária.

A literatura contemporânea tem reforçado a importância da Educação ao Ar Livre (Outdoor Education) como estratégia para promover a curiosidade, a autonomia e a compreensão do meio envolvente. Autores como Lloyd, Truong e Gray (2018) sublinham que o contacto com ambientes naturais potencia o bem-estar emocional, a capacidade de observação, a criatividade e o pensamento crítico.

Neste contexto, a abordagem defendida por Castro (2022) insere-se numa tendência mais ampla que valoriza: aprendizagens ativas; experiências sensoriais; trabalho cooperativo; exploração autónoma e a interligação das áreas do currículo.

Estas práticas revelam-se especialmente relevantes no Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do EB, uma vez que a criança aprende através do corpo, da ação e da relação com o contexto. Ao vivenciar trilhos, mapas, orientações no terreno, observar espécies, identificar formas do relevo ou compreender o ciclo da água no meio natural, a criança desenvolve o pensamento geográfico e científico de forma integrada.

Um dos aspetos centrais evidenciados por Castro (2022) é a noção de que as experiências positivas no espaço promovem uma maior ligação das crianças ao território, o que favorece atitudes de cuidado, responsabilidade e pertença.

Assim, as saídas de campo e a exploração do meio constituem não apenas estratégias didáticas, mas também oportunidades para desenvolver cidadania territorial e ambiental, promovendo: consciência ecológica; respeito pelo património natural e cultural; sentido de identidade local; responsabilidade social.

Com base na reflexão teórica e nos contributos do artigo analisado, destaca-se que o professor deve assumir um papel ativo como promotor de experiências educativas contextualizadas. Para isso, é necessário: planejar atividades no meio local; articular conteúdos com os recursos do território; favorecer a observação, a investigação e a experimentação; criar contextos colaborativos entre pares e estimular a reflexão antes, durante e após a experiência.

A prática pedagógica descrita por Castro (2022) demonstra que a presença ativa do professor deve ser no terreno e como mediador e não apenas transmissor, isto facilita a construção de aprendizagens significativas, reforçando a perspetiva socio construtivista de Vygotsky (1998) e a aprendizagem experiencial de Kolb (1984).

A discussão sobre a formação de educadores e professores do 1.º Ciclo do EB evidencia a importância de introduzir conceitos geográficos desde os primeiros anos de escolaridade. Castro, argumenta que, em Portugal, a Geografia e a educação para o espaço só ganham autonomia curricular a partir do 3.º Ciclo do Ensino Básico. No entanto, o autor defende que conceitos geográficos podem e devem ser introduzidos desde o pré-escolar, utilizando paisagens e narrativas como instrumentos para estimular a compreensão espacial e desenvolver competências essenciais ao cidadão do século XXI.

Esta perspectiva reforça a necessidade de uma formação inicial de professores que prepare futuros educadores para trabalhar com crianças em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo, promovendo aprendizagens significativas desde cedo. As experiências didático-pedagógicas conduzidas por Castro, demonstram que, com orientação adequada e supervisão das práticas pedagógicas, é possível aplicar conceitos geográficos de forma adaptada às crianças, favorecendo a exploração do meio, a observação de fenómenos e a construção de conhecimento ativo. Este artigo evidencia dois pontos essenciais:

- A formação de professores deve incluir vivências em contexto real, como fins de semana pedagógicos ou saídas de campo, para que compreendam como mobilizar o espaço local no ensino.

- O ensino da Geografia no pré-escolar e no 1.º Ciclo do EB não se limita à memorização de conteúdos, mas desenvolve competências de observação, análise e interpretação do meio, promovendo o pensamento crítico, a curiosidade e a autonomia das crianças.

Assim, a prática pedagógica e a formação docente são inseparáveis: professores que experienciam e refletem sobre o espaço conseguem projetar atividades significativas que conectam o conhecimento científico ao mundo vivido pelas crianças. Este princípio reforça a ideia de Vygotsky (1998) de que a aprendizagem é mediada socialmente, e a de Kolb (1984) sobre aprendizagem experiencial.

Ou seja, a integração de conceitos geográficos no ensino precoce contribui para a formação integral da criança, permitindo que desenvolva senso de identidade, pertença ao território e consciência ambiental, tal como evidenciado na abordagem ao Parque Natural da Serra de São Mamede (Castro, 2022). Trabalhar o espaço desde cedo não só promove a compreensão do meio local, mas também prepara as crianças para entenderem relações mais amplas entre fenómenos naturais, culturais e sociais, fomentando cidadania responsável e ecológica.

A reflexão sobre o ensino da Geografia nos primeiros anos de escolaridade implica repensar não apenas os conteúdos abordados, mas sobretudo as metodologias utilizadas. Neste sentido, Castro critica uma abordagem centrada na transmissão de grandes quantidades de conteúdos, defendendo que tal prática conduz essencialmente à memorização, limitando o desenvolvimento de competências fundamentais. Segundo o autor, ao tentar “ensinar tudo”, a escola acaba por comprometer a capacidade dos alunos de procurar, selecionar e interpretar informação de forma crítica e autónoma.

Esta perspectiva está alinhada com as orientações de organismos internacionais como a UNESCO, a OCDE e a Comissão Europeia, que valorizam o desenvolvimento de competências transversais essenciais ao século XXI, tais como criatividade, pensamento crítico, tomada de decisão, autonomia e capacidade de gestão da informação. Assim, mais do que acumular conhecimentos, torna-se essencial preparar as crianças para compreender e atuar num mundo em constante mudança.

De referir mais uma vez, que a educação nos primeiros anos de vida assume um papel determinante no desenvolvimento global da criança, sendo essencial que as práticas pedagógicas estejam fundamentadas em perspectivas teóricas consistentes e articuladas com a realidade educativa. Neste sentido, diversos autores têm vindo a reforçar a importância de compreender a criança como um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, valorizando a sua capacidade de observar, questionar, explorar e construir conhecimento a partir da interação com o meio envolvente.

Segundo Bruner (1996), a aprendizagem é um processo ativo em que o indivíduo constrói novas ideias com base nos seus conhecimentos prévios. O autor destaca a importância da aprendizagem por descoberta, defendendo que o papel do educador ou professor passa por organizar o ambiente educativo de forma a estimular a curiosidade e a investigação. Esta perspectiva revela-se particularmente relevante no contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, onde a exploração do meio assume um papel central no desenvolvimento de competências cognitivas e sociais. Ao proporcionar situações de descoberta, o docente promove não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia.

Na mesma linha, Ausubel(2003) enfatiza a importância da aprendizagem significativa, defendendo que novos conhecimentos só são verdadeiramente assimilados quando se relacionam com estruturas cognitivas já existentes. Assim, torna-se fundamental partir das experiências prévias das crianças, valorizando o seu conhecimento do mundo e promovendo aprendizagens contextualizadas. No domínio do Estudo do Meio, esta abordagem implica considerar o meio local como ponto de partida, permitindo que a criança construa conhecimento a partir daquilo que lhe é familiar.

A teoria ecológica de Bronfenbrenner (1979) contribui também para a compreensão do desenvolvimento infantil, ao destacar a influência dos diferentes contextos em que a criança está inserida. O autor defende que o desenvolvimento resulta da interação entre múltiplos sistemas, como a família, a escola e a comunidade. Neste sentido, a articulação entre estes contextos torna-se essencial para promover aprendizagens significativas e coerentes. A escola deve, assim, assumir-se como um

espaço aberto à comunidade, valorizando o envolvimento das famílias e integrando o meio local no processo educativo.

No contexto da Educação Pré-Escolar, Oliveira-Formosinho (2007) defende uma pedagogia participativa, centrada na criança, que valoriza a sua iniciativa, interesses e necessidades. A autora sublinha a importância de criar ambientes educativos ricos e estimulantes, onde a criança possa explorar, experimentar e construir conhecimento de forma ativa. O papel do educador é, neste contexto, o de mediador, que observa, escuta e orienta, promovendo experiências significativas e desafiadoras.

Segundo David Weikart e Mary Hohmann, na obra *Educar a criança* (Hohmann & Weikart, 2011), a abordagem HighScope valoriza a aprendizagem pela ação como elemento central no desenvolvimento da criança. Os autores defendem que, através do ciclo planejar-fazer-rever, as crianças assumem um papel ativo no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo competências de autonomia, responsabilidade e reflexão. Esta perspetiva revela-se particularmente importante na exploração do meio, uma vez que incentiva a observação direta, a experimentação e a análise das experiências vividas.

Por sua vez, a abordagem de Reggio Emilia, inspirada em Malaguzzi (1998), valoriza a criança como um sujeito competente, capaz de construir conhecimento através da interação com os outros e com o ambiente. O conceito de ambiente como “terceiro educador” destaca a importância da organização do espaço educativo, que deve ser pensado de forma intencional para promover a curiosidade, a criatividade e a investigação. A documentação pedagógica assume também um papel fundamental, permitindo tornar visível o processo de aprendizagem e promover a reflexão sobre as experiências vividas.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, a prática pedagógica deve orientar-se para o desenvolvimento de competências, tal como defende Perrenoud (2000). O autor sublinha a importância de preparar os alunos para mobilizar conhecimentos em situações reais, promovendo a resolução de problemas, o pensamento crítico e a autonomia. No âmbito do Estudo do Meio, isto traduz-se na capacidade de compreender o mundo, interpretar fenómenos e estabelecer relações entre diferentes elementos do meio físico e social.

Zabala (2015) acrescenta que o ensino deve integrar diferentes tipos de conteúdos: conceptuais, procedimentais e comportamentais, de forma articulada. Assim, não basta que os alunos adquiram conhecimentos, é igualmente importante que desenvolvam competências práticas e atitudes de responsabilidade, respeito e cidadania. No contexto da educação geográfica e científica, isto implica promover atividades que envolvam observação, investigação e reflexão crítica.

Coll (2001) reforça a importância do papel ativo do aluno na construção do conhecimento, defendendo que a aprendizagem ocorre através da interação com o meio e com os outros. O autor destaca o papel do professor como mediador, responsável por criar situações de aprendizagem significativas e por apoiar os alunos na construção de conhecimentos estruturados. Esta perspectiva está em consonância com a abordagem socioconstrutivista, que valoriza a interação social como elemento central do processo de aprendizagem.

No domínio das Ciências, Martins et al. (2007) destacam a importância de promover a literacia científica desde os primeiros anos de escolaridade. Segundo os autores, as crianças devem ser incentivadas a observar, questionar, experimentar e interpretar fenómenos naturais, desenvolvendo uma compreensão crítica do mundo que as rodeia. A aprendizagem das Ciências deve, assim, basear-se em atividades práticas e investigativas, que promovam o envolvimento ativo dos alunos.

A educação para a cidadania constitui também uma dimensão essencial do currículo. O relatório de Delors (1996) identifica quatro pilares fundamentais da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Estes princípios orientam a construção de práticas pedagógicas que promovem o desenvolvimento integral da criança, preparando-a para participar de forma ativa e responsável na sociedade.

No âmbito da educação ambiental, Palmer (1998) defende que é fundamental promover não apenas o conhecimento, mas também atitudes e valores que conduzam à ação. A autora destaca a importância de experiências diretas com o meio natural, que permitam às crianças desenvolver uma ligação afetiva à natureza. Esta ligação é essencial para a construção de uma consciência ecológica e para a adoção de comportamentos sustentáveis.

Beane (1997) propõe a integração curricular como forma de tornar a aprendizagem mais significativa e relevante. Ao articular diferentes áreas do conhecimento em torno de temas ou problemas reais, o professor promove uma compreensão mais global da realidade, favorecendo o desenvolvimento de

competências transversais. No contexto do Estudo do Meio, esta abordagem permite integrar conhecimentos de Geografia, História e Ciências Naturais, promovendo uma visão holística do mundo.

A avaliação assume também um papel fundamental no processo educativo. Black e Wiliam (1998) destacam a importância da avaliação formativa, que permite acompanhar o progresso dos alunos e ajustar as práticas pedagógicas às suas necessidades. A avaliação deve ser contínua, diversificada e centrada no processo, valorizando o desenvolvimento de competências e não apenas os resultados finais.

Para além disso, autores como Hohmann e Weikart (2011) reforçam a importância de ambientes de aprendizagem que promovam a iniciativa e a autonomia das crianças. Segundo estes autores, a organização do espaço, a diversidade de materiais e a qualidade das interações são elementos essenciais para o desenvolvimento de aprendizagens significativas.

A perspetiva de aprendizagem experiencial de Kolb (1984) continua a assumir relevância, ao destacar que o conhecimento se constrói através de um ciclo contínuo que envolve experiência concreta, reflexão, conceptualização e experimentação ativa. Esta abordagem reforça a importância de proporcionar às crianças experiências diversificadas e oportunidades de reflexão sobre o que aprendem.

Também Dewey (1938) defende que a educação deve basear-se na experiência, considerando que a aprendizagem ocorre quando os indivíduos interagem de forma significativa com o seu ambiente. Para o autor, a escola deve aproximar-se da vida real, promovendo situações que façam sentido para os alunos e que contribuam para o seu desenvolvimento enquanto cidadãos.

Em síntese, os contributos teóricos apresentados evidenciam a importância de uma abordagem educativa centrada na criança, que valorize a experiência, a interação e a exploração do meio. No Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do EB, o ensino deve promover aprendizagens significativas, contextualizadas e interdisciplinares, contribuindo para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais. A articulação entre teoria e prática revela-se essencial para a construção de uma prática pedagógica reflexiva e fundamentada, capaz de responder aos desafios da educação contemporânea.

Para além dos contributos anteriormente referidos, importa aprofundar algumas ideias defendidas por Miguel Castro relativamente ao ensino da Geografia nos primeiros anos de escolaridade, sobretudo no

que respeita às metodologias utilizadas e à forma como a criança constrói o conhecimento espacial. O autor reforça que a aprendizagem geográfica deve afastar-se de práticas centradas exclusivamente na memorização de conteúdos, privilegiando experiências que permitam às crianças compreender o espaço através da ação, da exploração e da vivência direta do território.

Segundo Castro, ensinar Geografia não significa apenas transmitir nomes de países, rios ou continentes, mas ajudar a criança a interpretar o mundo e a desenvolver competências que lhe permitam compreender as relações entre o ser humano e o meio envolvente. Neste sentido, o autor sublinha que os desafios educativos atuais exigem metodologias que promovam criatividade, autonomia, pensamento crítico, capacidade de investigação e resolução de problemas, competências consideradas essenciais para os cidadãos do século XXI.

A este propósito, Castro destaca a relevância de metodologias ativas, como o Project Based Learning (PBL) e a resolução de problemas, defendendo que estas abordagens colocam a criança no centro do processo educativo. Ao investigar situações reais, explorar o meio envolvente e participar em atividades colaborativas, a criança constrói aprendizagens mais significativas e desenvolve uma relação mais próxima com o espaço. Esta perspetiva vai ao encontro da ideia de que a aprendizagem ocorre de forma mais eficaz quando a criança participa ativamente e atribui significado às experiências vividas.

O autor refere ainda que o espaço deve ser entendido como uma realidade vivida e não apenas como um conceito abstrato. As crianças constroem conhecimento geográfico através das experiências emocionais e afetivas que estabelecem com os lugares, sendo a ligação ao território fundamental para o desenvolvimento do sentido de pertença e identidade. Assim, o espaço é simultaneamente físico, social e emocional, adquirindo significado através das vivências proporcionadas pelo contacto direto com o meio.

Neste contexto, Castro valoriza particularmente o recurso às narrativas e à paisagem enquanto instrumentos pedagógicos privilegiados no ensino da Geografia. As narrativas permitem aproximar os conteúdos do universo infantil, despertando a imaginação e facilitando a compreensão de conceitos espaciais. Através de histórias, personagens e elementos simbólicos, as crianças conseguem interpretar o mundo de forma mais próxima da sua realidade cognitiva e emocional.

Por sua vez, a paisagem constitui um elemento fundamental para a observação, interpretação e análise do meio envolvente. A exploração de paisagens naturais e humanizadas possibilita às crianças

identificar elementos do território, compreender transformações espaciais e desenvolver capacidades de observação e interpretação crítica. Esta abordagem favorece o desenvolvimento do pensamento geográfico desde os primeiros anos de escolaridade, permitindo que a criança compreenda progressivamente a relação entre natureza, sociedade e cultura.

Outro aspeto enfatizado pelo autor relaciona-se com a importância de adequar as estratégias pedagógicas ao desenvolvimento cognitivo das crianças. Com base nos contributos de Kieran Egan, Castro refere que as crianças do Pré-Escolar e dos primeiros anos do 1.º Ciclo do EB se encontram predominantemente no estágio mítico, caracterizado pelo recurso ao imaginário, ao pensamento simbólico e à necessidade de segurança intelectual. Deste modo, a aprendizagem torna-se mais significativa quando integra elementos lúdicos, fantásticos e narrativos, capazes de captar o interesse da criança e facilitar a compreensão do espaço.

À medida que a criança evolui para o estágio romântico, começa a desenvolver uma percepção mais complexa do mundo, reconhecendo a diversidade e a autonomia da realidade exterior. Esta evolução permite introduzir progressivamente conteúdos mais complexos e estimular uma compreensão mais crítica das relações espaciais e sociais. Assim, o ensino da Geografia deve respeitar o ritmo de desenvolvimento da criança, adaptando metodologias e recursos às suas características cognitivas e emocionais.

Paralelamente, Castro destaca a importância das experiências práticas e da aprendizagem experiencial no desenvolvimento do conhecimento geográfico. As saídas de campo, os percursos de exploração do meio, a observação direta da natureza, os jogos de orientação e os projetos interdisciplinares constituem estratégias fundamentais para promover aprendizagens significativas. Estas atividades permitem à criança observar fenómenos, colocar questões, formular hipóteses e construir conhecimento a partir da experiência concreta.

Esta abordagem articula-se com as perspetivas defendidas por Dewey (1938) e Kolb (1984), ao considerar que a aprendizagem ocorre através da experiência, da ação e da reflexão. Simultaneamente, relaciona-se com os princípios socioconstrutivistas de Vygotsky (1998), que destacam a importância da interação social e da mediação do professor na construção do conhecimento (figura 5).

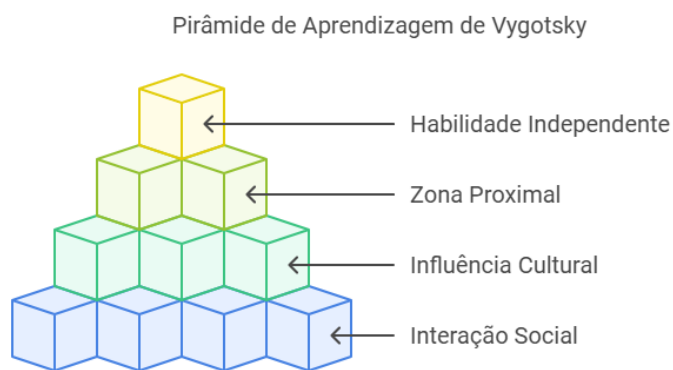


Figura 5 - Representação gráfica da aprendizagem socioconstrutivista.

Fonte: Grupo Enigma adaptado do Método socioconstrutivista de ensino e aprendizagem.

Deste modo, as perspectivas apresentadas reforçam a importância de um ensino da Geografia centrado na criança, nas suas experiências e no contacto direto com o meio envolvente. Através de estratégias práticas, contextualizadas e significativas, torna-se possível promover o desenvolvimento do pensamento geográfico, científico e crítico, contribuindo para a formação de crianças mais conscientes, autónomas e capazes de compreender o mundo em que vivem.

Capítulo III – Metodologia de Investigação e Intervenção

O projeto que desenvolvi ao longo do ano letivo 2025/2026 teve como base a metodologia de Investigação-Ação (I-A). De acordo com Coutinho *et al.* (2009), esta relaciona-se bastante com a área educacional. São inúmeras as definições a ela associadas, apresentando, no entanto, características inconfundíveis. Nesse sentido, e citando algumas palavras de Silva (2014), a noção de I-A ao associar duas práticas que têm lógicas diferentes, e até mesmo contraditórias — a investigação que exige uma distância em relação à realidade e um controlo rigoroso dos processos de produção de conhecimento e a ação que implica um envolvimento nas situações e uma resposta imediata aos problemas que se colocam num determinado contexto, torna-se particularmente difícil de definir (p.17).

Segundo Latorre (2003), “a I-A pode-se considerar um termo genérico que faz referência a uma ampla gama de estratégias realizadas com o objetivo de melhorar o sistema educativo e social” (p.23). Máximo-Esteves (2008) considera ser de extrema dificuldade compreender este conceito supramencionado sem recorrer a definições de distintos autores dada a sua complexidade.

Tal investigação rege-se pela vertente prática, definindo, numa primeira instância, o problema, e de seguida, elaborando um plano de ação. A avaliação é efetuada de modo a averiguar a eficácia da ação. Pode considerar-se que, como mencionam Coutinho *et al.* (2009), a mesma refere-se a um conceito de pesquisa predominantemente prática, que procura solucionar problemas reais.

Também reúne uma panóplia de características, nomeadamente:

- Participativa e colaborativa: todos os intervenientes integram o projeto;
- Prática interventiva: não foca apenas a teoria, mas também procura agir sobre a realidade;
- Cíclica: a investigação é feita de ciclos;
- Crítica: analisar criticamente promove a mudança;
- Auto - avaliativa: é fundamental avaliar numa perspetiva contínua, de modo a proceder a adaptações e a potenciar a produção de novos conhecimentos.

Para além das características, a metodologia foca-se em determinadas metas, apresentadas por Latorre (2003), e que se relacionam diretamente com o contexto em que me encontro:

- Melhorar e/ou transformar a prática social e educativa, ao mesmo tempo que se procura uma melhor compreensão da prática;

- Articular de modo permanente investigação, ação e formação;
- Aproximarmo-nos da realidade, veiculando mudança e conhecimento;
- Fazer dos educadores protagonistas da investigação.

A integração dos contributos de Castro (2022) reforça a pertinência da I-A na área da Geografia e na intervenção pedagógica. Ao recorrer a estratégias que envolvem exploração do meio local, atividades ao ar livre e utilização de narrativas, os futuros professores podem refletir sobre a eficácia das práticas implementadas, adaptando-as continuamente ao desenvolvimento cognitivo e interesses das crianças. Castro (2022) evidencia que experiências em contexto real, como fins de semana pedagógicos ou visitas a espaços naturais, aumentam a ligação afetiva das crianças ao território e promovem aprendizagens significativas. Já Castro (2002) salienta que é possível trabalhar conceitos geográficos desde o pré-escolar, utilizando paisagens, histórias e experiências concretas como alavanca para o desenvolvimento de competências essenciais ao século XXI.

Partindo desta fundamentação, faz sentido debruçar-me um pouco sobre as estratégias que utilizei na minha intervenção. No que respeita à parte de investigação, posso mencionar que, paralelamente a uma análise detalhada de conteúdos teóricos previamente selecionados, importa perceber o contexto em causa. Ter em conta a instituição, os profissionais que lá exercem a sua atividade laboral, as crianças e os seus conhecimentos e interesses é fundamental para posteriormente efetuar um bom trabalho. Como instrumentos utilizei:

- Observação diária atenta e cuidada;
- Registos num pequeno livro de anotações;
- Fotografias que destaquem aspetos significativos;
- Diálogo contínuo com as crianças e com a educadora/ professora cooperante.

Tudo isto em prol do alcance dos objetivos estabelecidos no início deste projeto.

Relativamente à componente interventiva, procurei recorrer a estratégias que permitiram atingir os objetivos definidos. Estas incluíram:

- Exploração do Meio Local e experiências práticas, promovendo a observação direta, manipulação de objetos do ambiente e compreensão de fenómenos naturais, conforme sugerido por Castro (2022).

- Atividades baseadas em narrativas e paisagens, que permitam introduzir conceitos geográficos de forma concreta e contextualizada (Castro).
- Estimulação da curiosidade, participação e interação das crianças, assegurando que as atividades eram adequadas à faixa etária e ao desenvolvimento cognitivo.
- Mediação docente e reflexão contínua, com o professor como orientador da experiência, promovendo questionamento, discussão e análise das aprendizagens (Vygotsky, 1998; Castro).
- Integração interdisciplinar, articulando Geografia, Ciências Naturais, História e Expressão, permitindo uma compreensão holística do meio.
- Avaliação contínua e reflexiva, observando o interesse, participação e aquisição de conhecimento pelas crianças, e ajustando estratégias conforme necessário.

No âmbito do tema *“Do Meio Local ao Global: experiências didáticas em Educação Pré-Escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico”*, as atividades escolhidas, em conjunto com a educadora/professora cooperante, visaram promover a compreensão progressiva do espaço e do mundo, partindo do contexto mais próximo até à escala global, consolidando aprendizagens significativas e desenvolvendo competências de cidadania, consciência ambiental e pensamento crítico.

Capítulo IV – Implementação de atividades relativas ao Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada

No presente capítulo são apresentadas as atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, realizadas nos contextos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Inicialmente, procede-se à descrição detalhada das atividades implementadas, evidenciando as estratégias de ensino-aprendizagem adotadas, bem como os recursos e materiais didáticos utilizados ao longo da intervenção.

Para além disso, este capítulo integra momentos de análise e reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas, com o objetivo de proporcionar uma visão clara, fundamentada e aprofundada da implementação das atividades. Pretende-se, assim, demonstrar a pertinência, aplicabilidade e eficácia das estratégias utilizadas, bem como o seu contributo para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças em ambos os contextos educativos.

4.1. Descrição das atividades implementadas na Educação Pré-Escolar

Perante a decisão de desenvolver um conjunto de atividades no âmbito do tema do meu relatório de estágio, centrado na exploração do meio e na educação geográfica e científica na Educação Pré-Escolar, delineou-se uma intervenção pedagógica que visou promover o conhecimento do espaço, da cultura e do mundo envolvente. Durante a planificação, considerou-se essencial articular diferentes áreas de conteúdo, nomeadamente o Conhecimento do Mundo, a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a Formação Pessoal e Social, proporcionando aprendizagens integradas e significativas.

A intervenção foi estruturada em várias sessões, ajustadas às características do grupo e às suas necessidades, privilegiando metodologias ativas, participativas e baseadas na exploração e descoberta. As atividades foram desenvolvidas de forma sequencial, permitindo às crianças construir conhecimento de forma progressiva, partindo do meio mais próximo para realidades mais amplas.

Numa fase inicial e em contexto Pré-Escolar, foi desenvolvida a atividade “O mapa da minha escola”, com o objetivo de promover o conhecimento do espaço escolar. Através da observação direta e da exploração dos diferentes espaços da escola, as crianças foram incentivadas a identificar locais significativos do seu quotidiano. Posteriormente, procedeu-se à construção de um mapa coletivo, onde

foram representados os diferentes espaços, promovendo noções de orientação, localização e organização espacial. (figuras 6 e 7)

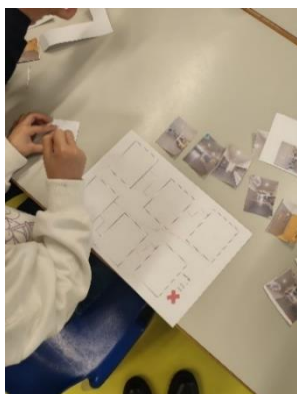


Figura 6 - Mapa da minha escola



Figura 7 - Construção do "mapa da minha escola"

Seguidamente, foi explorada a lenda de “O Galo de Barcelos”, enquanto elemento representativo do património cultural português. A atividade iniciou-se com a narração da história, apoiada por imagens ilustrativas, permitindo às crianças compreender o enredo e os valores associados à mesma. Após este momento, foi proposta uma atividade prática de expressão plástica, na qual cada criança teve a oportunidade de pintar um galo em barro. Esta atividade permitiu não só o contacto com materiais concretos e tradicionais, como também o desenvolvimento da motricidade fina, da criatividade e da valorização de elementos da cultura portuguesa. (figura 8 e 9)



Figura 8 - Pintura dos Galos



Figura 9 - Pintura em grande grupo.

Numa outra sessão, foi introduzido o mapa de Portugal, com o objetivo de dar a conhecer o País onde vivem. Através da observação do mapa, as crianças identificaram o território nacional e exploraram algumas das suas características e ainda exploraram a Bandeira Nacional, onde em grande grupo

exploramos as formas, as cores e alguns significados associados a esta. Esta atividade permitiu estabelecer uma ligação entre o espaço vivido e uma realidade mais abrangente, promovendo o desenvolvimento do sentido de pertença e identidade (figuras 10 e 11).



Figura 10 - Observação da bandeira de Portugal



Figura 11 - Jogo da memória

Por fim, no âmbito da exploração do globo terrestre, foi realizada uma atividade articulada com a leitura da obra *Respeitem-se e tratem-se bem*, de Lucía Serrano. A atividade iniciou-se com a leitura e exploração da história, promovendo o diálogo sobre valores, como o respeito, a empatia e a convivência entre diferentes pessoas. Posteriormente, foi desenvolvida uma atividade prática, previamente preparada, que consistiu na pintura de um globo terrestre em cartão, elaborado por mim. Para complementar esta exploração, cada criança delineou a sua mão e, posteriormente, pintou-a utilizando diferentes cores, representando simbolicamente a diversidade existente no mundo. Estas mãos foram depois integradas no globo, reforçando a ideia de união na diversidade e promovendo valores de inclusão e respeito pelas diferenças. (figuras 12 e 13)



Figura 12 - Construção do mural



Figura 13 - Afixação do mural

Ao longo de toda a intervenção, privilegiou-se a participação ativa das crianças, incentivando a comunicação, a partilha de ideias e a construção conjunta do conhecimento. As atividades desenvolvidas contribuíram não só para a aquisição de novos conhecimentos, mas também para o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e emocionais, fundamentais nesta etapa educativa.

4.2. Planos de aulas desenvolvidas na Educação Pré-Escolar

Apresenta-se de seguida os planos de aula que foram aplicados no grupo de Educação Pré-Escolar (figuras 14,15, 16, 17).

Figura 14 – Plano de aula 1 – 14 de novembro de 2025

- Pré-escolar		Número de crianças: 20 crianças	Data da implementação: -11-2025	
Implementação: Cristiana Silva		Tempo: 60 minutos	período de intervenção: Manhã	
Áreas/ Domínios/ Subdomínios	Objetivos/ Aprendizagens a realizar	Desenvolvimento das atividades	Materiais/ Recursos/ Espaços físicos	Avaliação
Área: Expressão e Comunicação Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Matemática; Educação Artística; Subdomínio: Artes visuais	-Desenvolver o sentido de orientação espacial e noção de percurso. -Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação -Promover a observação e identificação	Momento 1 – Exploração do espaço Conversa inicial em grande grupo: “Conhecem todos os espaços da nossa escola?” “Quais são os vossos preferidos?” “Como podemos chegar do portão da escola até à nossa sala?” Vou realizar um passeio pela escola para conhecer (ou relembrar) os principais espaços por onde eles passam até chegar à sala. Guiados pela educadora estagiária, as crianças vão observar e ajudar a identificar locais importantes (entrada principal, polivalente, corredor do pré-escolar, entrada no corredor das salas do pré-escolar e a sala da turma) Em cada paragem, as crianças vão dizendo o nome do local. Momento 2 – Construção do mapa	- Sala e espaços exteriores/interiores da escola - Folhas A4 com o esquema simplificado do percurso (setas e espaços em branco para colagem). - Tesouras, cola e lápis de cor.	-Compreende a sequência do percurso realizado; -Mostra interesse e curiosidade durante o percurso pela escola; -Partilha verbalmente o que observou durante o percurso; -Descreve e organiza o percurso oralmente (primeiro,

Área Formação Pessoal e Social Área do Conhecimento do Mundo	de dos espaços da escola. -Encorajar a relação afetiva e de pertença ao espaço escolar. - Reconhecer unidades básicas do tempo diário, semanal e anual, compreendendo a influência que têm na sua vida; - Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação	De volta à sala, vou conversar sobre o percurso feito: “Por onde começámos?” “Qual foi o caminho até à sala?” Eu, educadora estagiária mostro o esquema do percurso com setas e espaços em branco e explico o que vamos fazer. As crianças recebem as fotos impressas, recortam-nas e colam-nas na sequência correta. Cada criança personaliza o seu mapa com desenhos, setas coloridas e legendas (com apoio da educadora). No final, vamos fazer um diálogo em grande grupo e perceber se tem noção ou não do espaço local/ escola e tentar explicar melhor.	depois, a seguir...); -Representa graficamente o percurso da escola através da colagem ou desenho; -Valoriza o ambiente escolar como espaço de pertença e convivência.
---	--	--	--

Domínio: -Educação artística; Subdomínio: -Artes visuais.	diversidade cultural.			
	- Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa; - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.			

Figura 16 - Plano de aula 3 – 2 de dezembro de 2025

- Pré-escolar		Número de crianças: 20 crianças	Data da implementação: 2-12-2025		
Implementação: Cristiana Silva		Tempo: 60 minutos	período de intervenção: Manhã		
Áreas/ Domínios/ Subdomínios	Objetivos/ Aprendizagens a realizar	Desenvolvimento das atividades		Materiais/ Recursos/ Espaços físicos	Avaliação
Área: Expressão e Comunicação Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Educação Artística; Subdomínio: Música	-Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação -Promover a observação e identificação da bandeira. -Valorizar a música como fator de identidade	Momento 1 – Acolhimento e Conversa Inicial (Roda) Vou questionar: “Quem sabe como se chama o país onde vivemos?” “Alguém já viu a bandeira de Portugal?” E explorar o que sabem espontaneamente. Momento 2 – Exploração da Bandeira Vou mostrar a bandeira de Portugal, e explicar de forma simples, que a cor verde significa esperança, a cor vermelha a coragem e o escudo a história e a proteção. Irei pedir às crianças para observarem e identificarem cores/formas na bandeira. Momento 3 – Hino Nacional Irei explicar: “Este é o hino do nosso país, uma música especial que se canta em momentos importantes.” Vamos ouvir uma versão curta, e tentar cantar o início com as crianças (sem pressão).		- Projeter; - Lápis de cor ou marcadores; - Folhas A4 impressas com o mapa da europa; - Bandeira real de Portugal; -	- Reconhece que vivemos em Portugal. - Identifica visualmente a bandeira de Portugal. -Ouve o hino nacional e participa com interesse (tentando cantar, acompanhar, ouvir).

Área de Formação Pessoal e Social	social e cultural. - Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa; -Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.	Momento 4 – Portugal no Mapa da Europa Irei mostrar um mapa grande da Europa. Vou perguntar: “Conseguem encontrar o nosso país?” Vou ajudar a localizar Portugal (ponta esquerda do mapa, ao lado de Espanha). Explicar: “Portugal é um país pequeno, mas muito especial e onde nós vivemos!”	- Identifica Portugal no mapa da Europa (com ou sem ajuda). - Pinta Portugal no mapa da Europa de forma intencional. -Compreende as ideias simples sobre a bandeira e hino. -Mostra interesse e curiosidade durante as atividades;
		Momento 5 – Atividade Prática 1: Colorir Portugal Vou então proceder à entrega da ficha com o mapa simples da Europa. E explicar a tarefa: “Vamos pintar apenas Portugal, o nosso país.” As cores são livres ou sugiro verde/vermelho para ligação à bandeira. Pintura da bandeira. Momento 6 – Partilha e Arrumação Cada criança mostra o seu trabalho ao grupo.	

Área do Conhecimento do Mundo	- Identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples.	Vou reforçar a ideia de pertença: "Hoje aprendemos mais sobre o sítio onde vivemos: Portugal!"		
-------------------------------	--	--	--	--

Figura 17 - Plano de aula 4 – 5 de dezembro de 2025

- Pré-escolar		Número de crianças: 20 crianças	Data da implementação: 5-12-2025	
Implementação: Cristiana Silva		Tempo: 60 minutos	período de intervenção: Manhã	
Áreas/ Domínios/ Subdomínios	Objetivos/ Aprendizagens a realizar	Desenvolvimento das atividades	Materiais/ Recursos/ Espaços físicos	Avaliação
Área: Expressão e Comunicação Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Educação Artística; Subdomínio: Artes visuais	- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;	Momento 1 – Abertura e diálogo inicial (roda) Vou fazer o acolhimento e conversar brevemente: "Hoje vamos falar sobre como somos todos diferentes... e isso é muito especial!" Vou recolher ideias simples: "O que significa respeitar alguém?" "Somos todos iguais? Em que? E no que somos diferentes?" Momento 2 – Leitura do livro "Respeitem-se e Tratem-se Bem" Vou ler de forma expressiva o livro. Vou explorar as ilustrações e perguntar durante a narrativa: "Como acham que esta personagem se sente?"	- Projetor; - Tintas e pincéis; - Livro "Respeitem-se e tratem-se bem" - Vídeo "os meninos de todas as cores"; - Papel cenário; - Papel branco; - Tesouras;	- Reconhecer que todas as pessoas são diferentes, mas igualmente importantes. - Verbalizar ideias sobre convivência positiva; - Participar em diálogos sobre diferenças (cor da pele, características físicas, modos de ser) com naturalidade e empatia; - Relacionar a leitura com situações do dia-a-dia no jardim de infância;

Área de Formação Pessoal e Social	- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros; - Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.	"O que é tratar bem um amigo?" Irei fazer uma pequena síntese oral às crianças: "O que aprendemos com a história?" Momento 3 – Atividade Plástica de Consolidação (grande grupo) 3.1 Pintura do Globo Vou mostrar o globo de cartão (previamente feito): "Este globo representa o mundo onde todas as pessoas vivem!" As crianças pintam em conjunto (azul, verde ou cores escolhidas). Vou tentar promover cooperação: turnos, partilha de pincéis, ajuda entre pares. 3.2 Desenho das Mãos Cada criança desenha o contorno da própria mão numa folha (algumas poderão necessitar de ajuda). Pintam a mão com as cores que quiserem, que representem a sua individualidade. Recortam com ajuda (se necessário).	- Escutar os colegas e esperar pela sua vez de falar; - Identificar o globo como representação do mundo onde todas as pessoas vivem; - Perceber que a diversidade é do livro "Respeitem-se e Tratem-se Bem" algo natural e positivo.
-----------------------------------	---	---	--

Área do Conhecimento do Mundo	-Conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais e identificando algumas semelhanças e diferenças com outras comunidades; -Conhecer e respeitar a diversidade cultural;	3.3 Composição Final As mãos são coladas à volta do globo para simbolizar: - o união, - o respeito, - o amizade, - o diversidade no mundo. Vou conversar brevemente enquanto colam: “As mãos juntas do nosso grupo mostram que todos somos importantes.”		
-------------------------------	--	--	--	--

4.3. Reflexões das intervenções efetuadas na Educação Pré-Escolar

Aula 1 – 14 de novembro de 2025

No dia 14 de novembro de 2025, realizei a sessão do meu Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada dedicada à exploração do espaço escolar, com a atividade “O mapa da minha escola”. Esta sessão teve como principal objetivo promover o conhecimento e a orientação espacial das crianças, através da realização de um percurso pelos espaços da escola por onde eles passam até à sala e da posterior construção de um mapa representativo. Estive acompanhada pela minha professora cooperante, que observou o decorrer da atividade e, posteriormente, me ofereceu um *feedback* construtivo sobre o meu desempenho e sobre o envolvimento das crianças.

A aula iniciou-se com uma breve conversa para perceber o que as crianças já sabiam sobre os espaços da escola. Questionei: “Que espaços conhecem na nossa escola?”, “Quais os espaços que vocês mais gostam na nossa escola?”. Esta etapa permitiu-me compreender os conhecimentos prévios do grupo e motivá-los para o que iríamos explorar. Fiquei agradavelmente surpreendida com o entusiasmo demonstrado desde o início, o que reforçou a pertinência da atividade na rotina do grupo.

De seguida, realizámos o percurso pelos vários espaços escolares por onde eles passam todos os dias até à sala. Ao longo do trajeto, fui incentivando as crianças a observar, nomear e comentar o que viam. O interesse foi evidente, sobretudo quando lhes pedi para ajudarem a identificar cada local. Uma situação que considero particularmente positiva foi o envolvimento das crianças mais tímidas, que se

mostraram motivadas por estarem em movimento e por explorarem o ambiente de forma ativa. (figura 18)

No regresso à sala, passámos ao momento de reconstrução simbólica do percurso, onde fiz algumas perguntas como: “Por onde começámos?”, “Qual foi o caminho até à sala?”. Cada criança recebeu uma folha com espaços e setas para colar as imagens correspondentes às etapas vividas. Durante esta fase, observei um grande empenho e autonomia (figuras 19 e 20). Foi muito interessante perceber como, mesmo em idade pré-escolar, as crianças conseguiram organizar a sequência dos acontecimentos e reconhecer a relação entre o espaço real e a sua representação no papel. Esta ligação entre a experiência vivida e a sua representação gráfica revelou-se extremamente significativa.

A partilha final, onde as crianças apresentaram o seu mapa, foi um dos momentos que mais apreciei. Cada uma explicou, à sua maneira, como fez o percurso e qual o seu espaço preferido da escola. Esta conversa espontânea permitiu-me avaliar o que realmente compreenderam e como interiorizaram a atividade. A maioria expressou orgulho no trabalho realizado e demonstrou satisfação em visitar os espaços através das imagens coladas. (figura 21)

Terminada a sessão, senti-me bastante satisfeita com o resultado. A atividade permitiu-me verificar a importância de proporcionar experiências concretas e significativas na aprendizagem, especialmente no pré-escolar, onde o contacto direto com o meio é essencial. Além disso, senti-me segura e confiante ao longo da intervenção, o que acredito ter contribuído para criar um ambiente positivo, acolhedor e motivador.

Em conclusão, considero que esta aula foi muito enriquecedora, tanto para mim enquanto futura educadora, como para as crianças. Senti que o planeamento foi adequado e que as estratégias utilizadas promoveram o envolvimento, a descoberta e a construção de conhecimento. Sigo com entusiasmo para continuar a desenvolver práticas que valorizem a exploração, a autonomia e a aprendizagem ativa no dia a dia do grupo.



Figura 18 - Percurso pela escol

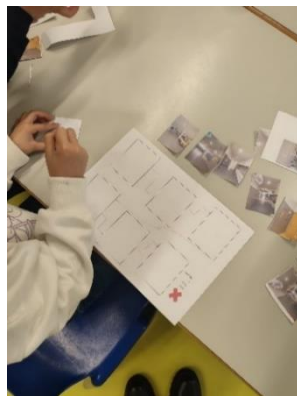


Figura 19 - Construção do "mapa da minha escola"



Figura 20 - Colagem em grande grupo



Figura 21 - Mapa finalizado

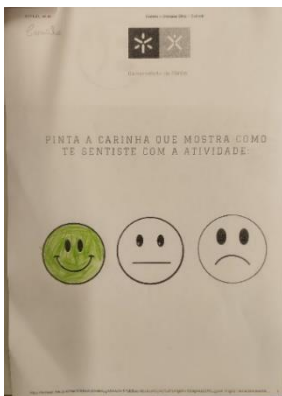


Figura 22 - Instrumento de avaliação

Aula 2 – 21 de novembro de 2025

No dia 21 de novembro, realizei a sessão do meu Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada dedicada à exploração de um elemento identitário da cidade de Barcelos, a Lenda do Galo de Barcelos. Esta sessão teve como principal objetivo aproximar as crianças do património cultural local, promovendo o conhecimento da tradição, o desenvolvimento artístico e a valorização das raízes da comunidade em que vivem.

A aula iniciou-se com a rotina habitual do grupo e, em seguida, apresentei a lenda através de imagens e diálogo orientado. Antes da leitura, procurei recolher os conhecimentos prévios das crianças, questionando-as: “Já viram o galo de Barcelos? Onde? “e “. Sabem por que é que ele é tão importante na nossa cidade?” Fiquei muito satisfeita com as respostas dadas, pois muitas crianças já tinham contactado com o galo em contextos familiares ou na rua, revelando uma base de conhecimento que serviu de ponto de partida para a atividade.

A exploração da lenda foi um momento particularmente rico. As crianças mostraram-se atentas e participativas, reagindo com curiosidade aos acontecimentos da história. Através de gestos e sons, procurei tornar a narrativa mais acessível, estimulando a compreensão da ideia central de justiça e do valor simbólico do galo (figuras 25 e 26). A conversa que se gerou revelou uma grande capacidade de interpretação por parte do grupo, o que reforçou a pertinência da escolha do tema.

Seguidamente, iniciei a atividade prática, pintar um galo de barro, uma proposta que visava promover a expressão artística e o contacto com uma representação concreta da lenda. No entanto, deparei-me com um inesperado desafio logístico, havia apenas 17 galos de barro para 18 crianças. Apesar deste imprevisto, rapidamente encontrei uma solução: propus a uma das crianças que pintasse um sino. Para minha satisfação, a criança aceitou com entusiasmo. Esta situação permitiu-me refletir sobre a importância da flexibilidade, da criatividade e da capacidade de gerir contratempos de forma positiva no contexto educativo.

A pintura dos galos revelou-se um momento muito envolvente (figuras 23 e 24). As crianças demonstraram entusiasmo, autonomia e criatividade na escolha das cores e dos padrões, respeitando, na maioria dos casos, a estética tradicional do Galo de Barcelos, mas introduzindo também elementos pessoais. Foi muito interessante observar a concentração, o cuidado e a responsabilidade com que

realizaram a tarefa. A criança que inicialmente ficou sem galo individual não demonstrou frustração, o que indicou que a solução encontrada foi adequada e bem aceite.

Refletindo sobre a aula, considero que os objetivos propostos foram plenamente atingidos, as crianças contactaram com uma tradição cultural relevante, compreenderam a narrativa da lenda e participaram ativamente na atividade artística. A sessão foi marcada por um clima tranquilo, motivador e acolhedor, apesar do imprevisto relacionado com o número de galos, que acabou por se transformar numa oportunidade de promover a colaboração entre pares.

Em conclusão, esta intervenção permitiu-me crescer enquanto futura educadora, reforçando a importância de um planeamento cuidadoso, mas também da capacidade de adaptação. Senti-me confiante ao longo da sessão e reconheço que atividades ligadas ao património local têm um impacto muito positivo no desenvolvimento das crianças. Saio desta experiência com um balanço muito positivo e com vontade de continuar a desenvolver práticas que integrem cultura, criatividade e aprendizagem significativa no quotidiano educativo.



Figura 23 - Pintura dos Galos em grande grupo



Figura 24 - Pintura dos Galos



Figura 25 - Lenda do Galo

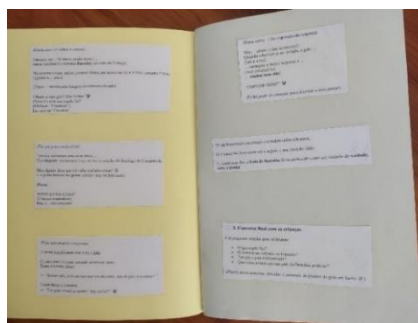


Figura 26 - Lenda do Galo adaptada por mim

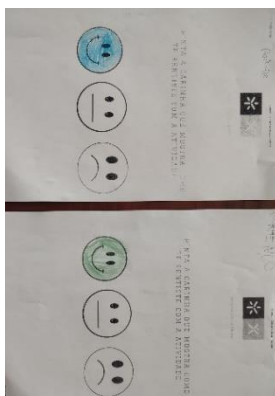


Figura 27- Instrumento de avaliação

Aula 3 – 2 de dezembro de 2025

No dia 2 de dezembro, realizei a terceira sessão do meu Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, dedicada à exploração do meio nacional e europeu, com o objetivo de promover nas crianças um primeiro contacto com a identificação do país onde vivem e o reconhecimento de alguns símbolos nacionais. Esta sessão procurou dar continuidade ao trabalho anteriormente desenvolvido sobre o meio local e nacional, alargando agora a compreensão das crianças ao contexto europeu.

Iniciei a sessão com a rotina habitual do grupo, criando um ambiente de segurança e previsibilidade, essencial para a participação ativa. De seguida, coloquei uma questão orientadora: “Quem sabe como se chama o nosso país onde vivemos?”. As respostas espontâneas permitiram perceber o que as crianças já sabiam e abriram espaço para novas aprendizagens. Continuei a questionar: “Alguém já viu a bandeira de Portugal?”. Através deste diálogo inicial foi possível explorar concepções prévias e incentivar as crianças a partilharem experiências pessoais, o que contribuiu para fortalecer a ligação entre os conteúdos e o quotidiano.

Apresentei então a bandeira de Portugal (figuras 28 e 29). Expliquei de forma simples o significado das cores e dos elementos, adaptando a linguagem ao nível etário. Pedi às crianças que identificassem formas e cores presentes na bandeira, promovendo assim uma observação ativa e intencional. Este momento revelou-se bastante participativo, com várias crianças a demonstrar interesse em nomear cores e reconhecer símbolos.

Seguidamente, introduzi uma breve escuta do Hino Nacional, explicando que todos os países têm um hino e que este representa algo importante para a identidade e união de um povo. Apesar de ser um conceito abstrato para a faixa etária, considerei relevante proporcionar este primeiro contacto, reforçando o respeito pelos símbolos nacionais.

Depois deste momento, apresentei o mapa da Europa. Perguntei se conseguiam encontrar o nosso país e, com apoio visual, ajudei-as a localizar Portugal. Expliquei que Portugal é um país pequeno quando comparado com outros da Europa, mas muito especial por ser o local onde vivemos. A curiosidade do grupo foi evidente, especialmente quando comparavam o tamanho e a posição dos diferentes países no mapa.

Passámos então para a atividade prática. Entreguei uma ficha com um mapa simples da Europa e expliquei que iriam pintar Portugal, reforçando a identificação do país no conjunto europeu. (figura 32)

A seguir, pedi que pintassem a bandeira de Portugal, retomando as cores e formas exploradas anteriormente (figuras 30 e 31). As crianças realizaram a tarefa com entusiasmo e concentração, demonstrando compreensão dos conteúdos e satisfação por conseguirem identificar o país onde vivem.

A seguir reservei um momento de reflexão com o grupo. As crianças partilharam que gostaram especialmente de procurar Portugal no mapa e de pintar a bandeira, evidenciando interesse pelos elementos simbólicos do país. Este *feedback* é fundamental para orientar práticas futuras, mostrando a importância de propor atividades visuais e manipulativas que facilitem a compreensão de conceitos geográficos iniciais.

No final, reservei um tempinho para jogar ao jogo da memória feito por mim com materiais recicláveis (cápsulas de café) onde tinha imagens como: a bandeira de Portugal, o mapa da Europa, Portugal e o globo (figuras 33 e 34). Correu lindamente, e as crianças mostram-se muito entusiasmadas e acabamos por jogar muitas vezes seguidas, mostrando assim o interesse que tiveram pela atividade no geral, que foi uma espécie de consolidação.

Em síntese, considero que os objetivos desta sessão foram plenamente alcançados. As crianças reforçaram a identificação de Portugal no contexto europeu, reconheceram a bandeira e tiveram um primeiro contacto com o hino nacional. A combinação entre exploração dialogada, observação ativa e atividade prática revelou-se eficaz para promover aprendizagens significativas e adequadas ao nível pré-

escolar. Assim, pretendo continuar a desenvolver propostas pedagógicas que articulem símbolos, mapas e materiais concretos, garantindo experiências ricas, contextualizadas e motivadoras.



Figura 28 - Observação da bandeira de Portugal



Figura 29 - Observação da bandeira em grande grupo



Figura 30 - Pintura da bandeira de Portugal



Figura 31 - Pintura da bandeira de Portugal



Figura 32 - Identificação de Portugal



Figura 33 - Jogo da memória com materiais recicláveis



Figura 34 - Jogo da memória

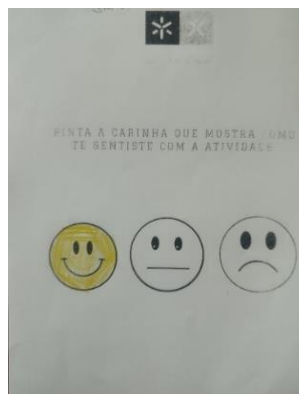


Figura 35 - Instrumento de avaliação

Aula 4 –5 de dezembro de 2025

No dia 5 de dezembro, realizei mais uma sessão do meu Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, desta vez com o objetivo de explorar o meio global e introduzir às crianças conceitos iniciais sobre diversidade, respeito e convivência.

A sessão começou com a rotina habitual do grupo, assegurando um ambiente familiar e propício à aprendizagem. A seguir, apresentei um globo terrestre para iniciar a exploração. Este recurso foi fundamental para contextualizar o tema, permitindo que as crianças observassem visualmente a distinção entre a terra e o mar, bem como a presença dos continentes e dos oceanos. Considero que este momento inicial foi importante para despertar a curiosidade do grupo e oferecer uma primeira percepção de mundo, ajustada ao nível de desenvolvimento do pré-escolar.

De seguida, iniciei um breve diálogo orientado, recorrendo a perguntas simples como “O que é o respeito pelos outros?”, “Somos todos iguais? Em quê?”, “Em que somos diferentes?”. Através destas questões procurei aceder aos conhecimentos prévios das crianças, ao mesmo tempo que promovia reflexão sobre valores essenciais à convivência. As respostas espontâneas revelaram que, apesar da sua idade, já demonstram sensibilidade para identificar comportamentos adequados e diferenças entre as pessoas, o que me deixou bastante satisfeita.

Para aprofundar estes aspetos, introduzi o livro “Respeitem-se e tratem-se bem”, de Lucía Serrano (figura 36). Antes da leitura, retomei as ideias discutidas de forma a estabelecer ligação entre os comentários do grupo e o conteúdo da história. Durante o conto, fui destacando comportamentos das personagens e pequenos episódios que ilustravam respeito, diversidade e igualdade. Embora tenha

sido necessário adaptar a explicação a uma linguagem mais simples, percebi que as crianças se mantiveram envolvidas e capazes de identificar atitudes positivas e negativas, o que evidencia o potencial pedagógico desta obra.

No final da leitura, perguntei o que tinham compreendido da história, e foi gratificante observar que referiram, ainda que de forma simples, a existência de pessoas diferentes em todo o mundo e a importância de tratarmos todos com respeito. Este momento confirmou a pertinência da escolha do livro e reforçou o valor da exploração dialogada.

O ponto alto da sessão foi a atividade prática. Mostrei às crianças o globo previamente construído em cartão e expliquei que cada uma iria pintar uma pequena parte, contribuindo para um trabalho coletivo. Em seguida, propus que desenhasssem o contorno das suas mãos numa folha e as pintassem da cor que desejassem, incentivando a liberdade de expressão e simbolizando a diversidade humana. Após o recorte, colámos o globo no centro de um papel cenário e dispusemos as mãos à sua volta, construindo um mural que representava o mundo e as várias cores de pele que o compõem (figuras 37, 38, 39, 40 e 41). A participação foi entusiástica e colaborativa, revelando motivação e sentido de pertença ao grupo.

No final, realizei um breve momento de reflexão com as crianças, que partilharam ter gostado especialmente da pintura e da construção do mural. Considero este *feedback* essencial para orientar futuras intervenções, permitindo integrar atividades que sejam simultaneamente significativas e envolventes.

Para concluir, considero que os objetivos propostos para esta sessão foram plenamente alcançados: as crianças adquiriram uma noção inicial do meio global, refletiram sobre igualdade e diferença, identificaram comportamentos de respeito e colaboraram na criação de um trabalho coletivo que simboliza a diversidade. Apesar de alguns momentos de maior agitação, a sessão decorreu de forma positiva e proporcionou aprendizagens relevantes. Assim, pretendo continuar a dinamizar atividades práticas, visuais e participativas, adequadas à faixa etária, de modo a promover o máximo envolvimento e desenvolvimento das crianças.



Figura 36 – Leitura do livro “Respeitem-se e tratem-se bem”



Figura 37 - Construção mapa do Meio Global



Figura 38 - Colagem das mãos



Figura 39 - Colagem das mãos dos alunos no mural



Figura 40- Mural do Meio Global



Figura 41 - Afixação do Mural na Escola

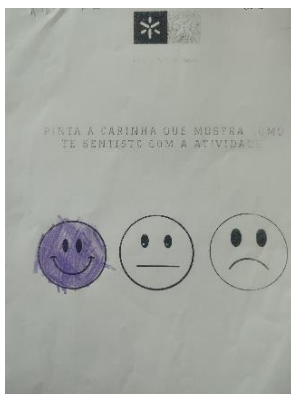


Figura 42 - Instrumento de avaliação

4.4. Descrição das atividades implementadas no 1.º CEB

A atividade “A Vila Segura com Super Doc” foi realizada no dia 24 de março de 2026, no âmbito da disciplina de Estudo do Meio, mais concretamente no conteúdo Segurança individual e coletiva: instituições e serviços.

O objetivo principal desta atividade foi identificar e compreender o papel das principais instituições e serviços da comunidade, como os bombeiros, a polícia, o hospital, supermercado, etc, reconhecendo em que situações cada um destes serviços é necessário para garantir a segurança e o bem-estar das pessoas.

Para a realização da atividade foi utilizado o Super Doc, integrando assim uma componente de robótica educativa e pensamento computacional no processo de aprendizagem.

Inicialmente, foi apresentado aos alunos um tapete (papel cartão) representando uma pequena “vila”, dividido em quadriculas, no qual estavam assinaladas diferentes instituições da comunidade (bombeiros, polícia, hospital...). O robot foi colocado no ponto de partida, localizado no centro do tapete (figura 43).

Seguidamente, foram apresentados cartões com diferentes serviços. Após a leitura de cada situação /pergunta, os alunos iam ao quadro identificar qual era a instituição mais adequada para resolver o problema apresentado.

Posteriormente, em pequenos grupos, os alunos programaram o super Doc, definindo a sequência de movimentos necessária (em frente, virar à direita ou à esquerda) para que o robot se deslocasse desde o ponto inicial até ao local correto da vila. Após a programação, foi realizado o teste do percurso. Caso o robot não chegasse ao destino pretendido, os alunos tinham a oportunidade de rever e corrigir a sequência de comandos, promovendo a reflexão e a aprendizagem através da tentativa e erro (figura 44).

Esta atividade permitiu trabalhar vários domínios de aprendizagem, nomeadamente:

- o reconhecimento das instituições e serviços da comunidade;
- a compreensão da sua importância para a segurança individual e coletiva;
- o desenvolvimento de competências de orientação espacial;
- a promoção do pensamento lógico e da resolução de problemas;
- o trabalho colaborativo entre os alunos.

Além disso, a atividade estabeleceu uma articulação entre Estudo do Meio, noções básicas de Geografia (orientação e localização no espaço) e robótica educativa, proporcionando uma aprendizagem ativa, participativa e significativa para os alunos.



Figura 43 - Apresentação do tapete do super doc



Figura 44 - Percurso com o super doc

A segunda implementação foi desenvolvida após a visita de estudo à Casa da Azenha, com o objetivo de consolidar e aprofundar as aprendizagens realizadas no contexto da saída de campo. A atividade articulou conteúdos das áreas de Estudo do Meio e Português, promovendo a reflexão sobre o património local, as atividades tradicionais ligadas ao rio e as mudanças entre o passado e o presente (figura 45 e 47).

No segundo momento numa conversa em grande grupo, os alunos foram convidados a recordar a visita realizada. Foram colocadas algumas questões orientadoras, como por exemplo: o que observaram durante a visita, para que servia a Casa da Azenha, que objetos antigos encontraram e de que forma a força da água era utilizada. Durante este momento, foram registadas no quadro algumas palavras-chave relacionadas com o tema (ex.: azenha, roda, rio, energia, madeira, pesca, lavar roupa antigamente), de modo a apoiar a compreensão e o desenvolvimento do vocabulário.

Neste mesmo momento, os alunos participaram em estações de descoberta, organizadas em pequenos grupos. Cada grupo circulou por quatro estações com imagens e pequenas tarefas relacionadas com o que observaram na visita. Na primeira estação, os alunos exploraram o funcionamento da azenha, identificando o papel da roda hidráulica e a forma como a água gera movimento. Na segunda estação, analisaram imagens que representavam atividades tradicionais realizadas junto ao rio, como lavar roupa, pescar ou a moagem, organizando-as numa sequência temporal simples. Na terceira estação, os alunos estabeleceram relações entre o passado e o presente, associando atividades antigas a formas atuais de realizar as mesmas tarefas (por exemplo, lavar roupa no rio e usar a máquina de lavar). Na quarta estação, observaram imagens do rio e distinguiram elementos naturais (como água, pedras ou peixes) de elementos construídos pelo ser humano (como pontes ou edifícios) (figura 46).

Posteriormente e num 4º momento, foi realizada uma atividade de produção escrita, intitulada “O que aprendi sobre o rio?”. Cada aluno escreveu entre três e quatro frases sobre o que aprendeu durante a visita e as atividades realizadas, utilizando um banco de palavras de apoio disponível no quadro. Esta atividade pretendeu desenvolver competências de escrita e organização de ideias, ao mesmo tempo que promoveu a reflexão sobre o conhecimento adquirido.

De seguida, os alunos participaram numa atividade prática de construção de uma mini-azinha, utilizando materiais simples como cartão, palitos e copos de papel. O objetivo desta atividade foi permitir que os alunos compreendessem, de forma concreta e experimental, como a força da água pode gerar movimento. Após a construção, foi feita uma pequena observação do funcionamento da roda e os alunos serão incentivados a registar ou verbalizar a ideia de que a água tem força e pode fazer a roda girar.



Figura 45 - Mó



Figura 46 - Estação de sequência de acontecimento



Figura 47- Visita à casa da Azenha

Nesta terceira implementação, Portugal no Mundo: puzzle dos continentes no quadro, trabalhei a localização de Portugal no mundo e a identificação dos continentes, promovendo a compreensão progressiva da passagem do meio nacional para o meio global. A atividade foi desenvolvida de forma lúdica e participativa, através da construção de um puzzle dos continentes no quadro.

Inicialmente, comecei por mostrar aos alunos um globo terrestre, e coloquei algumas questões orientadoras, como por exemplo: “Onde fica Portugal?” ou “Em que continente vivemos?”. Este momento teve como objetivo ativar os conhecimentos prévios dos alunos e introduzir a noção de que o planeta está dividido em grandes áreas chamadas continentes.

De seguida, foi apresentado no quadro um mapa-mundo simplificado, apenas com o contorno geral dos oceanos. Os diferentes continentes estavam previamente impressos em cartolina e recortados, funcionando como peças de um puzzle. Cada peça representava um continente.

Posteriormente, os alunos foram convidados a participar ativamente na construção do mapa. Cada grupo de alunos recebeu as peças dos continentes e, um de cada vez, deslocavam-se ao quadro para tentar colocá-las no local correto. Durante este processo, os restantes grupos poderiam ajudar, dando sugestões e refletindo em conjunto sobre a posição de cada continente (figura 50).

À medida que os continentes eram colocados, eu reforçava algumas ideias-chave, explicando, por exemplo, que Portugal se encontra no continente europeu e que a Europa faz parte do planeta Terra, tal como os restantes continentes.

Após a construção individual do puzzle de Portugal, cada aluno escreveu duas perguntas no caderno diário como: “Em que continente fica Portugal?” “Quantos continentes existem geograficamente?” promovendo assim a ligação entre o que aprendemos sobre o conteúdo geográfico e a identidade cultural (figuras 48 e 49).

A aula terminou com um pequeno jogo de consolidação, no qual os alunos tinham de identificar diferentes continentes a partir de imagens de elementos característicos de cada um.

Esta atividade procurou promover uma aprendizagem ativa e significativa, permitindo que os alunos construíssem o conhecimento através da participação, da manipulação de materiais e da reflexão coletiva.



Figura 48 - Puzzle Mapa de Portugal

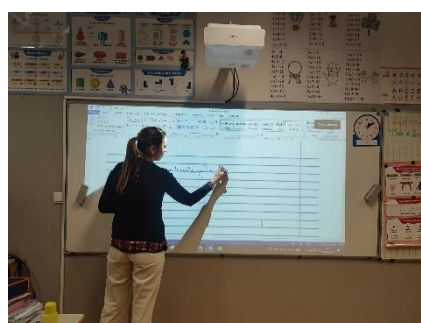


Figura 49 - Escrita das perguntas no quadro

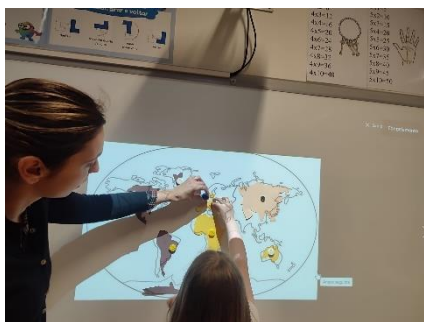


Figura 50 - Colocação dos continentes no quadro

A quarta implementação “O Passaporte do Viajante do Mundo” consistiu numa proposta interdisciplinar que articulou conteúdos de Estudo do Meio (Geografia), Cidadania, Expressão Artística e Tecnologias de Informação e Comunicação, com o objetivo de promover o conhecimento sobre diferentes continentes e culturas do mundo de forma dinâmica, criativa e participativa.

A atividade teve início com um momento de motivação e introdução, no qual foram apresentados um globo um mapa-mundo aos alunos. A partir deste recurso, foi promovida uma breve conversa orientada, com questões como: “Se pudéssemos viajar agora, para onde iríamos?” ou “O que existe noutros lugares do mundo?”. Este diálogo pretendeu despertar a curiosidade dos alunos relativamente à diversidade cultural e geográfica do planeta. De seguida, cada aluno recebeu um “Passaporte do Viajante do Mundo”, elaborado previamente, que acompanhou todas as etapas da atividade.

Posteriormente, os alunos participaram numa dinâmica de estações rotativas, organizadas pela sala, sendo cada estação dedicada a um continente. Os alunos trabalharam em pequenos grupos e circularam entre cinco estações (Europa, África, Ásia, América e Oceânia), permanecendo cerca de cinco a seis minutos em cada uma. Em cada estação foi proposta uma pequena atividade artística inspirada em elementos culturais ou naturais do continente correspondente, acompanhada por um recurso multimédia (vídeo curto ou áudio) que permitiu enriquecer a experiência e contextualizar os conteúdos. Após concluírem cada estação, os alunos receberam um selo no seu passaporte, simbolizando a passagem por esse continente.

Na estação da Europa, os alunos foram convidados a desenhar um monumento conhecido utilizando linhas contínuas, inspirando-se em exemplos de diferentes cidades europeias. Na estação de África, realizaram a pintura de padrões coloridos inspirados em tecidos tradicionais africanos, ouvindo sons de instrumentos de percussão característicos. Na estação da Ásia, os alunos experimentaram e

representaram o seu nome através de símbolos inspirados na estética da escrita asiática. Na estação da América, desenharam um animal característico desse continente, como a preguiça. Por fim, na estação da Oceânia, criaram uma pequena composição artística utilizando a técnica do pontilhismo, inspirada na arte aborígene australiana (figuras 52 e 53).

De seguida, foi apresentado o continente Antártida, através da observação de imagens e pequenos vídeos que mostravam paisagens geladas e animais característicos dessa região, como pinguins e focas. Os alunos registaram no passaporte uma breve frase de reflexão sobre este continente, reconhecendo que, apesar de não ter população permanente, existe vida e biodiversidade.

A atividade terminou com um momento de partilha e valorização dos trabalhos realizados, no qual cada aluno escolheu a produção artística de que mais gostou e contribuiu para a criação de um mural coletivo intitulado “O mundo cabe na nossa sala”. Este momento final pretendeu reforçar a ideia de diversidade cultural e promover o sentimento de pertença a uma comunidade global (figura 51).

Esta atividade procurou, assim, desenvolver competências de conhecimento do mundo, criatividade, expressão artística, trabalho colaborativo e curiosidade intercultural, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizagem dinâmica e significativa.



Figura 51 - Afixação do mural



Figura 52 - Supervisão entre estações



Figura 53 - Estações dos continentes

4.5. Planos de aulas desenvolvidas no 1.ºCEB

Apresenta-se de seguida os planos de aula que foram aplicados no grupo de 1.º Ciclo do Ensino Básico (figuras 54, 55, 56 e 57).

Figura 54 - Plano de aula 1 - 24 de março de 2026

1ºciclo		Número de crianças: 20	Data da implementação: 24/03/2026		
Implementação: Estagiária Cristiana Silva Meio		Disciplina: Estudo do	Tempo: 60min	Período de intervenção: Manhã	
Organizador Domínios	AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Ações Estratégicas de Ensino Orientadas para o Perfil dos Alunos		Materials/ Recursos/ Espaços físicos	Avaliação
Sociedade	- Relacionar instituições e serviços que contribuem para o bem-estar das populações com as respetivas atividades e funções (saúde, educação, comércio, segurança, entre outras).	1. Introdução da atividade A aula inicia-se com uma conversa sobre o meio local, questionando os alunos sobre os locais por onde passam diariamente e as instituições que existem na sua comunidade.		- Super Doc;	Observação direta:
Natureza	- Descrever elementos naturais e humanos do lugar onde vive, recorrendo à observação e a diferentes fontes de informação.	2. Apresentação do tapete "Vila segura" A professora apresenta um tapete criado previamente com um pequeno mapa da vila, onde estão representadas diferentes instituições (escola, hospital, bombeiros, banco, parque da cidade, polícia, supermercado...)		- Tapete com mapa da vila;	- Identificar corretamente as instituições;
		3. Percurso com o Super Doc Os alunos, organizados em pequenos grupos, terão de programar o Super Doc para realizar percursos entre diferentes instituições do tapete.		- Cartões com instituições;	- Compreender a função de cada serviço;
		Exemplos de desafios: - Levar o robot da escola até ao hospital; - Ir da polícia até aos bombeiros;		- Cartões com situações do quotidiano;	- Participar e cooperar no trabalho em grupo;
				- Sala de aula / espaço no chão para o tapete.	- Mostrar capacidade de

	- Elaborar itinerários do quotidiano, em plantas simplificadas do seu meio, assinalando diferentes elementos naturais e humanos.	- Sair da escola e chegar ao supermercado; Antes de programar o robot os alunos terão de pensar no percurso e identificar as direções necessárias (frente, esquerda, direita, trás...)		orientar o Super Doc;
Tecnologia	- Representar lugares reais que lhes estão próximos no tempo e no espaço.	4. Jogo de consolidação "quem ajuda quem" Após o percurso com o robot, será realizado um jogo em que os alunos terão de relacionar diferentes situações do quotidiano com a instituição que pode ajudar.		- Planear corretamente os percursos.
		Exemplos: incêndio → bombeiros; doença → hospital; perder-se → polícia; comprar bens alimentares → supermercado.		
		5. Síntese final A atividade termina com um momento de reflexão sobre as instituições da comunidade e a importância destas para o bem-estar das pessoas.		

Figura 55 - Plano de aula 2 - 28 de abril de 2026 a 30 de abril de 2026

1º ciclo		Número de crianças: 20	Data da implementação: 28/03/2026, 29/04 e 30/04		
Implementação: Estagiária Cristiana Silva Meio		Disciplina: Estudo do Meio	Tempo: 3h (visita) / 60 min (restantes dias).	Período de intervenção: Manhã	
Organizador Domínios	AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Ações Estratégicas de Ensino Orientadas para o Perfil dos Alunos		Materials/ Recursos/ Espaços físicos	Avaliação
Sociedade	- Descrever elementos naturais e humanos do lugar onde vive, recorrendo à observação e a diferentes fontes de informação.	Dia 1 – Visita à Casa da Azenha (3h) • Observação direta do espaço envolvente (rio, vegetação, construções). • Exploração da azenha e compreensão do seu funcionamento. • Identificação de elementos naturais e humanos. • Contacto com atividades tradicionais ligadas ao rio. • Registo oral das observações realizadas.		- Espaço exterior (Casa da Azenha e meio envolvente); - Sala de aula;	Observação direta - Registos escritos; - Participação nas atividades. Crítérios:
Natureza	- Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos. -Reconhecer a existência de bens comuns à humanidade (água, ar, solo, etc.) e a	Dia 2 – Exploração em sala (60 min) 1. Conversa inicial (10 min) • Ativação de conhecimentos prévios sobre a visita. • Registo de palavras-chave no quadro. 2. Estações de aprendizagem (30 min) • Estação 1: Funcionamento da azenha (água → movimento). • Estação 2: Sequência de atividades tradicionais (antes → depois). • Estação 3: Relação passado vs presente. • Estação 4: Identificação de elementos naturais e humanos.		- Imagens da visita; - Ficha de trabalho; - Cartões ilustrados; - Materiais de construção (rolhas, palitos e cola quente); - Quadro e marcadores.	- Identificar elementos naturais e humanos; - Compreender o funcionamento da azenha; - Estabelecer relações entre passado e presente;

necessidade da sua preservação. - Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos. - Estabelecer a correspondência entre as mudanças de estado físico (evaporação, condensação, solidificação, fusão) e as condições que as originam, com o ciclo da água.	→ Trabalho em grupo com rotação pelas estações. Dia 3 – Consolidação (60 min) 1. Produção escrita (20 min) - Escrita de frases sobre o que aprenderam. 2. Atividade prática (20 min) - Construção de uma mini-azinha. - Observação do movimento gerado pela água.		Participar de forma ativa; Expressar ideias oralmente e por escrito.
---	---	--	--

Figura 56 - Plano de aula 3 - 5 maio de 2026

1ºciclo		Número de crianças: 20	Data da implementação: 5/05/2026		
Implementação: Estagiária Cristiana Silva Meio		Disciplina: Estudo do Meio	Tempo: 60 min.	Período de intervenção: Manhã	
Organizador Domínios	AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Ações Estratégicas de Ensino Orientadas para o Perfil dos Alunos		Materials/ Recursos/ Espaços físicos	Avaliação
Sociedade	- Reconhecer influências de outros países e culturas em diversos aspetos do seu dia a dia (alimentação, vestuário, música, comunicação, etc.);	1. Introdução da atividade (5 min) A aula inicia-se com a observação de um globo terrestre ou imagem do planeta Terra. A professora coloca questões como: "Onde fica Portugal?" e "Em que continente vivemos?", promovendo a ativação dos conhecimentos prévios e introduzindo o conceito de continentes.		-Globo terrestre ou imagem do planeta;	-Registos escritos;
Natureza	- Localizar Portugal, na Europa e no Mundo, em diferentes representações cartográficas, reconhecendo as suas fronteiras;	2. Construção coletiva do puzzle no quadro (15 min) É apresentado um mapa-mundo simplificado no quadro. Os continentes, previamente recortados em cartolina, serão distribuídos pelos 4 grupos de 5 alunos e cada grupo terá um continente, que deverão colocá-los no local correto. Os restantes participam ajudando e refletindo sobre as posições. Durante a atividade, são reforçadas ideias como: Portugal pertence à Europa e a Europa faz parte do planeta Terra.		- Mapa-mundo (quadro); - Continentes recortados em cartolina; - Manual de Estudo do Meio (puzzle dos continentes); - Tesoura e cola; - Sala de aula.	-Participação nas atividades. Crítérios: -Identificar Portugal no mapa e reconhecer que pertence à Europa. - Reconhecer os continentes como grandes divisões do planeta Terra. - Desenvolver noções de localização espacial.

Tecnologia	- Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos.	3. Atividade individual – Puzzle do manual (15 min) Cada aluno realizará individualmente o puzzle dos Portugal e ilhas presente no manual de Estudo do Meio. A tarefa consiste em recortar e organizar corretamente, consolidando a sua localização. A professora acompanha e apoia sempre que necessário.	- Relacionar elementos do meio nacional com o contexto global. - Promover a participação ativa e o raciocínio geográfico.
	-Representar lugares reais que lhes estão próximos no tempo e no espaço.	4. Jogo de consolidação (7 min) Através da apresentação de imagens (ex.: pirâmides, canguru, panda, pinguins), os alunos identificam o continente correspondente, promovendo a associação entre elementos naturais/culturais e os continentes.	
		5. Síntese final (3 min) Realiza-se um momento de reflexão com questões como: "Em que	

		continente fica Portugal?" e "Quanto continentes existem?", consolidando as aprendizagens.		
--	--	--	--	--

Figura 57 - Plano de aula 4 - 12 de maio de 2026 a 13 de maio de 2026

1º ciclo		Número de crianças: 20	Data da implementação: 12/05/2026 a 13/05/2026	
Implementação: Estagiária: Cristiana Silva Meio		Disciplina: Estudo do	Tempo: 60 min.	Período de intervenção: Manhã
Organizador Domínios	AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Ações Estratégicas de Ensino Orientadas para o Perfil dos Alunos		Materiais/ Recursos/ Espaços físicos Avaliação
Sociedade	- Reconhecer influências de outros países e culturas em diversos aspetos do seu dia a dia (alimentação, vestuário, música, comunicação, etc.).	1. Introdução da atividade (5 min) A aula inicia-se com a apresentação de um "Passaporte do Viajante do Mundo". Vou explicar aos alunos que irão realizar uma viagem simbólica pelos diferentes continentes do planeta Terra. São colocadas questões orientadoras como: – "O que é um passaporte?" – "Para que serve?" – "Que continentes já conhecemos?"		Observação direta - Participação e interesse; - Respeitar as regras e trabalho em grupo;
Natureza	- Localizar Portugal, na Europa e no Mundo, em diferentes representações cartográficas, reconhecendo as suas fronteiras - Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões	2. Explicação das estações de aprendizagem (5 min) A sala estará organizada em diferentes estações/continentes. Em cada estação os alunos terão um pequeno desafio relacionado com um continente específico. Sempre que completarem uma estação, recebem um selo no passaporte.		- Passaportes do viajante; - Selos; - Vídeos e imagens dos continentes; - Lápis de cor/ marcadores e tinta; - Cola e tesoura e cotonetes; - Sala organizada por estações.
				CrITÉRIOS: - Identificar continentes; - Compreender os elementos culturais e naturais;

Artes Visuais	e acontecimentos. Representar lugares reais que lhes estão próximos no tempo e no espaço.	3. Realização das estações (25 min) Os alunos circulam em pequenos grupos pelas diferentes estações. Sempre com um recurso multimédia e imagens em papel. Exemplos de estações: • Europa – serão convidados a desenhar um monumento que represente este continente, utilizando linhas contínuas; • África – realização de uma pintura de padrões (previamente imprimidos) coloridos inspirados em tecidos tradicionais deste continente; • Ásia – Irão tentar representar o nome deles através de símbolos (previamente imprimidos); • América – Desenharão animais característicos deste continente, ex: arara, preguiça...); • Oceânia – vão criar uma composição artística utilizando a técnica do pontilhismo, inspirada na arte aborígene (tendo já a folha imprimida para que estes façam a técnica através de um cotonete);		-Participar de forma ativa; -Expressar ideias oralmente. - Pintar corretamente; - Organizar ideias;
	Apropriação e reflexão - Observar os diferentes universos visuais, tanto do património local como global (obras e artefactos de arte – pintura, escultura, desenho, assemblage, colagem, fotografia, instalação, land'art, banda desenhada, design, arquitetura, artesanato, multimédia, linguagens cinematográficas, entre outros), utilizando um			

Interpretação e comunicação	vocabulário específico e adequado. -Mobilizar a linguagem elementar das artes visuais (cor, forma, linha, textura, padrão, proporção e desproporção, plano, luz, espaço, volume, movimento, ritmo, matéria, entre outros), integrada em diferentes contextos culturais (movimentos artísticos, épocas e geografias).	Em cada estação os alunos realizam pequenas tarefas lúdicas e recebem um selo no passaporte. No final das estações vou apresentar no quadro o continente da Antártida, onde irão observar pequenos vídeos, e no passaporte registarão uma pequena frase de reflexão sobre este; 4. Síntese e reflexão final (5 min) Em grande grupo, realiza-se um momento de diálogo e partilha sobre a valorização dos trabalhos realizados, no qual cada aluno escolherá a produção artística que mais gostar e vai fazer parte de um mural coletivo como título "O mundo cabe na nossa sala".		
	Experimentação e criação -Apreciar as diferentes manifestações artísticas e outras realidades visuais.			

	- Captar a expressividade contida na linguagem das imagens e/ou outras narrativas visuais. - Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (pintura; desenho - incluindo esboços, esquemas, e itinerários; técnica mista; assemblage; land'art; escultura; maquete; fotografia, entre outras) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais.			
--	---	--	--	--

4.6. Reflexões das intervenções efetuadas no 1.ºCEB

Aula 1- 24 de março de 2026

No dia 24 de março de, realizei a primeira sessão da minha Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, centrada na atividade “Vila Segura”, com o apoio do Super Doc (figura 49). O principal objetivo desta implementação foi promover o conhecimento dos alunos acerca das diferentes instituições presentes na comunidade e das suas funções, bem como a capacidade de identificar a quem recorrer em diferentes situações do quotidiano, desenvolvendo simultaneamente competências de orientação espacial, raciocínio lógico e trabalho colaborativo.

Iniciei a sessão com um levantamento de ideias prévias, colocando questões relacionadas com o quotidiano dos alunos, como os percursos que realizam diariamente e as instituições que conhecem na sua comunidade. Considero que este momento foi essencial, pois possibilitou-me compreender os conhecimentos prévios da turma e adequar a minha intervenção. Para além disso, promoveu desde cedo a participação ativa dos alunos, que se mostraram interessados e motivados para partilhar as suas experiências (figuras 58 e 60).

Ao longo da aula, introduzi a temática da “Vila Segura” com o apoio do Super Doc, explorando diferentes situações relacionadas com a segurança e os serviços da comunidade. Como estratégia prática, construí um tapete com várias instituições (como hospital, bombeiros, polícia, entre outras), que serviu de base para a realização da atividade principal. Organizei a turma em grupos de cinco elementos e, de forma rotativa, cada grupo deslocava-se ao tapete para programar o Super Doc e realizar percursos entre diferentes pontos, de acordo com os desafios propostos (figuras 61, 62 e 63).

Considero que esta atividade foi um dos pontos mais fortes da aula, pois permitiu articular a aprendizagem com uma componente lúdica e prática. Os alunos mostraram-se bastante entusiasmados e envolvidos, participando ativamente na construção dos percursos e na resolução dos desafios. Para além disso, esta dinâmica promoveu o trabalho em grupo, a cooperação e o desenvolvimento do raciocínio lógico. No entanto, refletindo sobre a minha prática, reconheço que poderia ter estruturado melhor os momentos de participação de cada grupo, de forma a garantir uma gestão do tempo mais equilibrada e evitar alguns momentos de espera por parte dos restantes alunos.

O jogo “Quem ajuda quem?”, realizado no final da sessão, contribuiu para consolidar os conhecimentos adquiridos (figura 59). Através das questões colocadas, consegui perceber que a maioria dos alunos foi capaz de identificar corretamente as diferentes instituições e os seus papéis na comunidade. Ainda assim, considero que poderia ter aprofundado mais este momento, incentivando os alunos a justificar as suas respostas e a estabelecer ligações com situações do dia a dia.

Durante a aula, observei um bom nível de envolvimento por parte da turma. No entanto, ao refletir sobre a minha intervenção, considero que poderia ter reforçado a diferenciação pedagógica, preparando estratégias mais específicas para apoiar todos os alunos de forma mais eficaz.

Outro aspeto que considero importante referir prende-se com a gestão do tempo. Apesar de ter conseguido cumprir as atividades planeadas, senti que alguns momentos poderiam ter sido melhor distribuídos, especialmente a atividade no tapete, que poderia ter beneficiado de mais tempo para exploração por parte dos alunos.

No final da sessão, promovi um momento de partilha, no qual os alunos puderam expressar as suas opiniões sobre a aula. Foi bastante gratificante perceber que se sentiram motivados e que destacaram a atividade com o tapete e o Super Doc como uma das mais interessantes. Este feedback reforça a importância de integrar estratégias práticas e dinâmicas no processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, considero que esta primeira implementação foi uma experiência muito enriquecedora. Senti-me globalmente confiante, embora consciente de que existem aspetos a melhorar, nomeadamente ao nível da gestão do tempo, da organização das atividades em grupo e da diferenciação pedagógica. Esta reflexão permitiu-me identificar pontos fortes e áreas de melhoria, contribuindo para o meu crescimento enquanto futura professora. Faço, assim, um balanço positivo desta sessão, mantendo-me motivada para continuar a desenvolver práticas pedagógicas cada vez mais significativas e ajustadas às necessidades dos alunos.



Figura 58 – Apresentação do tapete



Figura 59 - Jogo de consolidação sobre os serviços



Figura 60 - Tapete super doc



Figura 61 - Percurso com o super doc



Figura 62 - Percurso em grupos



Figura 63 - Explicação do funcionamento do super doc

Aula 2- 28 de abril de 2026 a 30 de abril de 2026

Nos dias 28 de abril a 30 de abril, realizei a segunda sessão da minha Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, centrada na atividade “Visita à Casa da Azenha”. O principal objetivo desta implementação foi proporcionar aos alunos o contacto direto com o património local, promovendo o conhecimento sobre a função da azenha e a sua importância na comunidade, bem como desenvolver competências de observação, interpretação, expressão oral e escrita.

A atividade foi organizada em três momentos distintos. Num primeiro momento, realizei a visita à Casa da Azenha (figura 64, 65, 70, 72 e 77), onde procurei explorar o espaço de forma ativa e significativa, com a ajuda de um guião (figuras 81, 82, 83 e 84). Durante a visita, fui colocando questões oralmente relacionadas com os elementos observados, incentivando os alunos a refletir sobre o funcionamento da azenha, os materiais utilizados e a sua utilidade no passado. Considero que este momento foi bastante enriquecedor, uma vez que o contacto direto com o espaço facilitou a compreensão dos conteúdos, tornando a aprendizagem mais concreta. Os alunos demonstraram curiosidade e interesse, respondendo às questões e interagindo com o meio envolvente. No mesmo dia fizeram uma ficha sobre a casa da Azenha. (figuras 74 e 75)

No segundo momento, já em sala de aula, organizei a turma em estações de trabalho, onde os alunos realizaram diferentes tarefas relacionadas com a visita (figuras 66, 67, 68, 69, 73 e 74). Esta estratégia permitiu diversificar as atividades e promover o trabalho colaborativo, bem como a autonomia dos alunos. De um modo geral, observei um bom envolvimento por parte da turma durante a realização das tarefas. No entanto, ao refletir sobre este momento, destaco uma dificuldade sentida na fase final. Após concluírem as atividades das estações, voltei a colocar algumas questões com o intuito de consolidar as aprendizagens, mas os alunos demonstraram dificuldade em responder, como se não tivessem trabalhado os conteúdos anteriormente. Este momento gerou alguma frustração da minha parte, pois esperava uma maior mobilização dos conhecimentos.

Perante esta situação, procurei adaptar a minha intervenção de forma imediata. Ao recorrer às imagens utilizadas nas estações e uma chuva de ideias e ao fornecer apoio oral e escrito, os alunos conseguiram responder de forma mais adequada, demonstrando que, afinal, possuíam os conhecimentos, mas necessitavam de apoio para os organizar e expressar. Esta situação levou-me a refletir sobre a importância dos suportes visuais e da mediação do professor no processo de

aprendizagem, compreendendo que nem sempre os alunos conseguem, de forma autónoma, aceder e mobilizar a informação trabalhada.

No terceiro momento, propus uma atividade de produção escrita, na qual os alunos tiveram de expressar o que aprenderam ao longo das etapas anteriores. Considero que esta fase decorreu de forma positiva, pois os alunos conseguiram, com algum apoio, organizar as suas ideias e traduzi-las por escrito. Esta atividade revelou-se importante para consolidar as aprendizagens e desenvolver competências ao nível da expressão escrita (figura 79 e 80).

De um modo geral, considero que esta implementação foi uma experiência bastante enriquecedora. Apesar do momento de frustração sentido durante a consolidação das aprendizagens nas estações, consegui refletir sobre a minha prática e adaptar a minha intervenção às necessidades dos alunos. Reconheço que é fundamental diversificar estratégias e fornecer diferentes tipos de apoio, de forma a facilitar a compreensão e a mobilização dos conhecimentos.

Em suma, faço um balanço positivo desta atividade, destacando a importância do contacto direto com o meio, da aprendizagem ativa e da reflexão contínua sobre a prática pedagógica. Esta experiência contribuiu para o meu crescimento enquanto futura professora, permitindo-me compreender melhor os processos de aprendizagem dos alunos e a importância de ajustar a intervenção pedagógica de forma flexível e consciente.



Figura 64 - Mó casa da Azenha



Figura 65 - Visita casa da Azenha



Figura 66 - Estação sobre o antigo e o atual



Figura 67 - Estação sobre o antigo e o atual



Figura 68 - Estação de sequência sobre as atividades beira rio



Figura 69 - Estação sequencial



Figura 70 - Visita exterior casa da Azenha



Figura 71 - Chuva de ideias sobre a visita



Figura 72 - Visita casa da Azenha



Figura 73 - Estação sequencial das etapas de cada atividade à beira rio

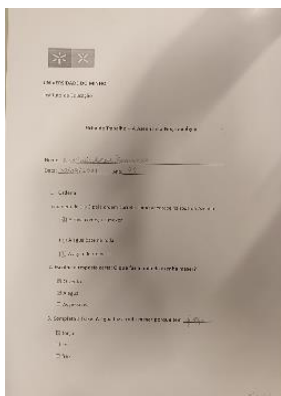


Figura 74 – Ficha sobre a casa da Azenha

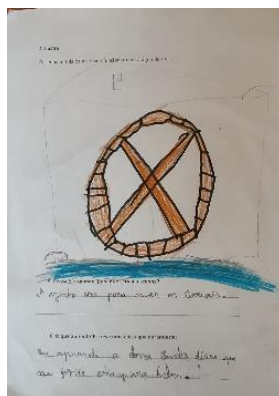


Figura 75 – Ficha sobre a casa da Azenha



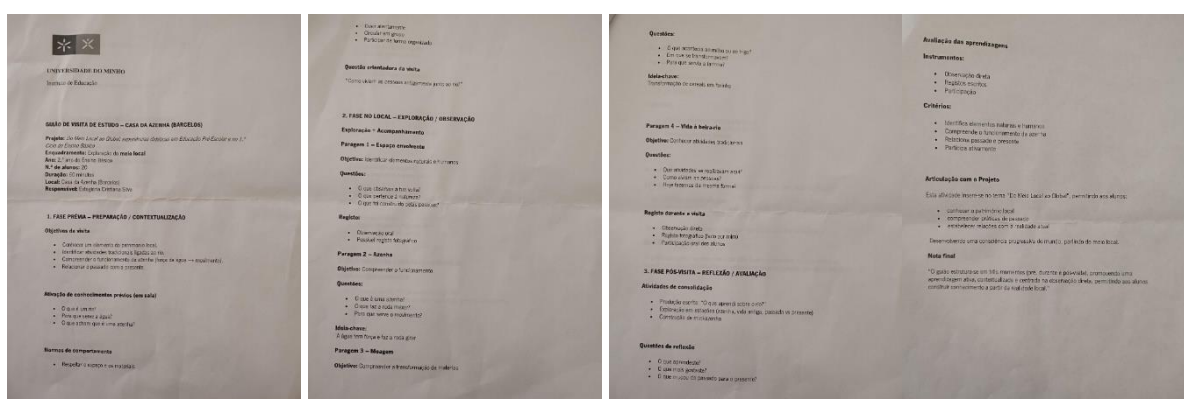
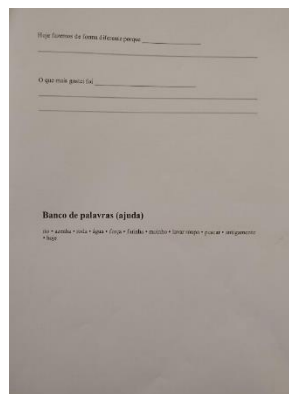
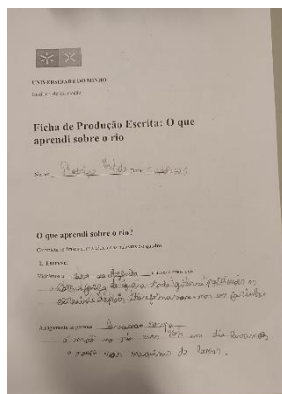
Figura 76 – Estação



Figura 77 – Visita à casa da Azenha



Figura 78 – Estação 4



Figuras 81, 82, 83 e 84 – Guião da visita de estudo

Aula 3- 5 de maio de 2026

No dia 5 de maio, realizei a terceira sessão da minha Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, intitulada “O Puzzle de Portugal”, centrada na localização de Portugal no mundo e na identificação dos continentes. O principal objetivo desta implementação foi promover o desenvolvimento da consciência espacial dos alunos, bem como consolidar conhecimentos sobre os continentes, a localização de Portugal e alguns elementos culturais e patrimoniais associados a diferentes partes do mundo.

Iniciei a sessão com uma conversa orientada, onde recorri à observação do planeta Terra (figura 85), através da sua representação visual, com o intuito de despertar a curiosidade dos alunos e ativar os seus conhecimentos prévios. A partir desta imagem, coloquei questões relacionadas com os continentes e com a localização de Portugal no mundo, procurando compreender o nível de conhecimento da turma e orientar a minha intervenção de acordo com as suas respostas. Este

momento revelou-se bastante importante, uma vez que permitiu envolver os alunos desde o início e promover a sua participação ativa.

De seguida, desenvolvi a primeira atividade prática, na qual utilizei um mapa do mundo projetado no quadro e peças em cartolina representando os continentes. Organizei a turma em grupos de cinco elementos e cada grupo teve a oportunidade de ir ao quadro colocar os continentes no local correto. Esta estratégia revelou-se bastante motivadora, promovendo a cooperação entre os alunos e o seu envolvimento ativo na construção do conhecimento (figuras 90, 91, 92 e 93). Considero que esta atividade contribuiu significativamente para a consolidação dos conteúdos, permitindo uma aprendizagem mais visual e concreta.

Num segundo momento, realizámos o puzzle de Portugal presente no manual de Estudo do Meio. Esta atividade permitiu aprofundar a localização de Portugal dentro do continente europeu, bem como reforçar a noção de posição geográfica (figuras 86, 87, 88 e 89). No final escrevi duas perguntas no quadro e os alunos copiaram para o caderno diário e responderam a cada uma delas (figuras 85 e 95). Os alunos demonstraram interesse e empenho na realização da tarefa, conseguindo, com maior ou menor apoio, completar o puzzle de forma adequada.

Por fim, apresentei imagens de monumentos e elementos culturais de diferentes partes do mundo, solicitando aos alunos que, oralmente, identificassem o continente a que cada imagem pertencia. Este momento revelou-se bastante dinâmico e interativo, promovendo a participação oral e a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da aula. Os alunos mostraram-se envolvidos e motivados, demonstrando capacidade para estabelecer algumas associações corretas entre os elementos culturais e os respetivos continentes.

De um modo geral, considero que esta implementação foi bastante positiva. Os alunos participaram ativamente em todas as atividades propostas e demonstraram interesse pelos conteúdos trabalhados. No entanto, ao refletir sobre a minha prática, considero que poderia ter aprofundado ainda mais alguns momentos de justificação das respostas, incentivando os alunos a explicarem o seu raciocínio, de forma a desenvolver de forma mais consistente as suas competências de pensamento.

Em suma, faço um balanço globalmente positivo desta sessão. Senti-me confiante na condução das atividades e considero que os objetivos definidos foram alcançados. Esta experiência permitiu-me reforçar a importância da utilização de estratégias visuais, práticas e colaborativas, bem como da

articulação entre diferentes recursos para promover aprendizagens significativas. Assim, continuo motivada para melhorar a minha prática pedagógica e proporcionar experiências de aprendizagem cada vez mais enriquecedoras e eficazes

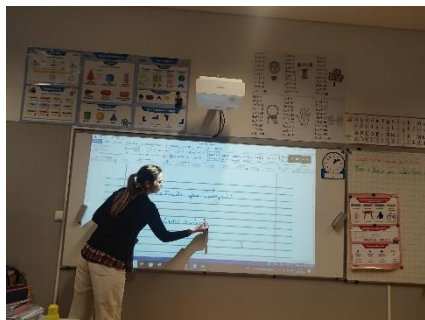


Figura 85 - Escrita de perguntas no quadro

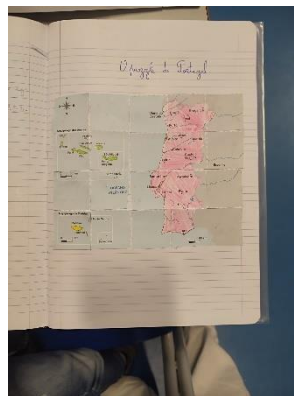


Figura 86 - Puzzle de Portugal



Figura 87 - Construção do puzzle de Portugal



Figura 88 - Recorte do puzzle de Portugal



Figura 89 - Explicação do puzzle

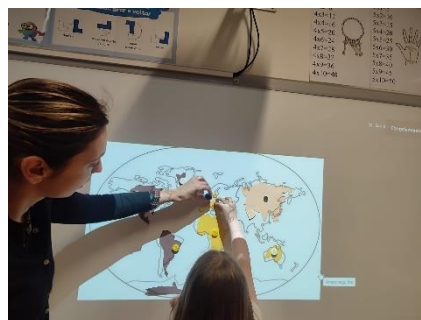


Figura 90 - Colocação dos continentes



Figura 91 - Colocação dos continentes



Figura 92 - Colocação dos continentes em grupos



Figura 93 - Identificação dos continentes



Figura 94 - Visualização do Globo

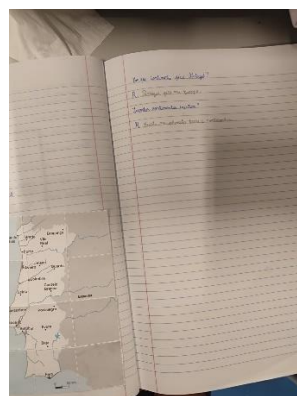


Figura 95 - Respostas às perguntas feitas

Aula 4- 12 de maio de 2026 a 13 de maio de 2026

Na minha quarta implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, desenvolvi uma atividade intitulada “Passaporte do Mundo”, centrada na consolidação dos conhecimentos relacionados com os continentes, a localização de Portugal no mundo e alguns elementos culturais característicos de diferentes partes do planeta. O principal objetivo desta implementação foi proporcionar aos alunos uma aprendizagem dinâmica e significativa sobre os continentes, promovendo

simultaneamente competências de cooperação, observação, participação ativa e curiosidade pelo mundo que os rodeia.

Iniciei a sessão com um momento de diálogo e revisão dos conteúdos anteriormente trabalhados, colocando questões relacionadas com os continentes, o planeta Terra e a localização de Portugal no mundo. Este momento permitiu perceber os conhecimentos que os alunos já possuíam e prepará-los para as atividades seguintes. Observei que os alunos participaram de forma entusiasta, demonstrando interesse pelo tema e vontade de partilhar os seus conhecimentos.

Posteriormente, apresentei aos alunos o “Passaporte do Mundo”, explicando que cada um iria realizar uma viagem pelos diferentes continentes através de várias estações de aprendizagem. Cada aluno recebeu inicialmente o seu passaporte, onde iria colecionando selos à medida que concluía as atividades propostas em cada continente. Considero que este recurso foi bastante motivador, pois despertou imediatamente o interesse e o entusiasmo da turma, tornando a aprendizagem mais lúdica e envolvente.

Organizei então diferentes estações, cada uma dedicada a um continente, com atividades específicas relacionadas com elementos culturais, animais, monumentos ou características próprias desses locais. Os alunos iam circulando pelas estações e, após concluírem cada tarefa, colavam um selo no passaporte correspondente ao continente explorado (figuras 102, 103, 104, 105, 106 e 108). Esta dinâmica revelou-se bastante positiva, uma vez que promoveu a autonomia, o trabalho colaborativo e a participação ativa dos alunos ao longo de toda a atividade.

Destaco particularmente a estação relacionada com o continente da Antártida. Neste momento, apresentei um vídeo explicativo sobre este continente, abordando as suas características e explicando aos alunos que, apesar de não existir permanência humana, continua a existir vida e biodiversidade naquele espaço (figura 101). Considero que esta explicação foi importante, pois despertou bastante curiosidade nos alunos e permitiu desconstruir algumas ideias erradas que possuíam. Observei que este foi um dos momentos que mais captou a atenção da turma, sobretudo pelas imagens e informações apresentadas.

No final da atividade, reuni novamente a turma para um momento de diálogo e partilha sobre os trabalhos realizados nas estações (figuras 99 e 100). Em conjunto, observámos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e conversámos sobre aqueles que consideravam mais criativos,

organizados ou interessantes, de forma a selecionar alguns para integrar um mural final (figuras 96, 97, 98 e 107). Considero que este momento foi bastante significativo, pois permitiu valorizar o trabalho dos alunos e promover a expressão oral, a partilha de opiniões e o respeito pelas ideias dos colegas.

Refletindo sobre esta implementação, considero que a atividade correu globalmente muito bem. Os alunos mostraram-se envolvidos, motivados e participativos ao longo de toda a sessão. A utilização das estações e do passaporte revelou-se uma estratégia bastante eficaz para promover aprendizagens mais dinâmicas e significativas. Para além disso, os recursos visuais e práticos ajudaram os alunos a compreender melhor os conteúdos trabalhados.

No entanto, ao refletir sobre a minha prática, reconheço que poderia ter aprofundado mais alguns momentos de exploração oral em determinadas estações, incentivando os alunos a justificar melhor as suas respostas e a desenvolver mais o pensamento crítico. Considero também que alguns grupos necessitaram de maior apoio e orientação durante a realização das atividades, o que me levou a compreender a importância de adaptar constantemente a minha intervenção às necessidades da turma.

De um modo geral, faço um balanço bastante positivo desta implementação, considerando que os objetivos definidos foram alcançados. Esta experiência permitiu-me crescer enquanto futura professora, reforçando a importância de utilizar estratégias práticas, colaborativas e motivadoras no processo de ensino-aprendizagem. Sinto-me, assim, mais consciente da importância de criar atividades significativas, capazes de envolver os alunos e promover aprendizagens duradouras.

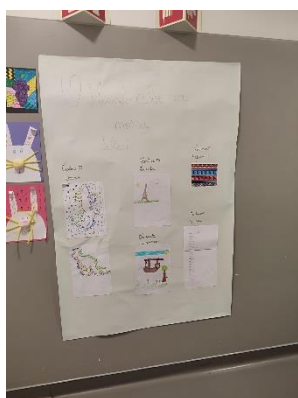


Figura 96 - Mural exposto no corredor da Escola



Figura 97 - Mural "o Mundo cabe na nossa sala"



Figura 98 - Construção do mural



Figura 99 - Diálogo sobre os trabalhos



Figura 100 - Escolha dos trabalhos para o mural



Figura 101 - Continente da Antártica



Figura 102 - Supervisão estações

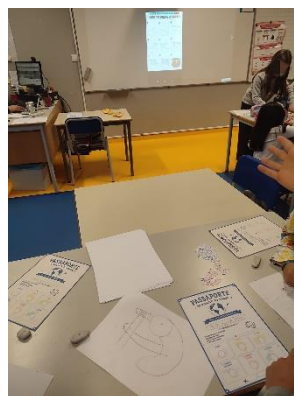


Figura 103 - Estação do continente Americano

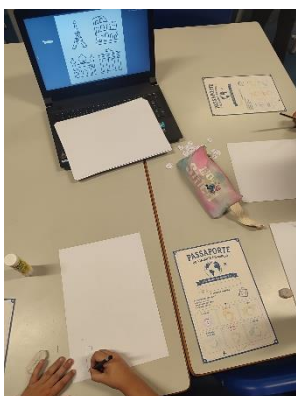


Figura 104 - Estação do continente Europeu

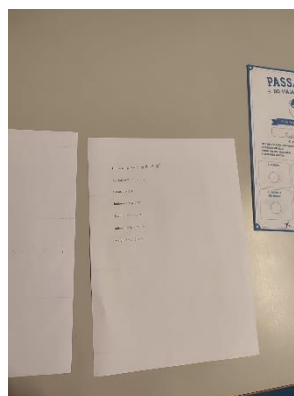


Figura 105 - Estação do continente Asiático



Figura 106 - Estação do continente da Oceânia



Figura 107 - Afixação do mural " O Mundo cabe na nossa sala"



Figura 108 - Estação do continente Africano

Capítulo V – Análise dos dados recolhidos

Neste subcapítulo apresento a análise e interpretação dos dados recolhidos ao longo da implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, tanto em contexto de Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico. A análise dos dados revela-se fundamental, uma vez que permite compreender o impacto das atividades desenvolvidas, bem como refletir sobre a adequação das estratégias pedagógicas utilizadas e o envolvimento das crianças e dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

5.1. Análise dos dados da Educação Pré-Escolar

Na primeira etapa do projeto implementado no contexto da Educação Pré-Escolar, optei por realizar o levantamento dos conhecimentos prévios das crianças de forma oral e dialogada, tendo em consideração a faixa etária do grupo. Durante os momentos iniciais das intervenções, procurei incentivar a participação das crianças através de questões simples relacionadas com os conteúdos a explorar, permitindo compreender as suas ideias, experiências e conhecimentos acerca do espaço, da cultura portuguesa e do mundo que as rodeia.

Ao longo das intervenções realizadas na Educação Pré-Escolar, foram implementadas diversas atividades relacionadas com a localização espacial, a identidade cultural e a descoberta do mundo, nomeadamente “O mapa da minha escola”, “O Galo de Barcelos” e “O mapa de Portugal e o Globo Terrestre”. A avaliação destas atividades foi realizada através da observação direta e do recurso a emojis de avaliação, adequados à faixa etária das crianças. Em todas as implementações, o emoji selecionado correspondeu ao emoji verde, evidenciando que as atividades foram bem recebidas pelas crianças e que estas demonstraram interesse, motivação e envolvimento ao longo das propostas apresentadas.

Na atividade “O mapa da minha escola”, as crianças demonstraram entusiasmo ao explorar os diferentes espaços da instituição educativa e ao reconhecer locais do seu quotidiano escolar. A possibilidade de relacionar a atividade com o ambiente que lhes era familiar favoreceu a participação ativa do grupo e permitiu desenvolver capacidades de orientação e observação. Durante a implementação, verificou-se que as crianças conseguiam identificar diferentes espaços da escola e compreender a sua organização, revelando curiosidade e interesse ao longo da atividade.

Relativamente à implementação do “Galo de Barcelos”, foi possível observar um elevado envolvimento das crianças, especialmente nos momentos de exploração da história e da realização das atividades de expressão plástica associadas. As crianças mostraram curiosidade em conhecer uma tradição cultural portuguesa e participaram ativamente nos momentos de diálogo sobre o significado do Galo de Barcelos. A atividade permitiu ainda desenvolver competências relacionadas com a criatividade, motricidade fina e expressão oral.

Na atividade “O mapa de Portugal e o Globo Terrestre”, as crianças demonstraram bastante interesse na exploração do globo e na identificação de Portugal. A observação dos continentes e do planeta despertou curiosidade e entusiasmo, levando as crianças a colocar questões e a partilhar conhecimentos relacionados com viagens, países e diferentes locais do mundo. Esta atividade revelou-se particularmente enriquecedora, pois permitiu introduzir, de forma simples e adequada à faixa etária, noções relacionadas com localização espacial e diversidade cultural.

A análise dos dados recolhidos permite concluir que as atividades implementadas no contexto da Educação Pré-Escolar contribuíram positivamente para o envolvimento e participação das crianças, promovendo aprendizagens significativas através de metodologias práticas, lúdicas e participativas.

5.1.1. Análise das respostas apresentadas pelos alunos no inquérito por questionário de avaliação das aulas lecionadas e da docente no Pré-Escolar

Através do instrumento de avaliação utilizado no contexto da Educação Pré-Escolar, baseado na pintura de caras de emojis representativas do nível de satisfação das crianças relativamente às atividades implementadas e ao meu desempenho enquanto estagiária, foi possível recolher informações importantes acerca do envolvimento, motivação e interesse demonstrados pelo grupo ao longo das intervenções.

Considerando a faixa etária das crianças, optou-se por uma avaliação simples, visual e adequada ao nível de desenvolvimento do grupo, recorrendo à utilização de diferentes expressões faciais (emoji feliz, emoji neutro e emoji triste). As crianças deveriam pintar a cara que melhor representava a sua opinião relativamente às atividades realizadas.

Ao analisar o gráfico 1, é possível verificar que, em todas as atividades implementadas, predominou a escolha da cara feliz, pintada de cor verde pelas crianças. Este resultado evidencia que as propostas

pedagógicas desenvolvidas foram globalmente muito bem recebidas pelo grupo, despertando interesse, entusiasmo e participação ativa nas diferentes intervenções realizadas.



Gráfico 1- Gostaram das atividades?

As atividades “O mapa da minha escola”, “O Galo de Barcelos” e “O mapa de Portugal e o Globo Terrestre” revelaram-se significativas para as crianças, permitindo-lhes participar de forma dinâmica e envolvente nas experiências propostas. A observação direta realizada ao longo das implementações permitiu igualmente constatar elevados níveis de motivação, curiosidade e interação durante os diferentes momentos pedagógicos.

Relativamente às atividades desenvolvidas, as crianças demonstraram maior entusiasmo nas propostas que envolviam exploração prática, diálogo em grande grupo e atividades manipulativas e de expressão plástica. A possibilidade de explorar elementos próximos da sua realidade e descobrir novos conhecimentos sobre Portugal e o mundo contribuiu para tornar as aprendizagens mais significativas e motivadoras.

Quanto à minha intervenção enquanto futura educadora, considero bastante positivo o facto de as crianças terem demonstrado interesse e envolvimento nas atividades propostas, participando ativamente nos momentos de exploração e partilha. A relação próxima e afetiva estabelecida com o grupo revelou-se igualmente fundamental para a criação de um ambiente seguro, acolhedor e favorável à aprendizagem.

De forma global, a avaliação realizada através da pintura dos emojis permitiu concluir que as atividades implementadas no contexto da Educação Pré-Escolar corresponderam aos interesses e necessidades

das crianças, promovendo aprendizagens significativas através de metodologias lúdicas, participativas e adequadas à faixa etária do grupo.

5.1.2. Breve conclusão sobre o Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada no Pré-Escolar

O estágio e a prática pedagógica no contexto da Educação Pré-Escolar revelaram-se fundamentais para a minha formação pessoal e profissional, uma vez que me permitiram contactar diretamente com a realidade educativa e compreender a importância do papel do educador no desenvolvimento global das crianças. Até ao início do estágio, a minha experiência encontrava-se mais focada na observação de contextos educativos, pelo que a oportunidade de planificar, implementar e refletir sobre práticas pedagógicas constituiu uma experiência extremamente enriquecedora e significativa.

Ao longo deste percurso, foi essencial o apoio constante da educadora cooperante, através da orientação, partilha de conhecimentos e acompanhamento durante a implementação das atividades. O envolvimento, carinho e participação ativa das crianças nas propostas desenvolvidas contribuíram igualmente para que esta experiência se tornasse ainda mais positiva e motivadora.

O Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada desenvolvido no contexto da Educação Pré-Escolar permitiu-me compreender a importância de criar experiências educativas significativas, lúdicas e adequadas às características e interesses das crianças. Através das atividades implementadas, como “O mapa da minha escola”, “O Galo de Barcelos” e “O mapa de Portugal e o Globo Terrestre”, foi possível proporcionar momentos de descoberta, exploração e participação ativa, favorecendo aprendizagens relacionadas com o conhecimento do mundo, a identidade cultural e a orientação espacial.

Ao promover momentos de diálogo, partilha de ideias e exploração prática, constatei que as crianças são capazes de participar ativamente no processo de aprendizagem, demonstrando curiosidade, criatividade e entusiasmo perante novos conhecimentos. As atividades desenvolvidas permitiram ainda criar oportunidades para as crianças comunicarem entre si, partilharem experiências e desenvolverem competências sociais importantes, como a cooperação, a escuta e o respeito pelos outros.

Foi igualmente possível observar que as crianças aprendem de forma mais significativa quando participam ativamente em experiências práticas e contextualizadas. As propostas manipulativas, os

momentos de exploração em grande grupo e as atividades de expressão plástica revelaram-se especialmente motivadores, favorecendo o envolvimento e a construção de aprendizagens naturalmente incorporadas.

Relativamente às competências desenvolvidas, considero que as crianças demonstraram capacidade para participar de forma ativa nas atividades propostas, explorar novos conhecimentos, comunicar as suas ideias e relacionar conteúdos com situações do quotidiano. As implementações permitiram também estimular a curiosidade pelo mundo que as rodeia e promover o desenvolvimento de competências relacionadas com a autonomia, criatividade e expressão oral.

No que diz respeito às atitudes e valores, as atividades implementadas contribuíram para promover o respeito pelo outro, a valorização da cultura portuguesa e o interesse pela descoberta de diferentes realidades. A exploração do mapa, do globo terrestre e de elementos culturais portugueses possibilitou momentos importantes de diálogo e reflexão, favorecendo o desenvolvimento de uma maior consciência sobre o meio envolvente e sobre o mundo.

Em suma, o estágio em contexto de Educação Pré-Escolar contribuiu significativamente para a construção da minha identidade enquanto futura educadora, permitindo-me desenvolver competências pedagógicas, relacionais e reflexivas essenciais para a prática educativa. Esta experiência possibilitou-me compreender melhor a importância de uma educação focada na criança, baseada na participação ativa, na valorização das experiências individuais e na construção de aprendizagens significativas através do brincar e da exploração.

5.2. Análise dos dados do 1.º CEB

No contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, as atividades implementadas ao longo do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada procuraram promover aprendizagens significativas através de metodologias ativas, práticas e participativas. As intervenções desenvolvidas centraram-se sobretudo na exploração do meio, da localização espacial, da descoberta de diferentes culturas e da valorização do património local, permitindo aos alunos assumir um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Na primeira intervenção, relacionada com o tema “Instituições e serviços”, foi utilizado o robot DOC como recurso pedagógico. A utilização deste material revelou-se bastante motivadora para os alunos, dado que permitiu abordar conteúdos de Estudo do Meio de forma mais dinâmica e interativa. Durante

a realização da atividade, os alunos demonstraram entusiasmo, participação ativa e interesse em explorar os diferentes percursos e desafios propostos. Para além disso, foi possível desenvolver competências relacionadas com a orientação espacial, o raciocínio lógico e o trabalho colaborativo.

Relativamente à visita à Casa da Azenha e às atividades desenvolvidas posteriormente em estações de aprendizagem, foi possível verificar um elevado nível de envolvimento e curiosidade por parte dos alunos. O contacto com o património local permitiu que os estudantes relacionassem os conteúdos abordados em sala de aula com experiências concretas e significativas. As atividades organizadas por estações favoreceram a cooperação, a comunicação e a participação ativa da turma. Posteriormente, a produção de texto realizada pelos alunos possibilitou consolidar os conhecimentos adquiridos durante a visita, desenvolvendo simultaneamente competências de escrita, organização de ideias e expressão escrita.

Na implementação do “Puzzle de Portugal”, os alunos exploraram inicialmente a localização de Portugal no mundo e os diferentes continentes. Durante a atividade, os estudantes participaram ativamente ao deslocarem-se ao quadro para colocar os continentes, previamente elaborados em cartolina, nos locais corretos. Esta estratégia manipulativa revelou-se bastante positiva, uma vez que promoveu maior motivação e facilitou a compreensão dos conteúdos relacionados com a localização geográfica. Posteriormente, os alunos realizaram o puzzle de Portugal no caderno diário, demonstrando interesse e facilidade na consolidação das aprendizagens desenvolvidas ao longo da aula.

Por fim, a atividade “Passaporte do Viajante do Mundo” destacou-se como uma das implementações mais significativas e motivadoras para a turma. Nesta atividade, os alunos exploraram diferentes continentes através de estações de aprendizagem, realizando propostas relacionadas com aspetos culturais, geográficos e curiosidades de cada continente. Cada aluno possuía um passaporte onde colocava os respetivos selos após concluir as atividades propostas, o que contribuiu para aumentar o entusiasmo, a participação e o envolvimento ao longo da implementação.

Através da ficha de avaliação (figuras 109, 110, 111 e 112) aplicada no final das intervenções, foi possível verificar que a atividade “Passaporte do Viajante do Mundo” foi a atividade preferida dos alunos, como se pode observar na tabela apresentada. Este resultado demonstra que os alunos valorizam atividades dinâmicas, práticas e interativas, especialmente aquelas que promovem a descoberta, a exploração e a participação ativa no processo de aprendizagem.

The image shows four pages of a questionnaire. The first page has a header with a logo and text in Portuguese. The second page contains a table with a Likert scale from 'Muito bom' to 'Precisa melhorar' and a list of activities. The third and fourth pages contain multiple-choice questions in Portuguese.

Page 1: Header and Instructions

Atividade de Avaliação
avaliação de alunos

Realizada em: (Nome do Aluno) e (Nome do Professor)

Partilha a tua opinião sobre as atividades que fizeste sobre o meio local do meio global

Qual das atividades foi a mais interessante para ti? (Se não for nenhuma das atividades, indica a que mais gostas e a que menos gostas)

Resposta: _____

Page 2: Likert Scale Table

	Muito bom	Bom	Muito bom	Precisa melhorar
1. Conhecer o meio local e global				
2. Conhecer o meio local e global				
3. Conhecer o meio local e global				
4. Conhecer o meio local e global				
5. Conhecer o meio local e global				
6. Conhecer o meio local e global				
7. Conhecer o meio local e global				
8. Conhecer o meio local e global				
9. Conhecer o meio local e global				
10. Conhecer o meio local e global				

Page 3: Question 1

1. Qual das atividades foi a mais interessante para ti? (Se não for nenhuma das atividades, indica a que mais gostas e a que menos gostas)

Resposta: _____

Page 4: Question 2

2. Qual das atividades foi a mais interessante para ti? (Se não for nenhuma das atividades, indica a que mais gostas e a que menos gostas)

Resposta: _____

Figuras 109, 110, 111 e 112 – Inquérito por questionário de avaliação

As atividades implementadas permitiram que os alunos: participassem de forma responsável nas propostas apresentadas; trabalhassem de forma colaborativa; desenvolvessem conhecimentos relacionados com Portugal, os continentes e diferentes culturas; partilhassem ideias e saberes; e relacionassem os conteúdos abordados com situações do quotidiano.

Ao longo das intervenções, foi igualmente possível observar que os alunos demonstraram maior motivação e envolvimento quando as atividades incluíam componentes manipulativas, jogos pedagógicos, trabalho em grupo e exploração prática dos conteúdos. As estratégias utilizadas favoreceram a curiosidade, a comunicação e o desenvolvimento de aprendizagens mais significativas e contextualizadas.

No que diz respeito às atitudes e valores, as atividades implementadas contribuíram para o desenvolvimento do respeito pelo outro, da cooperação e da valorização da diversidade cultural. A exploração de diferentes continentes e realidades permitiu sensibilizar os alunos para a existência de diferentes culturas, promovendo atitudes de respeito, curiosidade e interesse pelo mundo que os rodeia.

5.2.1. Análise das respostas apresentadas pelos alunos no inquérito por questionário sobre as atividades implementadas 1.º Ciclo do EB

No final da implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, procedi à aplicação de um inquérito por questionário com o objetivo de compreender a opinião dos alunos relativamente às atividades desenvolvidas ao longo das intervenções. Este

instrumento de recolha de dados permitiu identificar as atividades consideradas mais significativas pelos alunos, bem como compreender o impacto das estratégias pedagógicas utilizadas no envolvimento e motivação da turma.

A análise das respostas obtidas, representadas no (gráfico 2) apresentado, permitiu verificar que as atividades que reuniram maior preferência por parte dos alunos foram a “Visita à Casa da Azenha” e o “Passaporte do Viajante do Mundo”. Para além disso, quatro alunos referiram ter gostado de todas as atividades implementadas ao longo do projeto, o que evidencia uma apreciação globalmente positiva das propostas pedagógicas desenvolvidas.

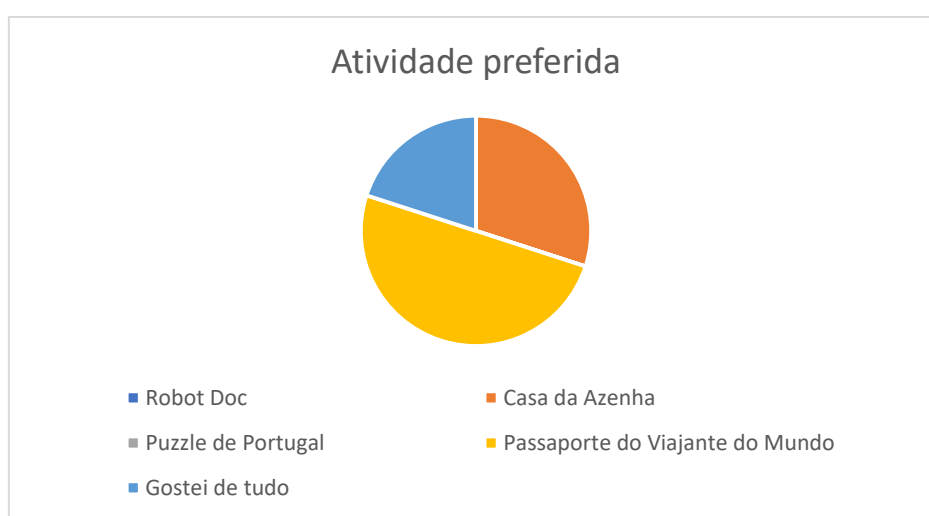


Gráfico 2- Atividade preferida

O entusiasmo demonstrado relativamente à atividade “Passaporte do Viajante do Mundo” poderá estar relacionado com o carácter dinâmico, lúdico e interativo da atividade, uma vez que os alunos tiveram oportunidade de explorar diferentes continentes através de estações de aprendizagem e completar o respetivo passaporte com selos. Esta dinâmica promoveu elevados níveis de motivação, participação e envolvimento por parte da turma.

Relativamente à “Visita à Casa da Azenha”, considera-se que o contacto direto com o património local e as atividades realizadas posteriormente em estações de aprendizagem contribuíram para tornar as aprendizagens mais significativas e contextualizadas. Os alunos demonstraram bastante interesse ao longo da visita e participaram ativamente nas propostas relacionadas com os modos de vida de outros tempos.

O facto de alguns alunos terem referido que gostaram de todas as atividades implementadas demonstra que as diferentes estratégias pedagógicas utilizadas foram ao encontro dos interesses e necessidades da turma. As atividades práticas, manipulativas e participativas revelaram-se especialmente importantes para promover o envolvimento dos alunos e favorecer aprendizagens mais significativas.

De forma global, os resultados obtidos permitem concluir que as atividades desenvolvidas ao longo do projeto contribuíram positivamente para a motivação, participação e interesse da turma, reforçando a importância da utilização de metodologias ativas e diversificadas no processo de ensino-aprendizagem, como se pode verificar no (gráfico 3):

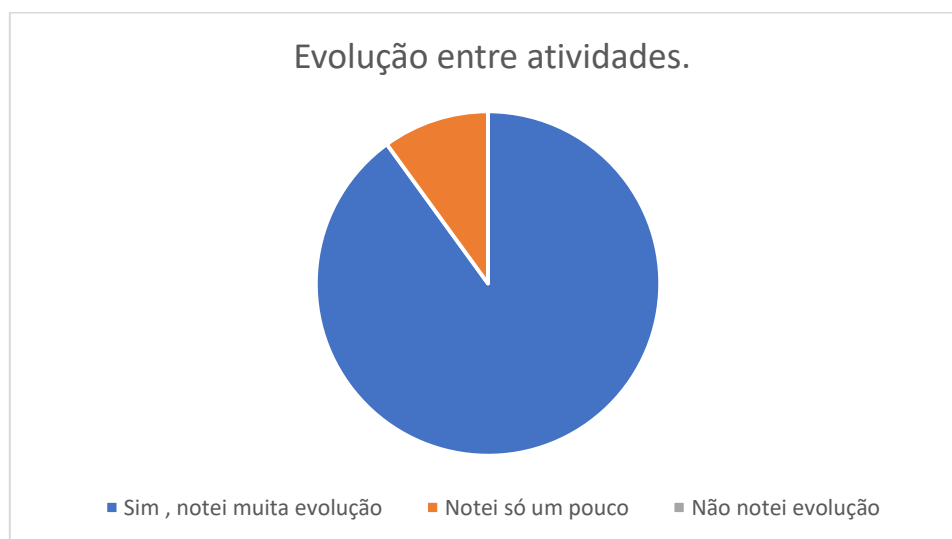


Gráfico 3- Evolução entre atividades

5.2.2. Breve conclusão sobre o Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionadas no 1.º CEB

Relativamente ao contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o estágio e a prática pedagógica supervisionada revelaram-se fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional, permitindo-me contactar diretamente com a realidade da sala de aula e compreender, de forma mais concreta, o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. A possibilidade de planificar, implementar e refletir sobre diferentes intervenções pedagógicas contribuiu significativamente para a construção da minha identidade enquanto futura docente.

Ao longo deste percurso, foi essencial o apoio constante da professora cooperante, quer através do auxílio na elaboração das planificações, quer na partilha de sugestões, estratégias e orientações pedagógicas. O envolvimento e participação da turma nas diferentes atividades desenvolvidas constituíram igualmente um fator muito importante, contribuindo para tornar esta experiência mais enriquecedora e motivadora. Também as situações inesperadas vivenciadas ao longo do estágio, como a necessidade de assumir a turma durante períodos mais prolongados, permitiram desenvolver competências relacionadas com a autonomia, gestão da sala de aula e capacidade de adaptação.

O Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada desenvolvido no 1.º CEB possibilitou-me compreender a importância de implementar estratégias diversificadas, práticas e significativas, centradas nos interesses e necessidades dos alunos. As atividades desenvolvidas, como “Instituições e serviços com o robot DOC”, “Visita à Casa da Azenha”, “Puzzle de Portugal” e “Passaporte do Viajante do Mundo”, promoveram aprendizagens mais dinâmicas e participativas, favorecendo o envolvimento ativo dos alunos no processo educativo.

Ao longo das intervenções, constatei que os alunos demonstram maior motivação e interesse quando as atividades incluem componentes manipulativas, lúdicas e de exploração prática. A utilização de estratégias participativas permitiu desenvolver não só conhecimentos relacionados com os conteúdos curriculares, mas também competências sociais, de comunicação, colaboração e partilha.

As atividades implementadas contribuíram igualmente para despertar nos alunos uma maior curiosidade pelo mundo que os rodeia, promovendo a valorização de diferentes culturas, espaços e realidades. A exploração dos continentes, de Portugal e do património local favoreceu aprendizagens significativas e contextualizadas, permitindo aos alunos relacionar os conteúdos abordados com experiências concretas e próximas do seu quotidiano.

Considero, ainda, que este estágio me permitiu crescer enquanto futura professora, desenvolvendo maior confiança, capacidade de reflexão e consciência sobre a importância de uma prática pedagógica flexível, intencional e centrada no aluno. Apesar de não ter sentido grandes dificuldades ao longo das implementações, reconheço que algumas atividades poderiam ter sido mais aprofundadas e melhor articuladas entre si, de forma a potenciar ainda mais as aprendizagens dos alunos.

Em suma, todas as experiências vivenciadas no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento profissional e pessoal, reforçando a importância de

uma prática educativa dinâmica, reflexiva e promotora de aprendizagens significativas. Estas vivências serão, sem dúvida, fundamentais para a minha futura prática docente e para a construção contínua da minha identidade profissional.

Considerações finais, limitações e recomendações

No presente capítulo apresento uma reflexão final acerca de todo o percurso desenvolvido ao longo da Prática de Ensino Supervisionada em contexto de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Desta forma, procuro refletir criticamente sobre as aprendizagens adquiridas, as experiências vivenciadas e os contributos das diferentes implementações realizadas ao longo do estágio, bem como sobre as limitações encontradas e algumas recomendações para futuras práticas educativas.

As atividades desenvolvidas ao longo do Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada revelaram-se particularmente pertinentes para o desenvolvimento do conhecimento do “local” e do “global” por parte das crianças e dos alunos. A exploração do meio próximo, através de atividades relacionadas com a escola, o património local e o território português, permitiu fortalecer o sentido de pertença, identidade e conhecimento do espaço envolvente. Simultaneamente, a abordagem de realidades mais amplas, nomeadamente a exploração dos continentes e de diferentes culturas, possibilitou o alargamento da compreensão do mundo, promovendo atitudes de curiosidade, respeito pela diversidade e consciência de que o espaço local se encontra integrado num contexto global. Desta forma, as atividades implementadas contribuíram para que as crianças e os alunos desenvolvessem uma visão mais abrangente do mundo, compreendendo as relações entre o próximo e o distante, o local e o global, e assumindo uma postura mais consciente e responsável perante a realidade que os rodeia.

No que respeita aos objetivos definidos para o presente Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, considero que, de uma forma geral, estes foram alcançados de forma satisfatória. As atividades implementadas permitiram promover a exploração progressiva do Meio Local, Nacional e Global, tanto no contexto da Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, proporcionando às crianças e aos alunos experiências de aprendizagem significativas e contextualizadas. Verificou-se igualmente o desenvolvimento de competências relacionadas com a perceção espacial, a identidade cultural, a cidadania e o respeito pela diversidade, sobretudo através da exploração de Portugal, dos continentes e de diferentes realidades culturais. As metodologias ativas, lúdicas e participativas adotadas ao longo das intervenções revelaram-se adequadas, favorecendo aprendizagens significativas, estimulando a curiosidade, o pensamento crítico e o interesse pelo conhecimento do mundo envolvente. De igual modo, foram promovidas atitudes de cooperação, respeito e valorização da diferença, observando-se uma participação ativa dos alunos e das crianças nas diversas propostas

pedagógicas. Relativamente aos objetivos específicos, foi possível constatar que as crianças e os alunos desenvolveram conhecimentos sobre o Meio Local, melhoraram as noções de orientação espacial e de localização geográfica e reconheceram Portugal no contexto europeu e mundial. A exploração dos continentes permitiu alargar a compreensão do mundo e promover o contacto com diferentes culturas e modos de vida, sensibilizando para a importância da diversidade cultural. Verificou-se, igualmente, o desenvolvimento de competências de comunicação, cooperação e trabalho em grupo, bem como a utilização de recursos diversificados, nomeadamente materiais manipulativos, recursos visuais e algumas ferramentas tecnológicas. Apesar dos resultados positivos, reconheço que alguns objetivos poderiam ter sido alcançados de forma mais aprofundada, nomeadamente no que se refere à exploração de determinadas realidades globais e à articulação entre algumas implementações. Algumas atividades poderiam ter sido mais desenvolvidas e interligadas, permitindo uma consolidação mais consistente de determinados conhecimentos e competências. Contudo, estas limitações não comprometeram o alcance global dos objetivos definidos, tendo o projeto contribuído de forma significativa para o desenvolvimento das crianças e dos alunos, bem como para a minha formação enquanto futura educadora e professora.

Apesar das várias aprendizagens e experiências positivas proporcionadas pelo Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, foram também identificadas algumas limitações ao longo da sua implementação. Uma das principais limitações relacionou-se com o fator tempo, que condicionou o aprofundamento de algumas atividades e a possibilidade de estabelecer uma articulação mais consistente entre determinadas implementações. Considero igualmente que algumas propostas poderiam ter sido exploradas de forma mais aprofundada, permitindo uma consolidação mais significativa dos conhecimentos desenvolvidos pelas crianças e pelos alunos. Para além disso, a gestão do tempo letivo e a necessidade de adequar as atividades às dinâmicas e ritmos de aprendizagem de cada grupo constituíram desafios constantes ao longo do projeto. Contudo, estas limitações foram encaradas como oportunidades de reflexão e crescimento profissional, permitindo-me compreender a importância de uma prática pedagógica flexível, reflexiva e em constante aperfeiçoamento.

No que concerne às recomendações, considera-se importante que as instituições educativas valorizem e promovam, de forma mais regular, a realização de saídas ao exterior e atividades de exploração do meio, uma vez que estas proporcionam experiências de aprendizagem significativas e permitem às crianças e aos alunos estabelecer uma relação mais próxima com o meio envolvente. As visitas a parques, jardins, espaços naturais, locais de interesse histórico e cultural ou instituições da

comunidade constituem oportunidades privilegiadas para desenvolver conhecimentos sobre o meio local e global, favorecendo simultaneamente a observação, a curiosidade, a investigação e o pensamento crítico.

Recomenda-se, igualmente, uma maior articulação entre a escola e as entidades da comunidade, de modo a facilitar a realização de atividades em contexto real e a diversificar as experiências educativas proporcionadas às crianças e aos alunos. Seria ainda pertinente incentivar a implementação de projetos interdisciplinares que integrem saídas de campo e atividades ao ar livre, promovendo aprendizagens mais contextualizadas, ativas e significativas. Por fim, considera-se fundamental que os docentes continuem a investir em práticas pedagógicas que valorizem o contacto direto com o meio, reconhecendo que muitas das aprendizagens mais significativas surgem a partir da experiência, da descoberta e da interação com o mundo que rodeia as crianças.

Ao longo deste percurso, tive oportunidade de desenvolver diversas atividades pedagógicas que contribuíram significativamente para o meu crescimento pessoal e profissional. As implementações realizadas permitiram-me compreender melhor a importância de uma prática pedagógica intencional, dinâmica e centrada nos interesses e necessidades das crianças e dos alunos. Para além disso, possibilitaram-me desenvolver competências relacionadas com a planificação, gestão da sala, adaptação de estratégias pedagógicas e construção de relações positivas com os grupos.

No contexto da Educação Pré-Escolar, as implementações desenvolvidas centraram-se sobretudo na exploração do meio envolvente, da identidade cultural e da localização espacial, promovendo aprendizagens significativas através de atividades práticas, lúdicas e participativas. Uma das atividades implementadas foi “O mapa da minha escola”, através da qual as crianças tiveram oportunidade de explorar os diferentes espaços da instituição educativa e compreender melhor a organização do meio que as rodeia. Esta atividade revelou-se particularmente importante, pois permitiu desenvolver noções espaciais, capacidades de observação e orientação, ao mesmo tempo que promoveu a autonomia e o conhecimento do ambiente escolar.

Outra atividade significativa foi a exploração do “Galo de Barcelos”, onde procurei trabalhar elementos relacionados com a cultura e tradição portuguesa. Através desta implementação, as crianças puderam conhecer uma das figuras mais emblemáticas do património cultural português, explorando simultaneamente aspetos ligados à expressão plástica, à oralidade e ao conhecimento do mundo. O

interesse demonstrado pelas crianças evidenciou a importância de valorizar tradições culturais desde a Educação Pré-Escolar, promovendo o desenvolvimento do sentido de identidade e pertença cultural.

A implementação do “Mapa de Portugal e do Globo Terrestre” constituiu igualmente uma experiência muito enriquecedora. Através desta atividade, as crianças tiveram oportunidade de contactar com representações do espaço, identificar Portugal e compreender que o país faz parte de um mundo mais vasto. A exploração do globo terrestre despertou grande curiosidade nas crianças, permitindo introduzir, de forma simples e adequada à faixa etária, noções relacionadas com localização, continentes e diversidade cultural. Estas experiências mostraram-me a importância de proporcionar aprendizagens contextualizadas e significativas desde os primeiros anos de educação.

Relativamente ao contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, as implementações realizadas permitiram desenvolver atividades mais diversificadas e integradas, promovendo a participação ativa dos alunos e a articulação entre diferentes áreas curriculares. Uma das primeiras implementações desenvolvidas foi a exploração do tema “Instituições e serviços”, recorrendo ao robot DOC como recurso pedagógico. Esta atividade revelou-se bastante motivadora para os alunos, uma vez que integrou tecnologia educativa de forma dinâmica e interativa. A utilização do robot permitiu trabalhar conteúdos de Estudo do Meio de uma forma mais prática e envolvente, promovendo simultaneamente competências de orientação, raciocínio e resolução de problemas.

Outra experiência extremamente significativa foi a visita à Casa da Azenha e as respetivas atividades realizadas posteriormente em estações de aprendizagem. Esta implementação revelou-se particularmente enriquecedora, pois permitiu aos alunos contactar diretamente com elementos do património local e compreender aspetos relacionados com modos de vida de outros tempos. As atividades organizadas em estações possibilitaram aprendizagens mais dinâmicas e participativas, incentivando o trabalho cooperativo, a observação e a exploração ativa dos conteúdos. Posteriormente, a produção de texto realizada pelos alunos permitiu consolidar conhecimentos e desenvolver competências de escrita, expressão e organização de ideias.

A implementação do “Puzzle de Portugal” constituiu também uma experiência bastante positiva e significativa. Através desta atividade, os alunos tiveram oportunidade de localizar Portugal no mundo e compreender a sua integração no continente europeu. Inicialmente, foram explorados os diferentes continentes, promovendo-se momentos de diálogo e descoberta sobre as características de cada um. Os alunos participaram ativamente ao deslocarem-se ao quadro para colocar, corretamente, os

continentes previamente elaborados em cartolina nos respetivos locais. Esta componente prática e manipulativa revelou-se muito motivadora, favorecendo a consolidação das aprendizagens. Posteriormente, os alunos realizaram o puzzle de Portugal no caderno diário, o que permitiu reforçar conhecimentos relacionados com a localização geográfica e organização territorial.

Por fim, o “Passaporte do Viajante do Mundo” revelou-se uma das atividades mais marcantes e motivadoras para os alunos. Esta implementação permitiu explorar diferentes continentes através de estações de aprendizagem, onde os alunos realizaram atividades relacionadas com características culturais, geográficas e curiosidades de cada continente. Cada aluno possuía um passaporte onde colocava os respetivos selos após concluir as atividades propostas. Esta dinâmica tornou a aprendizagem mais significativa, lúdica e participativa, despertando elevados níveis de entusiasmo e envolvimento. A construção do mural final contribuiu igualmente para valorizar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e promover momentos de partilha e reflexão coletiva.

Considero que todas estas implementações foram extremamente importantes para o meu desenvolvimento enquanto futura docente, permitindo-me compreender melhor a importância de diversificar estratégias pedagógicas e promover aprendizagens ativas e significativas. As atividades práticas, manipulativas e interativas revelaram-se particularmente eficazes na promoção da motivação e participação dos alunos, demonstrando que as crianças aprendem de forma mais significativa quando participam ativamente no processo de ensino-aprendizagem.

Para além das atividades previamente planificadas no âmbito do projeto, tive também a oportunidade de dinamizar e participar em diversas outras experiências educativas, tanto no contexto da Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estas experiências revelaram-se fundamentais para o meu desenvolvimento profissional, permitindo-me consolidar competências ao nível da planificação, gestão do grupo e adaptação a diferentes situações pedagógicas.

No contexto da Educação Pré-Escolar, procurei sempre diversificar as atividades, promovendo momentos lúdicos e significativos para as crianças. No âmbito da comemoração do Halloween, dinamizei uma atividade que integrou uma experiência prática, aliada a um momento de expressão motora, através da exploração de uma música com coreografia. Esta atividade permitiu trabalhar não só conteúdos relacionados com o conhecimento do mundo, mas também aspetos ligados à educação física, como a coordenação motora, o ritmo e a expressão corporal, promovendo simultaneamente o envolvimento e a motivação do grupo.

Durante a época natalícia, desenvolvi uma atividade que teve como objetivo a construção de um elemento decorativo para as crianças levarem para casa. Esta proposta procurou valorizar a ligação escola-família, permitindo às crianças partilharem com os seus familiares o trabalho realizado em contexto educativo. Para além disso, foi possível desenvolver competências ao nível da motricidade fina, da criatividade e da autonomia.

No âmbito da celebração do Dia de Reis, dinamizei atividades relacionadas com esta tradição, nomeadamente a construção de coroas, a exploração de letras e a realização de elementos decorativos como o sol, as nuvens e os guarda-chuvas, que foram posteriormente utilizados na decoração do mural da entrada da sala de Pré-Escolar. Estas atividades contribuíram para o desenvolvimento da expressão plástica e para a valorização de tradições culturais, promovendo o sentido de pertença e identidade.

Outra atividade relevante foi a exploração da obra *A Pequena Sementinha*, que constituiu um ponto de partida para o desenvolvimento de uma atividade manual. A partir da leitura e interpretação da história, as crianças tiveram a oportunidade de refletir sobre o crescimento das plantas e, posteriormente, de representar essa aprendizagem através de uma produção plástica. Esta abordagem permitiu articular a linguagem oral com o conhecimento do mundo e a expressão artística, promovendo aprendizagens integradas.

Para além das atividades desenvolvidas em sala, tive também a oportunidade de participar na ida ao teatro, onde colaborei ativamente na organização do grupo, nomeadamente no acompanhamento do percurso, bem como na gestão das entradas e saídas. Esta experiência revelou-se importante para o desenvolvimento de competências relacionadas com a gestão de grupo em contexto exterior, exigindo atenção, responsabilidade e capacidade de organização.

Relativamente ao contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a minha intervenção foi igualmente enriquecedora e desafiante. Logo na primeira semana, tive a oportunidade de lecionar uma aula de Matemática, centrada na introdução da tabuada do 10, o que constituiu um momento importante para o desenvolvimento da minha confiança enquanto docente.

Posteriormente, vivi uma experiência particularmente significativa ao assumir a turma durante uma semana completa, devido à ausência da professora titular por motivos de saúde. Durante esse período, fiquei responsável pela gestão da turma e pela leção das diferentes áreas disciplinares, nomeadamente Português, Matemática e Estudo do Meio. Apesar de contar com orientações

fornecidas pela professora através de mensagens, esta situação exigiu de mim uma maior autonomia, capacidade de adaptação e responsabilidade, constituindo um desafio que encarei de forma muito positiva.

Para além disso, ao longo do estágio, lecionei várias vezes a disciplina de Estudo do Meio, uma vez que a professora cooperante desempenhava funções de coordenação do centro escolar, estando frequentemente ausente da sala. Nessas ocasiões, fui solicitada a assumir a turma, o que me proporcionou oportunidades adicionais de intervenção pedagógica. Estas experiências foram particularmente significativas, pois permitiram-me desenvolver competências ao nível da gestão da sala de aula, da comunicação e da implementação de estratégias de ensino, reforçando simultaneamente o meu gosto pela prática docente.

Em suma, todas estas experiências contribuíram de forma significativa para o meu crescimento pessoal e profissional, permitindo-me refletir sobre a importância da flexibilidade, da capacidade de adaptação e da construção de relações positivas com as crianças. A diversidade de situações vivenciadas reforçou a minha consciência sobre a complexidade do papel do educador/professor e sobre a necessidade de uma prática pedagógica intencional, reflexiva e centrada no aluno.

Apesar de todas as aprendizagens e experiências positivas vivenciadas ao longo do estágio, também surgiram algumas limitações e desafios. Uma das principais limitações relacionou-se com a gestão do tempo disponível para implementar todas as atividades inicialmente previstas. Algumas propostas necessitariam de mais tempo para serem exploradas de forma mais aprofundada, permitindo uma maior consolidação das aprendizagens.

Outra limitação esteve relacionada com a necessidade constante de adaptação às dinâmicas dos grupos e aos imprevistos do contexto educativo. Contudo, estas situações permitiram-me compreender melhor a importância da flexibilidade e da capacidade de reajustar estratégias pedagógicas de acordo com as necessidades das crianças e dos alunos.

Relativamente às recomendações para futuras práticas educativas, considero fundamental continuar a privilegiar metodologias ativas, participativas e diferenciadas, que promovam a motivação e o envolvimento das crianças e dos alunos. A utilização de recursos manipulativos, tecnológicos e atividades práticas revelou-se extremamente positiva, contribuindo para aprendizagens mais significativas e contextualizadas.

Considero igualmente importante valorizar atividades relacionadas com a exploração do meio, da multiculturalidade e do património cultural, promovendo o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes, críticos e culturalmente sensíveis. A articulação entre diferentes áreas curriculares e a criação de experiências educativas integradas devem continuar a ser valorizadas enquanto estratégias fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

Apesar de todas as aprendizagens e experiências positivas vivenciadas ao longo do estágio, considero que não senti grandes dificuldades durante a implementação das atividades pedagógicas, uma vez que procurei sempre adaptar-me às características dos grupos e às diferentes situações que surgiam no contexto educativo. O acompanhamento das educadoras e professoras cooperantes, bem como a relação positiva estabelecida com as crianças e os alunos, contribuíram igualmente para que o desenvolvimento das intervenções decorresse de forma tranquila e enriquecedora.

Contudo, ao refletir sobre a minha prática pedagógica, reconheço que algumas das implementações realizadas poderiam ter sido mais aprofundadas e melhor articuladas entre si. Em determinados momentos, considero que teria sido pertinente explorar alguns conteúdos durante mais tempo, permitindo uma consolidação mais significativa das aprendizagens e uma maior ligação entre as diferentes atividades desenvolvidas. Da mesma forma, algumas propostas poderiam beneficiar de uma articulação mais evidente entre as várias áreas curriculares e de uma continuidade pedagógica mais consistente, favorecendo aprendizagens ainda mais integradas e contextualizadas.

Ainda assim, estas reflexões revelaram-se extremamente importantes para o meu crescimento profissional, pois permitiram-me desenvolver uma postura mais crítica e consciente relativamente à prática educativa. Compreendi que o processo de ensino-aprendizagem exige uma constante reflexão e adaptação, sendo fundamental avaliar continuamente as estratégias implementadas, de forma a melhorar futuras intervenções pedagógicas.

Em suma, todas as experiências vivenciadas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada contribuíram significativamente para a construção da minha identidade profissional enquanto futura educadora e professora. Este percurso permitiu-me desenvolver competências pedagógicas, relacionais e organizacionais fundamentais para a prática docente, reforçando a importância de uma educação centrada na criança e no aluno, promotora de inclusão, participação e desenvolvimento integral.

Referências bibliográficas

- Ausubel, D. P. (2003). *Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva*. Plátano.
- Beane, J. A. (1997). *Curriculum integration: Designing the core of democratic education*. Teachers College Press.
- Black, P., & Wiliam, D. (1998). Assessment and classroom learning. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 5(1), 7–74. <https://doi.org/10.1080/0969595980050102>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Bruner, J. (1996). *The culture of education*. Harvard University Press.
- Cachinho, H. (2019). Desafios da formação em Geografia e na educação geográfica: Conhecimento poderoso e conceitos liminares. *Revista Educação Geográfica em Foco*, 3(6). <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1148>
- Castellar, S. M. V., & Paula, I. R. de. (2017). O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. *Revista Educação Geográfica em Foco*, 1(1). <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/30>
- Castro, M. (2019). *Didática no ensino da Geografia*. Instituto Politécnico de Portalegre.
- Castro, M. (2022). Formação de educadores e professores do 1.º CEB: Uma experiência no Parque Natural da Serra de São Mamede. *Brazilian Journal of Development*, 8(9). <https://doi.org/10.34117/bjdv8n9-160>
- Coll, C. (2001). *Psicologia e currículo: Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. Porto Editora.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355–379.

Delors, J. (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir* (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI). Edições Asa.

Dewey, J. (1938). *Experience and education*. Macmillan.

Egan, K. (1990). *Romantic understanding: The development of rationality and imagination, ages 8–15*. Routledge.

Egan, K. (1992). *Imagination in teaching and learning*. University of Chicago Press.

Egan, K. (1997). *The educated mind: How cognitive tools shape our understanding*. University of Chicago Press.

Fernandes, D. A. de L. (s.d.). *Práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental: Uma formação continuada* [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado da Bahia].

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Prentice Hall.

Latorre, A. (2003). *La investigación-acción: Conocer y cambiar la práctica educativa*. Graó.

Lloyd, A., & Gray, T. (2018). Place-based outdoor learning and environmental sustainability within Australian primary schools. *Journal of Sustainability Education*, 17.

Malaguzzi, L. (1998). History, ideas, and basic philosophy. In C. Edwards, L. Gandini, & G. Forman (Eds.), *The hundred languages of children* (2nd ed., pp. 49–97). Ablex Publishing.

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., & Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: Formação de professores*. Ministério da Educação.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto Editora.

Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens essenciais – Estudo do Meio (1.º Ciclo do Ensino Básico)*. Direção-Geral da Educação.

Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2007). *Pedagogia(s) da infância: Reconstruindo uma práxis de participação*. Porto Editora.

Palmer, J. (1998). *Environmental education in the 21st century: Theory, practice, progress and promise*. Routledge.

Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Artmed.

Silva, A. (2014). A investigação-ação no projeto de investigação do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo do ensino básico. In *Atas/Capítulo de livro*. <http://hdl.handle.net/10400.26/9039>

Valentim, F. X. (2024). *Brincadeiras e o ensino da Geografia: Evidências colhidas no estágio supervisionado em uma turma do 1.º ano do ensino fundamental em uma escola pública no município de Pacatuba – CE* [Monografia de licenciatura, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira]. Repositório Institucional da UNILAB.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. Martins Fontes.

Weikart, D. P. (1995). *Active learning: The foundation of the HighScope approach*. HighScope Press.

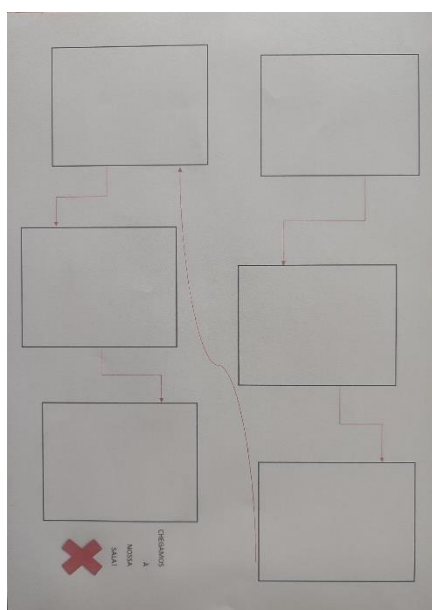
Zabala, A. (2015). *A prática educativa: Como ensinar*. Penso Editora.

Anexos

Anexo 1- Inquérito por questionário de avaliação das aulas lecionadas - Pré-Escolar 1.º CEB



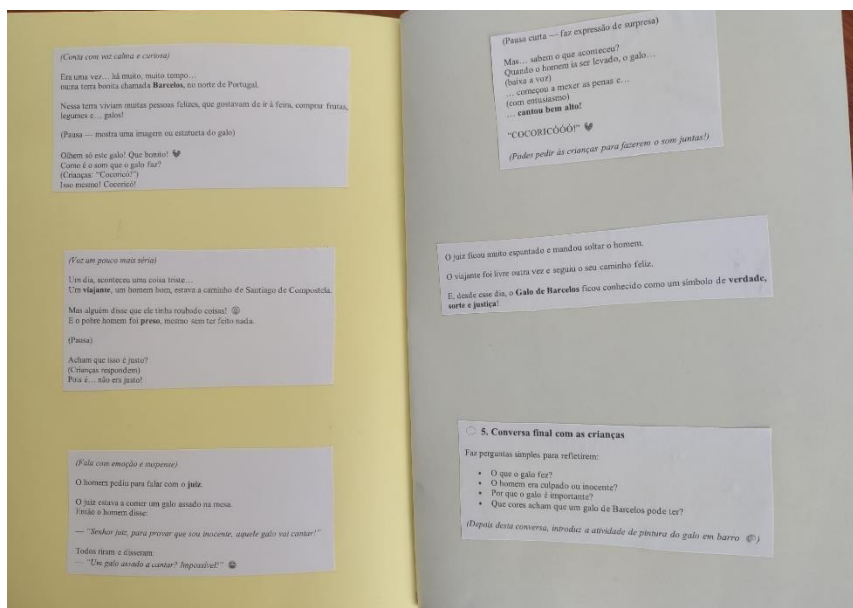
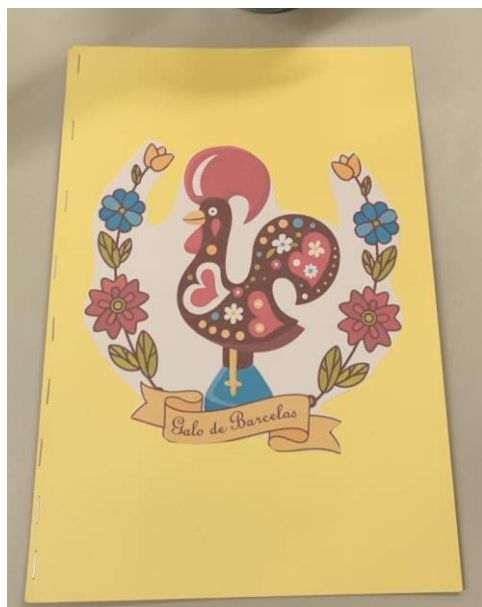
Anexo 2 – Folha usada para o mapa da minha escola



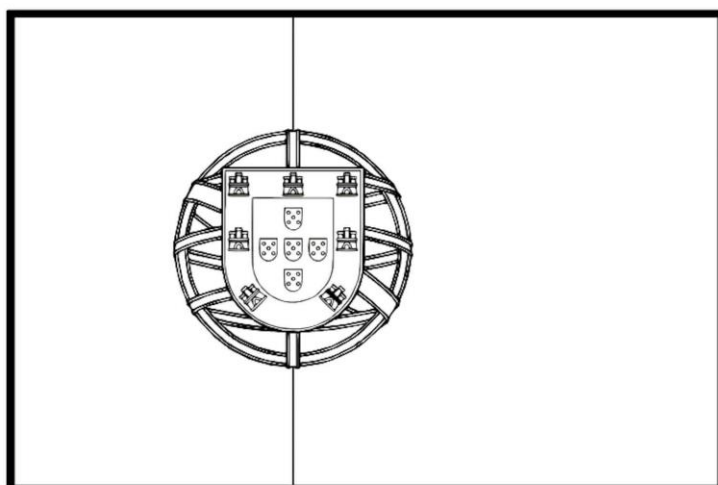
Anexo 3 - Imagens usadas na atividade galo de Barcelos



Anexo 4– Livro “Lenda do Galo” adaptado por mim Pré-Escolar



Anexo 5 – Fichas utilizadas para a atividade de Portugal no Pré-Escolar



PORTUGAL



Anexo 6 – Imagem do mapa de Portugal utilizado no Pré-Escolar



Anexo 7 – Imagem do mapa mundo utilizado no Pré-Escolar



Anexo 8– Livro “Respeitem-se e tratem-se bem” Lúcia Serrano Pré-Escolar



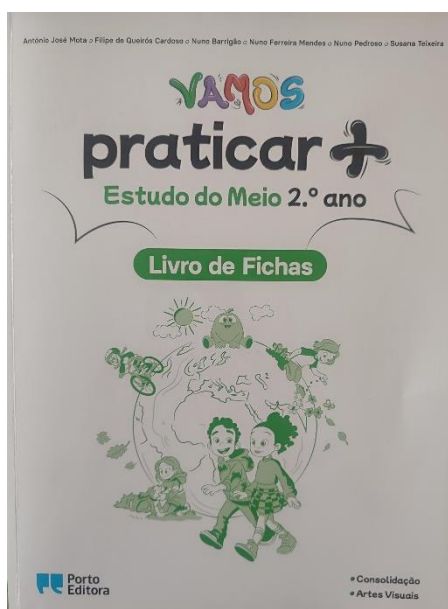
Anexo 9 – Super Doc



Anexo 10– Tapete utilizado no 1.º ciclo do EB (feito por mim)



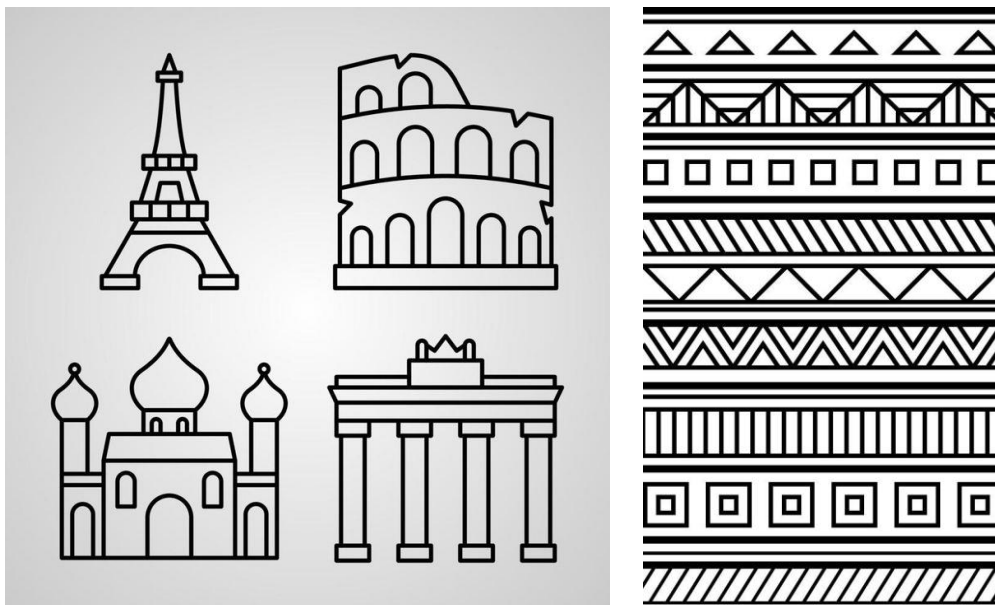
Anexo 11 – Puzzle Mapa de Portugal– 1º CEB

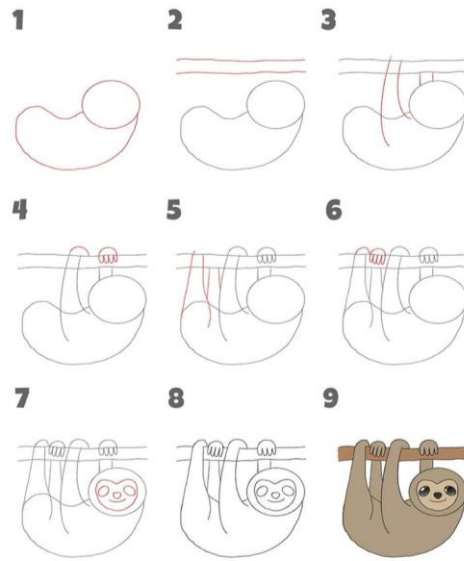


Anexo 12 – Passaporte do viajante do mundo – 1º CEB



Anexo 13 - Imagens usadas nas estações da atividade do Passaporte do viajante do Mundo- 1º CEB







Desenha por cima das letras japonesas ↗

Ivan	イヴァン
Laura	ラウラ
Lucas	ルーカス
Simão	シマオン
Matheus	マテウス
Helena	ヘレナ
Rodrigo	ロドリゴ
Julien	ジュリアン
Mia	ミア
Rita	リタ
Santiago	サンティアゴ
Vivian	ヴィヴィアン
Lara	ララ

Nomes em "Escrita Asiática" (Japonês)

Atividade – 2.º Ano

Nome	Escrita Japonesa
Ivan	イヴァン
Laura	ラウラ
Lucas	ルーカス
Simão	シマオン
Matheus	マテウス
Helena	ヘレナ
Rodrigo	ロドリゴ
Julien	ジュリアン
Mia	ミア
Rita	リタ
Santiago	サンティアゴ
Vivian	ヴィヴィアン
Lara	ララ
Coutada	コウタダ
Ana Luísa	アナ・ルイス
Sousa	ゾウサ
Barbosa	バルボザ
Berniz	ベアトリス
Julietta	ジュリエッタ
Martim	マルティン

Anexo 14 – Imagens usadas nas estações da atividade da Casa da Azenha 1ºCEB



Anexo 15– Recado para autorização de saída da escola- 1ºCEB

Informação Visita à Azenha Atividade: "A Vida em redor do rio – Azenhas, serrações e Pesqueiras" 28 de abril No próximo dia 28 de abril (3.ª feira), os alunos do 2.º ano da turma 06C participarão na atividade "A Vida em redor do rio – Azenhas, serrações e Pesqueiras" promovida pela Câmara Municipal e que decorrerá entre as 9H00 e as 13h00. Os alunos deverão fazer-se acompanhar de uma pequena lancheta com o lanche da manhã e uma garrafa de água. Recomenda-se também o uso de calçado e roupa confortável. A deslocação far-se-á em meio de transporte TUBA, pelo que os alunos devem fazer-se acompanhar, obrigatoriamente, do seu passe TUBA.	Informação Visita à Azenha Atividade: "A Vida em redor do rio – Azenhas, serrações e Pesqueiras" 28 de abril No próximo dia 28 de abril (3.ª feira), os alunos do 2.º ano da turma 06C participarão na atividade "A Vida em redor do rio – Azenhas, serrações e Pesqueiras" promovida pela Câmara Municipal e que decorrerá entre as 9H00 e as 13h00. Os alunos deverão fazer-se acompanhar de uma pequena lancheta com o lanche da manhã e uma garrafa de água. Recomenda-se também o uso de calçado e roupa confortável. A deslocação far-se-á em meio de transporte TUBA, pelo que os alunos devem fazer-se acompanhar, obrigatoriamente, do seu passe TUBA.
--	--

Autorização Eu, _____ Encarregado(a) de Educação do (a) aluno(a) _____ _____, nº _____, da turma _____ AUTORIZO / NÃO AUTORIZO (riscar o que não interessa) a participar na atividade "A Vida em redor do rio – Azenhas, serrações e Pesqueiras", no dia 28 de abril Dessa forma concordo com a informação disponibilizada. Data ____/____/____ Assinatura	Autorização Eu, _____ Encarregado(a) de Educação do (a) aluno(a) _____ _____, nº _____, da turma _____ AUTORIZO / NÃO AUTORIZO (riscar o que não interessa) a participar na atividade "A Vida em redor do rio – Azenhas, serrações e Pesqueiras", no dia 28 de abril Dessa forma concordo com a informação disponibilizada. Data ____/____/____ Assinatura
---	---

Anexo 16- Ficha sobre a casa da zaenha o que aprenderam na visita 1ºCEB



UNIVERSIDADE DO MINHO

Instituto de Educação

Ficha de Trabalho – A Azenha e a Força da Água

Nome: _____

Data: _____ Ano: _____

1. Ordena

Enumera de 1 a 3 pela ordem correta como acontece na roda da Azenha:

() A roda começa a mexer

() A água bate na roda

() A água do rio passa

2. Escolhe a resposta certa: O que faz a roda da azenha mexer?

☐ O vento

☐ A água

☐ As pessoas

3. Completa a frase: A água faz a roda mexer porque tem _____.

☐ força

☐ cor

☐ frio

4. Ilustra

Desenha a roda da azenha a funcionar com a água do rio.

5. Pensa e responde, para que sirva a azenha?

6. O que aprendi? Escreve uma coisa que aprendeste:

Anexo 17 - Ficha de produção escrita Casa da Azenha 1.ºCEB



UNIVERSIDADE DO MINHO
Instituto de Educação

Ficha de Produção Escrita: O que aprendi sobre o rio

Nome: _____ Data: _____

O que aprendi sobre o rio?

Completa as frases com a ajuda das palavras do quadro.

1. Escreve:

Visitámos a _____ e aprendemos que _____

Antigamente as pessoas _____

Hoje fazemos de forma diferente porque _____

O que mais gostei foi _____

Banco de palavras (ajuda)

rio • azenha • roda • água • força • farrinha • moínho • lavar roupa • pescar • antigamente • hoje

Anexo 18 - Inquérito por questionário de avaliação das aulas lecionadas –1.º CEB



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mestrado em Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Partilha a tua opinião sobre as atividades que fizeste sobre o meio local ao meio global

Olá! Este inquérito foi criado para saber a tua opinião sobre as atividades que realizámos sobre o meio local ao meio global. A tua opinião é muito importante para perceber se aprendeste algo novo, se gostaste das atividades e como posso melhorar.

Responde com sinceridade! Não há respostas certas nem erradas, só quero saber o que achas. Obrigada por participares e por partilhares as tuas ideias!

Nome: _____

Data: ____/____/____

Assinala com um X a tua resposta 😊

As longo das atividades, eu...	Muito bem 😊	Mais ao menos 😊	Preciso melhorar 😊
Percebi melhor o mundo à minha volta			
Aprendi sobre a minha comunidade e os serviços			
Particpei nas atividades			
Trabalhei bem com os meus colegas			
Respeitei as regras			
Consegui resolver desafios (ex: programar o robô, fazer a minha azenha...)			
Gostei das atividades realizadas			

Agora pensa e responde:

1. Gostaste das atividades que realizámos? (Assinala com um X a opção que consideras correta)

Gostei muito. ()

Gostei um pouco. ()

Não gostei muito. ()

Qual foi a tua atividade preferida?

2.O que aprendi de mais importante:

3. Notei a evolução de umas atividades para as outras (do mais local para o mais global)?
(Assinala com um X a opção que consideras correta)

Sim, notei muita evolução. (☐)

Notei só um pouco. (☐)

Não notei evolução. (☐)

4. Sentiste-te seguro e confiante a fazer as atividades? (Assinala com um X a opção que consideras correta)

Sim, sentime seguro e confiante. (☐)

Não me senti muito confiante, mas tentei fazer o melhor possível. (☐)

Não me senti nada confiante e tive dificuldade em realizar. (☐)

5. Gostavas de fazer mais atividades como estas noutras disciplinas? (Assinala com um X a opção que consideras correta)

Sim, adorava! (☐)

Talvez, se fossem diferentes. (☐)

Não, prefiro outro tipo de atividades. (☐)

6.O que achei mais difícil:
